

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Um estudo qualitativo sobre a perceção dos pais, educadores de
infância e dos profissionais de IPI relativas à Intervenção Precoce na
Infância em Portugal

Ana Catarina da Fonseca Neves Roberto

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutora Tânia Boavida, Investigadora CIS-IUL

Outubro, 2018

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Um estudo qualitativo sobre a perceção dos pais, educadores de
infância e dos profissionais de IPI relativas à Intervenção Precoce na
Infância em Portugal

Ana Catarina da Fonseca Neves Roberto

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientador(a):

Doutora Tânia Boavida, Investigadora CIS-IUL

Outubro, 2018

"Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade
do que a forma como ela trata as suas crianças"

Nélson Mandela

Agradecimentos

Obrigada...

... aos meus avós por serem o melhor exemplo de trabalho, dedicação e amor que eu tive na vida!

... à minha mãe e ao meu pai' drasto pela nossa relação disfuncional, mas que ao mesmo tempo quando é necessário são sempre um porto de abrigo!

... à minha segunda mãe, Tia Carla, por ser sempre a primeira a acreditar em mim e a querer o melhor para mim!

... às minhas irmãs (Leonor, estás incluída!) por me ensinarem que não tem mal voar sozinha desde que saibamos onde voltar!

... às minhas irmãs emprestadas Matilde e Carolina por simplesmente gostarem muito de mim!

... à Cláudia e à Sara, por serem as melhores amigas que alguma vez poderia sonhar ter!

... ao João, por tudo o que fez e aturou por mim!

... aos mais bem-dispostos por estarem sempre presentes nos melhores e nos piores dos dias!

... ao Rafa, ao Edu e à Marisa por me fazerem sempre rir e sermos amigos de verdade!

... à minha equipa de animação, por me deixar a porta sempre aberta!

... aos meus lobitos pela alegria que me recebem sempre que estou muito tempo sem aparecer!

... a todas as COP'inhas por me terem ensinado e deixado ensinar, tornando-se melhores que eu!

... às minhas "filhas" e à Ana Dias por terem crescido tanto!

... aos meus últimos amigos!

... a Psicologia e ao ISCTE, por tudo o resto!

... à Mafalda, à Sofia e à Lili por parecer que nos vemos todos os dias sempre que nos encontramos!

...por último, e com o papel mais importante para a conclusão deste trabalho, à Professora Tânia Boavida por nunca ter desistido de mim e continuado a acreditar neste trabalho!

Obrigada por tudo!

Resumo

Este estudo qualitativo exploratório tem como principal objetivo de analisar a percepção de educadores de sala de jardim de infância, pais e profissionais de intervenção precoce na infância (IPI) sobre as diferentes fases do processo de intervenção e os limites da sua implementação. Neste estudo participaram oito profissionais de IPI, cinco educadoras e quatro pais divididos por três *focus group*. Para a análise de conteúdo foram criados 68 códigos, 13 categorias e cinco *headlines* que demonstram os principais resultados. Assim, os principais resultados deste trabalho foram: (1) o trabalho do profissional é descrito consistentemente com palavras positiva, implementado no contexto e com exemplos de práticas de apoio à participação e relacionais; (2) existe um contínuo de práticas de colaboração sendo a prática mais predominante o apoio de um-para-um com a criança; (3) os profissionais de IPI esperam que os cuidadores estejam envolvidos, que aceitem a situação do seu filho e que sejam honestos em relação aos apoios sendo que o maior número de justificações para a escolha de práticas estão relacionadas com limitações dos mesmos; (4) os cuidadores demonstram receio pelo fim do apoio da ELI ao mesmo tempo que desejam uma intervenção centrada na criança e aliada à família; e (6) os cuidadores reconhecem existir dificuldades ao nível da organização do SNIPI e de articulação com outros serviços prestados.

Palavras-chave: Intervenção Precoce na Infância; Perspetivas; Profissionais; Educadores; Família; Práticas de intervenção; Método Qualitativo.

Domínio científico: 2800 Psicologia do Desenvolvimento

2900 Processos Sociais & Problemas Sociais

2956 Educação Infantil & Cuidados da Criança

3430 Atitudes Pessoais dos Profissionais & Características

Abstract

This descriptive exploratory study's main purpose is to analyse educators, parents and ECI (Early Childhood Intervention) professionals' perception about the different phases of the intervention process and its implementation's limits. In this study, eight professionals, five educators and four parents participated, divided by three focus groups. For the content analysis were created 68 codes, 13 categories, and five headlines that demonstrate the main results. Therefore, the main results of this study were: (1) the professional's work is described consistently with positive words, implemented in the context and with examples of support practices towards participation and relational; (2) there is a continuum of collaborative practices, being the one-on-one with children support the most prevalent one; (3) ECI professionals hope the caretakers are involved, that accept the children's situation and are honest about support and that the greater number of justifications for the choice of practices are related to their limitations; (4) the caretakers are apprehensiveness about ECI's end, while hoping there's a child-centered intervention allied to their families; (6) the caretakers recognize that there's difficulties associated with SNIP's level of organization and articulated with other provided services.

Keywords: Early Childhood Intervention; Perspectives; Professionals; Educators; Family; Intervention practices; Qualitative Method.

Scientific Domain: 2800 Developmental Psychology

2900 Social Processes & Social Issues

2956 Childrearing & Child Care

3430 Professional Personnel Attitudes & Characteristics

Índice

INTRODUÇÃO	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1.1 Intervenção Precoce na Infância: Evoluções teóricas e consequências metodológicas	5
1.2 Abordagem Centrada na Família	8
1.3 A importância da intervenção baseada nas rotinas e nos contextos naturais.	11
1.4. A Colaboração entre os profissionais de IPI e os cuidadores	14
1.5. IPI em Portugal: Contextualização legal.....	17
1.6. IPI em Portugal: Contextualização empírica relativa às práticas	20
II. MÉTODO	23
2.1 Participantes	23
2.1.1 País	23
2.1.2 Profissionais	23
2.1.3 Educadoras de sala de Jardim-de-infância	23
2.2 Procedimento.....	24
2.3 Análise de dados	24
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
3.1 O trabalho do profissional é descrito consistentemente com palavras positivas, implementado no contexto e são descritas práticas de apoio	27
3.2 Existe um contínuo de práticas de colaboração sendo a prática mais predominante o apoio de um-para-um com a criança	29
3.4 Os cuidadores demonstram receio pelo fim do apoio da ELI ao mesmo tempo que desejam uma intervenção centrada na criança e aliada à família.	35
3.5 Os cuidadores reconhecem existir dificuldades ao nível da organização do SNIPI e de articulação com outros serviços prestados	37
FONTES	40
BIBLIOGRAFIA	41
Anexo A – Exemplar de Consentimento Informado.....	49
Anexo B – Exemplo de Guião do <i>Focus Group</i>	51
Anexo C - Questionário Sociodemográfico dos Profissionais de IPI.....	54
Anexo D - Questionário sociodemográfico dos Pais	56
Anexo E – Questionário Sociodemográfico das Educadoras de sala de Jardim de Infância.....	57
Anexo F – Unidades de Registo, Códigos e Categorias	58

Índice de Quadros

Quadro 1. O trabalho do profissional é descrito consistentemente com palavras positiva, implementado no contexto e são descritas práticas de apoio à participação e relacionais.....	27
Quadro 2. Existe um contínuo de práticas de colaboração sendo a prática mais predominante o apoio de um-para-um com a criança.....	29 e 30
Quadro 3. Os profissionais de IPI esperam que os cuidadores estejam envolvidos, que aceitem a situação do seu filho e que sejam honestos em relação aos apoios sendo que o maior número de justificações para a utilização das práticas estão relacionadas com as limitações dos mesmos.....	32
Quadro 4. Os cuidadores demonstram receio pelo fim do apoio da ELI ao mesmo tempo que desejam uma intervenção centrada na criança e aliada à família.....	35
Quadro 5. Os cuidadores reconhecem existir dificuldades ao nível da organização do SNIPI e de articulação com outros serviços prestados	37

Índice de Siglas

ANIP – Associação Nacional de Intervenção Precoce

CC – Comissão de Coordenação

DC – Despacho Conjunto

DL – Decreto Lei

EE – Educação Especial

ELI – Equipa Local de Intervenção

IPI – Intervenção Precoce na Infância

ME – Ministério da Educação

MS – Ministério da Saúde

MTS – Ministério do Trabalho e da Solidariedade

PEI – Plano Educativo Individual

PIIP – Plano Individual de Intervenção Precoce

SNIPi- Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

INTRODUÇÃO

As premissas e os construtos teóricos que suportam as práticas em Intervenção Precoce na Infância (IPI) têm vindo a sofrer inúmeras alterações desde o aparecimento dos primeiros projetos na década de 60, nos EUA. Estas alterações foram acompanhadas de evidência empírica e correspondem à forma como se planeia a intervenção, como se definem os objetivos, à importância dada aos contextos no plano de intervenção, aos diferentes intervenientes no processo e às funções de cada um deles e, por último, ao modelo de trabalho da equipa que apoia estas famílias (Almeida, 2004; Pimentel, 1999; Pimentel, 2005). Tendo em conta as mudanças do paradigma de intervenção, podemos verificar que existiram três gerações de programas de IPI.

Na primeira geração, designada como biomédica e terapêutica, os planos de intervenção consideravam a criança isolada do contexto familiar e educacional e eram definidas estratégias para o controlo do défice ou das suas consequências (Almeida, 2004; Dunst, 1985; Pimentel, 1999). A intervenção era assente num modelo deficitário e compensatório operacionalizada com atividades/tarefas para a aprendizagem direta ou a aquisição da competência em falta através de serviços diretos e monodisciplinares (Almeida, 2004; Pimentel, 1999; Pimentel, 2005). O profissional era reconhecido como especialista e tomava todas as decisões relativas às diferentes fases de tratamento/intervenção (Dunst, 1985).

Neste seguimento, alguns teóricos sugerem a necessidade de se criar programas que incluíssem a capacitação dos pais para intervenção direta com os seus filhos (Simeonsson, 1998). Assim, começaram a eleger-se programas que desenvolvessem modelos de promoção, capacitação e parceria tendo como base os recursos e as forças das famílias (Dunst, 1985; McLean, Sandall, & Smith, 2016) e a compreender que quanto maior for o suporte social percebido pelas famílias melhores são os resultados da intervenção (Dunst, 1985). Apesar das estratégias desenvolvidas continuarem a ir ao encontro das necessidades individuais das crianças, a intervenção é alargada à família e à comunidade (Dunst, Trivette, & Deal, 1988), começando a espelhar um trabalho conjunto entre os profissionais de IPI e os pais ou outros prestadores de cuidados (McLean, Sandall, & Smith, 2016). A esta mudança de paradigma associam-se os programas de segunda geração.

Os contributos da perspetiva ecológica de Bronfenbrenner (1994) e do modelo Transacional (Sameroff, 1975; Sameroff & Fiese, 2000), ambos sobre fatores que impactam no desenvolvimento infantil foram fundamentais para a definição dos programas atuais. Estes

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

dois modelos reconhecem o desenvolvimento humano como um processo dinâmico e influenciado por diferentes níveis do contexto, estes níveis dizem respeito à influência das relações na e com a família, símbolos culturais e a própria relação que a família tem com os serviços existentes na comunidade (Bronfenbrenner, 1994; Sameroff, 1975; Sameroff & Fiese, 2000). Sabendo que a influência direta e indireta no desenvolvimento da criança dos diferentes níveis de contexto (Bronfenbrenner, 1994) e que as relações sociais existentes catalisam algumas características funcionais e de relação das crianças (Sameroff & Fiese, 2000), a participação ativa dos cuidadores principais tornou-se um objetivo da intervenção. Sabendo que os principais influenciadores do desenvolvimento da criança são a unidade familiar e o ambiente que a envolve em detrimento do apoio semanal de um profissional (Bailey et al., 2006; Dunst, 2007), a IPI passa a ser descrita como um conjunto de experiências e oportunidades educativas desenvolvidas e implementadas pelos prestadores de cuidados significativos para promover a aquisição e a utilização de competências funcionais e as interações pró sociais (Dunst, 2007). Devem também ser consideradas como ferramentas de IPI os serviços, apoios e recursos precisos pela família para promover o desenvolvimento dos seus filhos e a criação de oportunidades para que esta unidade consiga assumir um papel ativo em todo o processo (Dunst & Bruder, 2002). Neste sentido, o profissional passa a ser um facilitador de todo o processo e os pais principais decisores no processo de intervenção, esta nova proposição catalisa sentimentos de eficácia e confiança nos adultos significativos e o poder de tomada de decisão (Almeida, 2004; Bairrão & Almeida, 2003; Pimentel, 1999; McWilliam, 2010). Para que isto aconteça, o profissional de IPI deve intervir nos contextos naturais e nas rotinas da criança e com os prestadores de cuidados, seja no domicílio ou em equipamentos escolares (McWilliam, 2010). Sameroff e Fiese (2000) salientaram, também, que o sucesso de um programa de IPI pode ser menor se a intervenção for centrada na criança, sendo que para uma maior eficácia a mudança deve existir ao nível do contexto e dos seus intervenientes.

Resumidamente, hoje em dia os projetos de IPI devem incluir práticas de intervenção centradas na família, que exponenciem as oportunidades de aprendizagem da criança, a valorização das competências dos adultos significativos e que mobilizem os recursos da família e da comunidade (Dunst, 2000), aproveitando as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento existentes nas suas rotinas (Augusto, Aguiar, & Carvalho, 2013; Almeida et al., 2011; Campbell & Saywer 2007). Todas estas medidas são desenvolvidas através de um modelo de trabalho de equipa transdisciplinar sendo que os profissionais de IPI assumem a função de mediadores/facilitadores do processo e os cuidadores principais de decisores ativos

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

e participantes na ação, esperando-se uma relação de independência dos pais face aos profissionais (Almeida, 2004). Esta perspetiva centrada na família compreende a família como unidade de intervenção, exige parceria e colaboração entre todos os intervenientes, procura que as capacidades da família sejam um instrumento de intervenção e que todo o processo seja planeado ao encontro das necessidades da família (individualização dos serviços) (Epley, Summers, & Turnbull, 2010).

Em Portugal, a evolução dos programas de IPI passaram pelas mesmas fases supramencionadas apesar de terem acontecido em diferentes alturas temporais (Pimentel, 2005). Neste momento, e com a promulgação do DL n.º 281/2009 de 6 de outubro, o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI) compreende a intervenção precoce na infância como o conjunto de medidas de apoio integrado que garante as condições necessárias para o desenvolvimento de crianças que possam correr “risco de alterações ou alterações nas funções e estruturas do corpo” ou “risco grave de atraso de desenvolvimento”. São elegíveis para o SNIPI crianças com idades compreendidas entre os zero e os seis anos. As medidas referidas podem ser reabilitativas ou preventivas e centradas nas necessidades da criança e da família (artigos 2.º e 3.º). Para desenvolver este trabalho foram definidas equipas locais de intervenção (ELI) que atuam diretamente com as famílias, esta atuação pode gerar duas respostas imediatas, isto é, a identificação dos recursos e das necessidades das famílias pode sugerir uma integração no SNIPI ou um reencaminhamento para os serviços sociais adequados à situação referenciada (Artigo 7.º).

Tendo em conta o surgimento do SNIPI e a tríade implícita no processo de intervenção, cuidadores (pais e educadores de infância), este trabalho pretende analisar as perspetivas dos três intervenientes através de uma análise qualitativa. Assim, pretende-se compreender as suas perspetivas face a diferentes fases do processo, nomeadamente sobre o trabalho dos profissionais de IPI, como é que são definidos os objetivos, as expetativas em relação aos outros adultos (dependendo profissionais de IPI ou cuidadores), local da realização dos apoios, trabalho dos profissionais de IPI com as crianças, trabalho dos profissionais de IPI com os adultos, apoio ideal e expetativas em relação ao apoio.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRIO

1.1 Intervenção Precoce na Infância: Evoluções teóricas e consequências metodológicas

Ao longo do tempo, as alterações relativas às práticas de IPI foram ocorrendo por influência de diversos contributos teóricos, nomeadamente de diferentes teorias de desenvolvimento infantil e de alterações legais neste âmbito. Com efeito, tem-se vindo a considerar três gerações de programas de IPI (Almeida, 2004; Almeida et al., 2011; McLean, Sandall, & Smith, 2016; Meisels & Shonkoff, 2000; Pimentel, 1999; Pimentel, 2004).

Os primeiros programas de IPI surgiram nos anos 60 nos EUA seguindo os paradigmas de intervenção dos programas de educação compensatória (Pinto et al., 2009). Estes programas eram de cariz médico e terapêutico, centrados em estruturas especializadas e nas problemáticas diagnosticadas das crianças (Almeida, 2004; Bairrão & Almeida, 2003). Desta forma, o objetivo principal destas medidas era a remediação ou prevenção das consequências do problema diagnosticado (Dunst, 1985) através de serviços diretos e monodisciplinares, considerando sempre a criança isolada do contexto. Os programas destinavam-se a crianças em idade pré-escolar expostas a situações de risco socioeconómicas (Pimentel, 1999). Assim, todos os programas com estas características enquadram-se na primeira geração de programas.

Durante esta geração, a participação das famílias na promoção do desenvolvimento das crianças era inexistente (Swanson, Raab, & Dunst, 2011) sendo-lhes permitido assumir apenas o papel de observador passivo (Campbell & Sawyer, 2009) enquanto o profissional surgia como único interveniente no que diz respeito à tomada de decisão relativa ao tipo de cuidados que a criança iria receber (Dunst, 1985).

Simeonsson (1998, citado por Pinto et al., 2009) afirmou que a criança seria uma fonte de preocupação constante e que para superar este tipo de desafios a família deveria encontrar fontes de suporte terapêutico para todo o agregado. A consciencialização deste facto levou a que se criassem os primeiros programas de IPI em que a participação da família era umas das componentes essenciais para o sucesso da intervenção, ou seja, esta participação era instrumentalizada através do envolvimento direto dos pais no processo de aprendizagem dos filhos (e.g. Programa Portage para Pais e Programa Head Start) (Bairrão & Almeida, 2003; Almeida, 2000). Estes programas começaram a objetivar a habilitação dos pais e da comunidade para intervir com as crianças através de programas de treino parental (Carvalho et al., 2016). Para a mudança do paradigma foi também fundamental a teoria de Dunst (1985) que demonstra que o apoio social formal percebido, a forte presença da família e das redes de

apoio presentes na comunidade têm um papel fundamental na promoção do desenvolvimento da criança e do aumento das capacidades e sentimento de autoconfiança e de autoeficácia das famílias (Dunst, Trivette, & Deal, 1998). A par destes contributos, com a promulgação da Lei Pública 142 e a publicação dos Direitos Universais das Crianças, os programas aumentaram a sua abrangência de atuação (Aleixo, 2014; Almeida, 2007; Pinto et al., 2009). Estas duas publicações anuíram o direito das crianças a uma educação pública e adaptada ao meio natural, sem restrições às crianças com necessidades educativas especiais (NEE), o desenvolvimento de um Plano Educativo Individual (PEI), pressupondo a participação da família nuclear, promoveu o financiamento para o desenvolvimento de medidas de resposta para esta faixa etária (três aos seis anos) (Almeida, 2007). Esta mudança de paradigma resultou no aparecimento da segunda geração de programas de IPI.

Esta segunda geração considerava práticas de intervenção aliadas à família (Dunst, Johanson, Trivette, & Hamby, 1991). Assim, a família era vista como capaz de realizar a mudança necessária, mas enquanto ferramenta do profissional, assumindo o desenvolvimento e implementação das medidas prescritas e consideradas importantes pelo técnico (Dunst, Johanson, Trivette, & Hamby, 1991). Neste sentido, a relação entre os profissionais e os prestadores de cuidados principais começa a ser mais estreita e de colaboração (McLean, Sandall, & Smith, 2016) uma vez que começaram a considerar as famílias como centrais no processo de tomada de decisão (Carvalho et al., 2016).

A evolução das práticas em IPI foi, também, fortemente influenciada por diferentes modelos de desenvolvimento, nomeadamente pelo modelo ecológico (Bronfenbrenner, 1974; 1977), bioecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998) e transacional (Sameroff, 1975) do desenvolvimento humano. Bronfenbrenner (1974; 1977) e Morris (1998) sugerem que o desenvolvimento humano acontece através de um processo progressivamente mais complexo, recíproco e de interação entre um organismo humano ativo e outras pessoas, objetos e símbolos existentes nos diferentes ambientes/contextos em que este se insere e que o influenciam de forma direta e indireta. Estas interações são denominadas processos proximais e para exercerem uma forte influência no desenvolvimento devem ocorrer regularmente e os indivíduos existentes na relação devem estar igualmente envolvidos e empenhados nos diferentes momentos ou atividades (Bronfenbrenner, 1977). Para uma análise completa destes processos deve ter-se em conta o tipo, a força, o conteúdo e a direção dos mesmos e compreender que estes só influenciam o desenvolvimento em relação com as características individuais do organismo em questão (Bronfenbrenner, 1977). Seguindo esta lógica, os autores identificaram cinco sistemas de influência ambiental: (a) o microsistema é relativo ao

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

padrão de atividades, papéis sociais e de relações interpessoais vividas diretamente pelo indivíduo em desenvolvimento (e.g. família ou escola) sendo estes os contextos de maior proximidade e, quando em criança, se recebe os cuidados básicos e essenciais para a sua sobrevivência; (b) o mesossistema concerne na relação entres os diferentes microssistemas em que a criança está integrada (e.g. relação casa-escola); o (c) exossistema abrange a ligação entre diferentes sistemas em que, em pelo menos um deles, a criança não participa mas pode ser influenciada indiretamente (e.g. *stress* vivido pelos pais no local de trabalho e que pode motivar um forma inadequada de trato da criança); o (d) macrossistema corresponde às dimensões legais ou culturais vigentes; e, por último, o (e) cronossistema remete para uma dimensão temporal que incorpora a influência da estabilidade ou das mudanças ao longo do tempo (e.g. divórcio dos pais ou mudança de casa) no desenvolvimento da criança (Bronfenbrenner, 1974; 1977 Bronfenbrenner e Morris, 1998).

Resumidamente, Bronfenbrenner e Morris (1998) admitem os processos proximais como dinamizadores do desenvolvimento humano sendo que estes podem variar consoante os contextos naturais e as características específicas do indivíduo e que todas as experiências devem ser estimulantes e fomentadoras da vontade de exploração. Sameroff (1975) propõe, também, um modelo transacional de desenvolvimento que destaca a influência mútua entre a criança e os diferentes prestadores de cuidados ao longo da vida. Este modelo demonstra a existência da influência mútua da criança e do contexto, isto é, as oportunidades de aprendizagem promovidas pelo contexto não podem ser consideradas como independentes da criança e vice-versa.

Refletindo sobre estas alterações, Bronfenbrenner (1974; 1975) alertou para a necessidade de se mudar o paradigma da IPI e desenvolver programas centrados no sistema familiar uma vez que se catalisaria o envolvimento de todos elementos do agregado familiar e outros membros significativos. Com isto, tendo em conta a crescente participação das famílias no processo de intervenção e sabendo que os prestadores de cuidados são quem tem um maior impacto sobre o desenvolvimento da criança assim como os ambientes em que estão inseridas (Bailey et al., 2006; Dunst, 2007), surgiu a necessidade de se mudar novamente o paradigma de intervenção em IPI.

Tendo em conta a influência do modelo bioecológico de desenvolvimento, em IPI considera-se que uma mudança num dos adultos significativos para a criança poderá influenciar o funcionamento de todo o sistema e, assim, promover um desenvolvimento funcional e positivo da criança (Almeida, 2000).

A IPI define-se como um tipo de prestação de serviços integrados que tem como peças fundamentais da sua intervenção o apoio às competências dos pais, os recursos da família e da comunidade, as oportunidades de aprendizagem da criança e as práticas centradas na família (Dunst, 2000).

Todos estes elementos vão ser amplamente descritos nos restantes subcapítulos deste trabalho.

1.2 Abordagem Centrada na Família

A IPI tem vindo a ser descrita como um serviço que procura a colaboração com as famílias para conseguir responder às necessidades e preocupações deste sistema (Almeida, 2004; Pimentel, 1999; McWilliam, et al., 1998).

Neste sentido, adotou-se a perspetiva centrada na família como um princípio orientador das práticas em IPI desde o planeamento à implementação dos projetos (Allen & Petr, 1996; Bailey & Bruder, 2005; Epley et al., 2010). Esta perspetiva é implementada através da capacitação das famílias para que estas consigam identificar os problemas, as prioridades e as fontes de suporte social a constar no plano de intervenção e a materialização das competências e dos interesses da família como ferramenta de intervenção (Dunst & Trivette, 2009).

A implementação deste princípio orientador transmite à família uma percepção de controlo em todas as fases da intervenção o que pode aumentar a vontade de participar no processo de tomada de decisão (Bailey et al., 1986; Dunst, 2002; McWilliam, Ferguson et al., 1998). É explorada a participação ativa da família durante o processo de intervenção e os prestadores de cuidados são assumidos como membros da equipa (Almeida, 2004; Epley et al., 2010). Assim, deve ser considerado como objetivo de intervenção a autonomização das famílias, esperando-se que os profissionais partilhem estratégias com as famílias para que estas possam gerir, procurar e distinguir os recursos necessários e existentes (Almeida, 2004).

Com a crescente importância e implementação desta perspetiva, alguns autores dedicaram-se a estudar de forma sistemática os seus componentes de modo a conseguir uniformizar as práticas (Allen & Petr, 1996; Epley et al., 2010).

Desta forma, uma perspetiva centrada na família caracteriza-se por: (a) considerar o sistema familiar como unidade de atenção, (b) respeitar as escolhas deste sistema, (c) utilizar as capacidades/competências das famílias, (d) compreender as necessidades existentes, (e) prestar serviços individualizados, e (f) desenvolver uma relação colaborativa entre os profissionais e os adultos significativos (Allen & Petr, 1996; Epley et al., 2010).

Considerar a família como unidade de intervenção é acreditar que a criança só poderá ter uma intervenção eficaz se toda a família estiver envolvida no processo e, então, deve-se incluí-la durante a construção e implementação do plano individual de intervenção (Allen & Petr, 1996; Epley et al., 2010). O trabalho deve ser desenvolvido através de uma relação de colaboração entre os profissionais e os pais das crianças sendo que os principais agentes de decisão são os adultos significativos, isto é, a família em colaboração com os profissionais deve perceber e definir as necessidades e preocupações, a modalidade de intervenção e a que serviços recorrer (Allen & Petr, 1996; Epley et al., 2010). Em relação às capacidades das famílias, estas devem ser consideradas como alicerces da intervenção e os objetivos construídos sobre elas, isto é, devem ser definidos objetivos que sejam percebidos realistas, executáveis e palpáveis pelas famílias e funcionais para a criança (Epley et al., 2010; McWilliam, 2010b). O processo de intervenção, o planeamento dos objetivos e as estratégias de *coping* devem ir ao encontro das necessidades e dos recursos formais e informais de cada família, assim consegue-se garantir que as particularidades dos sistemas familiares são respeitadas uma vez que são prestados serviços individualizados (Carvalho et al., 2016). A relação entre a família e o profissional deve ser uma parceria colaborativa pautada pela responsividade cultural/contextual e pela partilha de informação e de estratégias, sendo sempre transparecida uma perspectiva positiva face ao futuro (Bailey et al., 2006).

McWilliam, Tocci e Harbin (1998) sugerem, também, que para se estabelecer a relação pretendida com a família deve-se ter em conta os seguintes elementos: (a) orientação para toda a família, (b) capacidade de resposta, (c) positivismo, (d) sensibilidade/empatia, (e) amizade e (f) simpatia. O primeiro elemento direciona a prática dos profissionais para a demonstração da vontade de orientar os serviços consoantes as necessidades da família e que são sensíveis e empáticos às preocupações que não estão necessariamente ligadas à criança. A capacidade de resposta dos profissionais deve ser caracterizada pela individualização e flexibilidade dos serviços prestados ou pelo afastamento do profissional para que a família consiga perceber determinadas características do processo ou aceitar o diagnóstico ou a intervenção. O positivismo é o elemento relatado como o mais difícil de se manter ao longo do tempo uma vez que concerne à crença na veracidade dos relatos e capacidades dos pais, uma postura não julgadora, uma visão positiva sobre a potencial evolução da criança e contínuo entusiasmo por trabalhar com as famílias. No que diz respeito à sensibilidade/empatia, os profissionais devem pôr-se no lugar das famílias compreendendo as suas preocupações, necessidades e prioridades antes de se tomar uma decisão ou chegar a uma conclusão. Por fim, a amizade e a simpatia refletem sobre a relação que deve existir entre os diferentes intervenientes no processo, isto é,

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

os pais devem ser vistos como parceiros e, também, como conselheiros para o desenvolvimento da intervenção.

Refletindo agora sobre o processo de IPI desde a referenciação ao plano de transição, numa abordagem centrada na família deveriam ser os pais a procurar realizar o primeiro contacto com a equipa de IPI (McWilliam, Winton, & Crais, 2003). Este primeiro passo significaria que os serviços conseguiram empoderar as famílias para uma tomada de decisão informada e que estas se sentiam respeitadas durante o processo de aceitação da situação. Num primeiro contacto, a família e os outros intervenientes devem ser esclarecidos sobre o modelo de intervenção, sobre o funcionamento da equipa e que a decisão final para o início da intervenção é sempre sua (Carvalho et al., 2016). Os profissionais devem estar bem preparados para o primeiro contacto com os pais porque este pode definir a relação de confiança e de colaboração com os pais. Uma das estratégias utilizadas para o estabelecimento de uma relação positiva é verificar que a família conceba que o controlo de todo o processo é seu (Carvalho et al., 2016).

Em relação à avaliação, esta só pode ser considerada completa se considerar a criança em relação às necessidades e prioridades percecionadas pela família ou por outros prestadores de cuidados (Meisels & Atkins-Burnett, 2000). Um plano de avaliação em IPI considera as preocupações, as necessidades e as capacidades das famílias, as características da criança relativas às suas competências, funcionalidades, rotinas implementadas e em que contextos naturais estão integrados e de que forma estas dimensões são percecionadas pelo sistema familiar e por outros cuidadores (Carvalho et al., 2016; Meisels & Atkins-Burnett, 2000).

Pretende-se com a avaliação: (a) identificar as competências e necessidades específicas da criança assim como as preocupações da família, (b) perceber quais os contextos naturais e as rotinas da criança identificando o nível de independência e envolvimento na tarefa, (c) os contributos de todos os intervenientes para a avaliação, (d) promover uma tomada de decisão informada por parte dos pais e (e) definir qual a natureza e âmbito de intervenção necessária para a criança e para a família (Carvalho et al., 2016).

Genericamente, esta perspetiva assume que a participação da família é um dos principais fatores de sucesso da intervenção, uma vez que esta é o principal influenciador do comportamento e desenvolvimento da criança (Dunst & Trivette, 2009; Guralnick, 2011; Dunst & Espe-Sherwindt, 2016).

1.3 A importância da intervenção baseada nas rotinas e nos contextos naturais.

Ao perceber os contributos teóricos para as evoluções metodológicas nas práticas de IPI e assumindo que a IPI, neste momento, procura responder às necessidades e às preocupações das famílias, torna-se importante compreender como é que se pode transformar as rotinas e os contextos naturais do sistema familiar em ferramentas fundamentais para a intervenção (Almeida et al., 2011; Campbell & Saywer 2007).

As rotinas são atividades quotidianas (e.g. lavar os dentes ou tomar o pequeno-almoço) e ou rituais (e.g. rezar antes das refeições ou festejar o aniversário) que acontecem de forma repetida até se tornarem previsíveis (Woods & Lidman, 2008; Yoder & Warren, 1993) enquanto que os contextos naturais são locais onde as crianças, tendo em conta o padrões culturais, têm oportunidades e experiências de aprendizagem e podem acontecer no seio familiar, nos equipamentos escolares ou noutros âmbitos comunitários (Bricker, 2001; Dunst & Bruder, 2002).

Segundo McWilliam, de Kruif e Zulli (2002), a aprendizagem em idades pré-escolares desenvolve-se em quatro pilares para o aumento da quantidade e da qualidade das interações das crianças: o ambiente, o planeamento das atividades, os primeiros contactos e as interações.

O ambiente refere-se aos fatores que podem constranger direta ou indiretamente a ação do prestador de cuidados (e.g. situação laboral dos pais, políticas internas do jardim de infância, rácio adulto/criança); o planeamento das atividades enquadra-se nas decisões do adulto face às tarefas que a criança vai desenvolver, os primeiros contactos reforça a importância da forma como o adulto interage com a criança pela primeira vez e, por fim, as interações ilustra a forma como o adulto dá continuidade à relação com a criança (comportamentos verbais e não verbais) (McWilliam, de Kruif & Zulli (2002).

As crianças em idades precoces aprendem ao longo do tempo, de forma continuada e na relação com os seus cuidadores principais (Almeida et al., 2011) consequentemente as ações desenvolvidas para atingir os objetivos definidos nos planos de intervenção começaram a ser desenvolvidas com vista à sua implementação nas atividades e rotinas em contextos naturais (e.g. casa, jardim de infância e creche) (Almeida et al., 2011; Campbell & Saywer 2007). Ao mesmo tempo o trabalho do profissional tem mais impacto na percepção de autoeficácia dos adultos do que no desenvolvimento das crianças (McWilliam, 2003), passando os primeiros a ser os principais agentes de mudança.

Outra característica que transforma as rotinas uma ferramenta importante para a intervenção é a sua previsibilidade, uma vez que a criança depende de mais energia na nova aprendizagem ou aquisição de competência do que a conhecer o meio ou os seus intervenientes

(Almeida et al., 2011), podendo considerar que as rotinas significam um balanceamento perfeito entre o nível de interesse e o nível de entusiasmo relativo à nova tarefa e ou aprendizagem.

Neste sentido, os profissionais devem apoiar os diferentes prestadores de cuidados na identificação das oportunidades naturais de aprendizagem e conseguir que os diferentes intervenientes compreendam a importância de todos os eventos para a intervenção para que não os considerem banais e para que não sintam que existe uma invasão da sua privacidade (e.g. banho e alimentação) (Almeida et al., 2011). De salientar que as rotinas e os contextos naturais só deverão ser embutidos no planeamento da intervenção se forem percebidos como importantes para os prestadores de cuidados, se forem identificadas como uma preocupação, se forem sequentes, se catalisarem interações positivas entre a criança e outros, se for possível a integração de objetivos funcionais para o desenvolvimento positivo da criança, e se os objetivos forem flexíveis tendo em conta que as rotinas também o podem ser (e.g. mudança de casa ou de escola) (Almeida et al., 2011).

A avaliação das rotinas deve ser individualizada e rigorosa uma vez que cada família ou escola pode ter rotinas diferentes e considerar diferentes contextos naturais (e.g. cultura vigente) (Almeida et al., 2011).

Tendo em conta as supramencionadas características, McWilliam (2010) apresentou um modelo de intervenção precoce em contextos naturais suportado por um sistema coordenado de prestação de serviços orientados por cinco componentes: compreensão ecológica da família, avaliação funcional, serviços integrados, visitas domiciliárias eficazes e consultoria colaborativa em contextos de infância.

A compreensão ecológica da família é realizada através de um ecomapa. Esta ferramenta objetiva a identificação e a avaliação da força das fontes de suporte social, facilita uma relação positiva entre os profissionais e os cuidadores principais, levando a que estes percebam que existe uma preocupação genuína com as suas necessidades, e facilita a mobilização das fontes de suporte durante a intervenção (McWilliam, 2010).

Para um planeamento funcional da intervenção, e tendo sido comprovado que quando implementada em contextos naturais da criança e da família a intervenção apresenta melhores resultados, McWilliam (1992) sugere que se realize uma entrevista baseada nas rotinas (EBR). Uma EBR tem como base um guião semiestruturado que através da exploração das rotinas pretende desenvolver uma lista de objetivos funcionais, compreender as dinâmicas familiares ao nível do seu funcionamento, das preocupações e das necessidades e construir uma relação positiva com a família (McWilliam, Casey & Sims, 2009).

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Aquando a sua implementação, tanto o entrevistador como a família devem estar preparados para o decorrer desta entrevista, que demora cerca de duas horas, sendo que esta preparação deve ser salvaguardada pelo profissional. Assim, o profissional deve explicar ao entrevistado os objetivos daquele momento e deve procurar conhecer o agregado familiar da criança e outro tipo de relações através da realização de um ecopama (McWilliam et al., 2009).

A estrutura desta entrevista apresenta fases e objetivos muito concretos para cada uma delas. A entrevista é iniciada com questões sobre as maiores preocupações e necessidades face à criança e à restante família uma vez que este tipo de perguntas pode promover uma maior percepção do sistema. Depois são exploradas as rotinas diárias da família, é muito importante que nesta fase as perguntas sejam continuadas no discurso sem qualquer tipo de indicação do que deve ser uma rotina normal (e.g. e o que costuma fazer seguir? *vs.* depois tomam o pequeno-almoço...). Durante a entrevista é importante compreender de que forma é que cada membro da família participa nas diferentes tarefas identificadas, qual o nível de independência e envolvimento da criança tendo em conta as suas características (e.g. idade) e como é que a criança se relaciona ou comunica com os outros (McWilliam et al., 2009).

Ao longo da entrevista é pedido ao entrevistado que vá avaliando a sua satisfação com cada rotina porque esta avaliação pode ajudar a que a família perceba aquilo que precisa de ser alterado e que tipo de qualidade de vida desejam ou têm. Esta ferramenta ajuda também os profissionais a sistematizar a informação para o plano de intervenção (McWilliam et al., 2009).

McWilliam e colaboradores (2009) indicam 10 indicadores de qualidade para este tipo de entrevista: escuta ativa, questões de acompanhamento em profundidade, conversa fluída, questões proativas sobre o desenvolvimento da criança, questões inteligentes (que revelam compreensão sobre o funcionamento da família), comportamento não verbal, ambiente social das rotinas, solicitação de opiniões avaliativas e interpretativas, uma boa gestão da conversa e demonstração de empatia.

1.4. A Colaboração entre os profissionais de IPI e os cuidadores

A participação da família e de outros prestadores de cuidados é uma das componentes da intervenção precoce na infância operacionalizada através de uma colaboração plena que faça emergir a capacidade de tomada de decisão informada (Almeida et al., 2011). Tendo em conta as já supramencionadas características da perspetiva centrada na família, a audição e compreensão da visão dos prestadores de cuidados face à situação da criança, segue-se a intervenção realizada através da colaboração entre os profissionais de IPI e os cuidadores.

O primeiro passo para esta colaboração é forma de funcionamento da equipa de IPI, que deve seguir um modelo de trabalho em equipa transdisciplinar (Bruder, 2000; Guralnick, 2001; Franco, 2007).

A transdisciplinaridade confere à equipa um melhor modelo de comunicação, de cooperação e de interação uma vez que está assente que todos os elementos da equipa assumem o compromisso de partilhar informação e estratégias tendo em conta as suas áreas específicas de formação (Almeida, 2013) e que os serviços são organizados, não por áreas de formação ou de desenvolvimento, mas, por objetivos. Os profissionais de IPI deixam de assumir o papel de especialista passado o plano de intervenção a ser planificado com a colaboração e os contributos de todos os intervenientes. Os contributos citados devem ser encarados como oportunidades importantes de aprendizagem e como forma de prevenção de problemas semelhantes no futuro (Pimentel, 2005). Assim, num modelo transdisciplinar existe um plano abrangente e integrado elaborado em conjunto pela equipa e pela família, sendo esta considerada como elemento da equipa (Shelden & Rush, 2013). O trabalho numa equipa transdisciplinar é pautado pelos seus elementos de diferentes áreas disciplinares e pela consequente contribuição dos conhecimentos específicos, competências de casa um, existindo uma corresponsabilidade entre todos os intervenientes no processo de resolução de problemas tendo em conta uma perspetiva centrada na família (Carvalho et al., 2016). Em IPI, considera-se o mediador de caso o profissional que fica responsável por atuar diretamente com a família (Carvalho et al., 2016). Com efeito, o trabalho com a família é alicerçado num processo conjunto e contínuo de aprendizagem mútua em que os profissionais que se comprometem a partilhar os seus saberes objetivando o desenvolvimento de novas capacidades (Shelden & Rush, 2013). Com isto, o mediador de caso torna-se capaz de responder a qualquer necessidade da família, deixando de existir fronteiras profissionais. Ao mesmo tempo, o profissional existe traz para a sua intervenção estratégias de outras disciplinas, sabendo que tem sempre o apoio da equipa (Shelden & Rush, 2013).

Consequentemente, e sabendo que os profissionais de IPI têm mais impacto nos adultos do que nas crianças (McWilliam, 2003), nesta área sugere-se que se tome como princípio de intervenção a consultoria colaborativa (Buysse & Wesley, 2005). Este processo traduz-se num paradigma de prestação de serviços indireto e triádico (consultor, consultado e cliente, neste caso a criança) em que um consultor e um consultado trabalham em prol de um objetivo comum, ou seja, a potencialização do desenvolvimento e da aquisição de novas aprendizagens da criança através da apropriação de cada atividade/rotina às necessidades de envolvimento, de relações sociais e de independência da criança (Boavida, Aguiar, & McWilliam, 2018). A consultoria colaborativa pode ser implementada através de três tarefas interrelacionadas: (a) resolução de problemas refere-se à procura de novas estratégias, (b) por influência social, quando o consultor procura motivar o consultado a realizar as estratégias discutidas e definidas, e (c) apoio profissional, através da partilha dos seus saberes específicos/ académicos para ajudar numa determinada situação (Buysse & Wesley, 2005).

O programa individual de intervenção precoce (PIIP) pode ser desenvolvido, implementado e monitorizado em visitas domiciliárias e em creche/jardim de infância (Carvalho et al., 2016).

As visitas domiciliárias devem ser consideradas como uma ferramenta importante em IPI. Estas visitas devem ser consideradas como o cenário ideal para o estabelecimento de uma parceria efetiva entre a família e o responsável de caso (Carvalho et al., 2016). Através deste processo o profissional deve prestar três tipos de suporte às famílias: apoio emocional, quando o profissional se mostra empático, positivo e responsivo às preocupações das famílias orientando a intervenção nesse sentido; apoio material, quando o profissional assegura a manutenção dos recursos necessários para atingir os objetivos; e apoio informativo, quando o profissional, a partir das necessidades sentidas, informa a família sobre as características da criança, sobre os serviços disponíveis para a criança e para o restante sistema e sobre as estratégias que as famílias podem implementar para ajudar o seu filho (Carvalho et al., 2016).

Estando a criança em domicílio ou integrada numa creche ou em jardim de infância espera-se que os prestadores de cuidados trabalhem em conjunto com os profissionais de IPI para se desenvolverem as melhores estratégias para se implementarem nas oportunidades ótimas de aprendizagem (Boavida et al., 2018). Com efeito, os prestadores de cuidados devem contribuir com o seu conhecimento sobre a criança, dos pais, do funcionamento das rotinas, do funcionamento das atividades curriculares e das diretrizes pedagógicas (Boavida et al., 2018). Enquanto que o profissional promove a existência de uma nova perspetiva face aos

contributos dos prestadores de cuidados e partilha os conhecimentos específicos da sua área de formação e da dos elementos da ELI (Boavida et al., 2018).

Refletindo sobre as práticas existentes em IPI, assunção da importância da família e das suas percepções assim como dos contextos naturais, verifica-se que a transdisciplinaridade transmite uma maior coerência à intervenção. Com tais características, conclui-se que através deste paradigma existe uma menor intrusão no sistema familiar, a comunicação é simplificada e direta, facilitando a criação de uma relação de confiança, e a partilha contante de informação sobre a situação referenciada nos diferentes serviços torna-se menos repetitiva (Foley, 1990; King et al., 2009).

McWilliam (1995) realça a importância de um modelo de intervenção integrada quando se apoia crianças no contexto educativo, apresentando as 6 dimensões que devem ser avaliadas quando procuramos implementá-la adequadamente: a localização da terapia, o envolvimento de outras crianças no processo, o contexto do apoio, tipo de intervenção aplicada, objetivos do apoio e o papel do terapeuta. A variação destas dimensões resulta num continuum de 6 modelos de consultoria desde o menos ao mais integrado (McWilliam, 1995): (1) retirada da criança-alvo da sala, (2) retirada da criança-alvo da sala com um pequeno grupo de pares, (3) apoio um-para-um na sala de atividades, (4) pequeno grupo na sala de atividades, (5) individual na rotina e (6) colaboração. Num modelo de retirada apenas da criança, esta é afastada da sala de atividades sendo a intervenção direcionada para a aquisição de competências em áreas específicas de desenvolvimento, as estratégias definidas dependem apenas do estilo interventivo optado pelo terapeuta e o educador apenas recebe informação sobre as evoluções da criança. Quando a criança é retirada da sala acompanhada de alguns dos seus pares (1 a 6 crianças), o foco da intervenção passa a ser o funcionamento das diferentes crianças com ou sem necessidades especiais, as estratégias continuam a ser definidas pelo terapeuta, neste caso o educador passa a ter um papel decisivo face à marcação das sessões e quais as crianças que devem ser escolhidas para o efeito. Na sala de atividades, a intervenção foca-se nas crianças em interação mútua procurando as necessidades especiais das crianças-alvo, a dinâmica pode partir da criança ou do terapeuta e/ou planeado pelo educador. Se a intervenção for implementada individualmente nas rotinas, as estratégias são desenvolvidas na sala de atividades e direcionadas para a criança, o foco da intervenção é a continuidade das rotinas das salas de atividades sejam estas brincadeira livre, em atividades estruturadas ou em estratégias de ajuda para educadora, as outras crianças podem ou não estar envolvidas. Neste tipo de intervenção integrada, o educador assume o planeamento e a condução das atividades,

deve observar o comportamento e ouvir as recomendações do terapeuta para replicá-lo com a criança posteriormente. Neste espetro, no seu polo mais integrado, o modelo de colaboração pode ser executado dentro ou fora da sala de atividades sendo o seu foco as necessidades sentidas pelo educador relacionadas com a criança. O terapeuta e o educador partilham informações sobre a criança e o planeamento das intervenções (implementadas pelo educador) tornando-se parceiros de uma mesma equipa.

1.5. IPI em Portugal: Contextualização legal.

Em Portugal, a IPI é uma prática relativamente recente sendo que os primeiros programas surgiram na década de 80 (Pinto et al., 2009). Foi o desenvolvimento e implementação do Modelo Portage para os Pais e do Projeto Integrado de Intervenção Precoce, presente Associação Nacional de Intervenção Precoce (ANIP), que desencadeou o desenvolvimento da intervenção precoce na infância em Portugal (Pimentel, 2005; Pinto et al., 2009). Estes programas assentavam num modelo integrado de serviços públicos e privados que fornecem apoio ao nível da intervenção precoce à criança e aos pais (Pimentel, 2005).

Apesar da existência deste tipo de programas, os profissionais estiveram durante quase uma década sem orientações legais ou teóricas. Neste sentido, considera-se que a motivação principal para a criação de medidas de apoio financeiro e de incentivo ao desenvolvimento de programas integrados em IPI está associada ao crescente interesse dos profissionais pela área e pela perceção dos mesmos da falta de uma formação específica responder de forma adequada às necessidades das famílias e das crianças (Bairrão e Almeida, 2003; Pinto et al., 2009). Apesar desta perceção, os programas desenvolvidos nessa altura apresentavam limites relacionados com a falta de fundamentação teórica, com a existência de profissionais sem formação específica, com a reutilização de programas existentes destinados a crianças em idade escolar e com a carência de avaliação da eficácia dos programas (Pimentel, 2004; Pinto et al., 2009).

Apesar da carência de documentos que uniformizassem as práticas em IPI, existiam diplomas relacionados com a educação especial e pré-escolar, o Decreto-Lei (DL) n.º 5/97, de 19 de setembro, que apresentou o primeiro ordenamento jurídico da educação pré-escolar, e o Despacho conjunto (DC) n.º 5220/97, de 4 de agosto, que compreendeu o diagnóstico de incapacidades ou deficiências como facilitador da orientação e encaminhamento da criança para que esta beneficie das oportunidades educativas proporcionadas a todos na sala (Bairrão e Almeida, 2003).

Em 1999 promulgou-se o primeiro diploma legal (DC n.º 891/99) exclusivamente dedicado à intervenção precoce na infância. Com base na lei pública americana 94-142 e 99-

457 e influenciado pelo grupo *Earlyaid* (European Association on Early Childhood Intervention), foi definido um sistema organizativo de coordenação intersectorial e de colaboração entre entidades privadas. Para a constituição de equipas de intervenção direta a nível concelhio, de equipas de coordenação distrital e de um grupo interdepartamental de coordenação nacional ficaram corresponsáveis os setores da saúde, da educação e da segurança social.

Esta publicação foi muito inovadora na Europa uma vez que já compreendia a perspetiva centrada na família, implementou um Plano Individual de Apoio à Família, abrangeu crianças em risco e não apenas com atraso de desenvolvimento e promoveu a intervenção baseada em oportunidades naturais de aprendizagem existentes na comunidade e na família (Pinto et al., 2012).

Apesar do investimento e desenvolvimento dos programas de IPI ao longo da década seguinte a esta promulgação, só em 2009 se reviu este sistema e se implementou o quadro legal vigente. Assim, com a publicação do DL n.º 281/2009 nasce o Sistema Nacional de Intervenção Precoce (SNIPI). O SNIPI funciona através da articulação de estruturas representativas do Ministério do Trabalho e da Solidariedade (MTS), do Ministério da Saúde (MS) e do Ministério da Educação (ME), prevendo uma colaboração direta com as famílias, sendo que este trabalho é gerido por uma Comissão de Coordenação (CC). Esta comissão é sempre presidida por um membro representante do MTS mas deve integrar membros representantes dos outros ministérios (artigo 6º). Para uma generalização do tipo de práticas de intervenção, cabe à CC a responsabilidade de garantir a articulação entre os três ministérios, verificar que estão construídas equipas multidisciplinares interministeriais para o apoio aos Planos Individuais de Intervenção Precoce, regular e avaliar as práticas existentes no SNIPI, definir os critérios de elegibilidade e orientar os profissionais ao nível da fundamentação teórica das práticas.

Assim, o SNIPI define a IPI como conjunto de medidas de apoio integrado centrado na família e na criança que objetivam a prevenção ou reabilitação no âmbito da educação, da saúde e da ação social. São elegíveis para o SNIPI crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos e que apresentem alterações funcionais que restringem a sua participação em atividades típicas para a idade ou com risco grave de atraso de desenvolvimento. Ao SNIPI pertencem cinco subcomissões regionais e 149 ELI (Pinto et al., 2012).

Para que o SNIPI consiga desenvolver uma intervenção a nível autárquico (NUTS II), definiram-se as ELI (Artigo 7º). As ELI estão responsáveis por: (a) identificar as crianças e famílias imediatamente elegíveis para o SNIPI; (b) por assegurar a vigilância dos indivíduos que, não sendo elegíveis para o SNIPI, necessitem uma avaliação periódica, tendo em conta os

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

fatores de risco e ou a tendência de evolução do problema identificado; (c) ou encaminhá-los para outro tipo de resposta social; (d) pelo desenvolvimento do PIIP; (e) por articular sempre que necessário com outras entidades com especialidade em matéria de infância e juventude; (f) por garantir a existência de um plano de transição adequado para outros programas; e (g) por articular com os docentes do equipamento pré-escolar onde a criança referenciada está integrada.

Em relação ao PIIP (Artigo 8º), este é uma avaliação contínua da criança no seu contexto natural e onde devem estar definidas as medidas e as ações a desenvolver/implementar de forma a assegurar a adequabilidade de um processo de transição ou de complementaridade entre serviços ou entidades. No PIIP deve constar a identificação dos recursos e das necessidades do sistema familiar e dos apoios a ser prestados, a definição da periodicidade dos momentos de avaliação e que capacidade devem estar desenvolvidas naquela altura, os procedimentos que possibilitam o acompanhamento do processo de transição da criança para o contexto educativo formal. Quando a criança está integrada no pré-escolar e tem um Plano Educativo Individual este deve ser articulado com o PIIP (alínea f do ponto 2 do artigo 8.º do DL n.º 281/2009, clarificada pela Circular n.º S-DGE/2015/2555 da Direção-Geral da Educação; DL n.º 54/2018). Quando os dados deste trabalho foram recolhidos ainda vigorava o DL n.º 3/2008, no entanto é importante que se reflita sobre o novo DL n.º 54/2018 que estabelece o regime jurídico da inclusão e substitui a educação especial. Este novo artigo prevê uma adequação do ensino às necessidades e potencialidades de todas e cada uma das crianças através de medidas universais, seletivas e adicionais. Compreendendo a importância dos profissionais de educação de infância para o desenvolvimento das crianças, a nova lei propõe recursos de apoio disponibilizados aos mesmos: os docentes de educação especial, a equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva, os centros de apoio à aprendizagem, as ELI e as equipas de saúde escolar (Boavida, 2018).

1.6. IPI em Portugal: Contextualização empírica relativa às práticas

Com a promulgação do DL n.º 281/2009 e a definição do SNIPI quase a fazer 10 anos de existência, a investigação tem vindo a crescer em torno da crescente necessidade de informar e formar os profissionais de IPI. Neste sentido, impera a reflexão sobre as práticas existentes relativas a todo o processo de intervenção desde a referenciação ao plano de transição.

Num estudo realizado por Mendes (2010), foi demonstrado que a decisão face ao tipo de práticas implementadas relacionadas com os contextos naturais e o foco da intervenção (focado na criança *vs.* mediado pelo cuidador) é influenciada pelo tipo de problemática existente e pela área de especialização do profissional de IPI que apoia a criança. Tendo estes resultados, começa a ser discutida a necessidade de: (a) se implementar um método sistemático de supervisão que avalie e oriente as práticas de intervenção; (b) a formação cooperativa de equipas para a atuação transdisciplinar; (c) normalizar os processos de avaliação e o seu desenvolvimento; e (d) criar procedimentos regulares de registo de todas as fases do processo de intervenção (Mendes, 2010).

Boavida, Aguiar, McWilliam e Pimentel (2010), depois de analisarem os objetivos existentes em planos de intervenção no distrito de Lisboa, alertam para a fraca qualidade dos objetivos uma vez que, na sua maioria, não eram mensuráveis, não eram observáveis e não eram adequados às rotinas e contextos naturais da criança.

Em relação ao desenvolvimento do PIIP, Saraiva (2014) concluiu que apesar de estarem todas as informações sobre a criança, a família e outro tipo de cursos presentes no documento, a estrutura e a maioria dos objetivos do PIIP são centrados na criança. No mesmo sentido, Arroz (2015) demonstrou também uma predominância de práticas centradas na criança sendo a própria participação da família descrita como passiva. Neste estudo, foi tomado como critério de participação a assinatura dos pais no processo, no entanto ao analisar a forma como foram escritos os objetivos, demasiado técnicos e pouco focados nas características ou necessidades do sistema familiar, concluiu-se que a assinatura não passa de uma formalidade (Arroz, 2015). Este tipo de participação da família e a falta de orientação origina uma intervenção menos eficaz, isto é, a falta de compreensão sobre a importância e do próprio objetivo incapacita a família de agir em prol da aquisição de competências, estas que muitas vezes não estão explícitas (Arroz, 2015). Apesar dos contributos supramencionados, a má formulação dos objetivos é uma prática que tem vindo a ser mantida. Num diferente estudo, os profissionais referem que os objetivos devem ser resultado de um diagnóstico da criança, demonstrando implementar algumas práticas centradas na criança e na sua problemática (Ferreira, 2017).

Ferreira (2017) demonstrou, ainda, que os profissionais apesar de conhecerem as práticas ideais em IPI ainda relatam uma predominância de práticas baseadas num modelo de trabalho “especialista”. Assim, profissionais assumem privilegiar o trabalho direto e individual com a criança, considerando a importância de alertar os pais para a implementação de uma determinada tarefa, solicitam a colaboração de outros profissionais sem consultar os prestadores de cuidados e optam por contactar outras pessoas para a facilitação da implementação de determinadas tarefas a adequá-las às necessidades dos pais e dos educadores (Ferreira, 2017). Anteriormente, Velez (2016) sugeriu que o profissional muitas vezes divide a intervenção em dois tipos de práticas, o apoio individualizado com a criança e a consultoria com os prestadores de cuidados.

Apesar da evidência supramencionada de práticas não consideradas como ideais, os profissionais parecem vir a implementar práticas mais aproximadas do ideal. Desta forma, os profissionais procuram construir objetivos sustentados nas necessidades e preocupações da família, considerando tarefas como a apresentação do serviço e o primeiro contacto como tarefas recorrentes na sua intervenção (Ferreira, 2017), sabem que construindo objetivos claros e orientados para a família promovem uma visão positiva face às potencialidades das criança (Arroz, 2015) e, desde o início do processo valorizam estratégias que envolvam as família na intervenção (Santos, 2016).

Em relação ao funcionamento transdisciplinar da equipa, a dificuldades na sua implementação mantiveram-se ao longo do tempo: a distribuição de casos continua a ser realizada em função da problemática da criança (Mendes, 2010), os profissionais ainda não compreendem a definição do papel de consultor e consultado (Almeida, 2013) e existe uma elevada rotatividade, nomeadamente, dos profissionais da educação (Santos, 2016).

Martins (2017) demonstrou que os fatores mais citados pelos profissionais de IPI que limitam a implementação plena das práticas ideais são a percepção de que os pais não estão disponíveis ou capazes de colaborar nas diferentes fases da intervenção, a falta de conhecimentos em IPI e a própria relação com os prestadores de cuidados. Esta última barreira torna-se difícil de ultrapassar uma vez que os prestadores de cuidados esperam um trabalho individualizado e especializado não aceitando o modelo atual (Martins, 2017).

Resumidamente, as práticas de IPI implementadas em Portugal tendem a manter o trabalho individualizado e específico com a criança mesmo quando existem oportunidades para apoiar os prestadores de cuidados e desenvolver a intervenção nas suas rotinas e nos seus contextos naturais e a não envolver a família no processo de intervenção (Arroz, 2015; Ferreira, 2017; Martins, 2017; Santos, 2016).

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Os resultados previamente explanados demonstram uma grande variedade de práticas, no entanto nenhum deles analisou a perspectiva dos três elementos da tríade existente no processo de intervenção em IPI, dos cuidadores (pais e educadores de infância) e dos profissionais. Neste sentido, este trabalho vai analisar as perspectivas destes três grupos através de *focus group*, objetivando uma análise exploratória sobre o trabalho dos profissionais de IPI, como é que são definidos os objetivos, as expectativas em relação aos outros adultos (dependendo profissionais de IPI ou cuidadores), local da realização dos apoios, trabalho dos profissionais de IPI com as crianças, trabalho dos profissionais de IPI com os adultos, apoio ideal e expectativas em relação ao apoio.

II. MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram neste estudo 17 indivíduos (oito profissionais de IPI, cinco educadoras de sala de jardim de infância e quatro pais de crianças acompanhadas pela IPI), pertencentes a quatro ELI da sub-região Lisboa e Vale do Tejo, divididos por três *focus group*. As idades dos participantes variam entre os 31 e os 57 anos ($M = 44.35$; $DP = 8.85$) e apenas um participante é do sexo masculino.

2.1.1 Pais

Neste estudo participaram três mães e um pai, as idades variam entre os 33 e os 40 anos ($M = 36.25$; $DP = 3.30$), três participantes consideram-se casados ou em união de facto e o outro solteiro e são acompanhados por três ELI (dois acompanhados pela mesma), em média, há 20 meses ($M = 20.25$; $DP = 13.72$).

2.1.2 Profissionais

A amostra é composta por oito profissionais (uma terapeuta ocupacional, uma terapeuta da fala, uma assistente social, uma psicóloga, uma fisioterapeuta e três educadoras), as idades variam entre os 31 e os 57 anos ($M = 45.88$; $DP = 10.41$), são todos do sexo feminino e pertencem a três ELI (duas por ELI). Em relação ao trabalho na ELI apenas um dos participantes não está a tempo inteiro, em média acompanharam 11 crianças no último ano ($M = 10.88$; $DP = 4.39$) e estão há 12 anos a trabalhar em IPI ($M = 12.25$; $DP = 8.97$).

2.1.3 Educadoras de sala de Jardim-de-infância

Participaram neste estudo cinco educadoras, acompanhadas por duas ELI (duas por ELI) com idades compreendidas entre os 43 e os 56 anos ($M = 48.40$; $DP = 4.98$). Nenhuma revelou ter alguma especialização em IPI, em média, trabalham há 26 anos ($M = 25.80$; $DP = 6.80$) como educadoras de infância e há 17 ($M = 16.80$; $DP = 11.63$) com crianças com necessidades educativas especiais integradas nas suas salas.

2.2 Procedimento

Este estudo foi desenvolvido no âmbito de um projeto mais alargado e visa perceber, através de uma análise qualitativa, as crenças, expectativas e as necessidades de educadores de infância, pais e profissionais de IPI face às Práticas de IPI em Portugal. Para tal, foi pedida uma autorização à Comissão Nacional de Proteção de Dados, à Comissão de Coordenação do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (2015) e à Comissão de Ética do ISCTE-IUL. Após a confirmação das referidas autorizações, foram contactadas as subcomissões e as ELI e marcados três *focus group*. Os participantes assinaram consentimentos informados (Anexo A), ficando com uma cópia para si, e preencheram um questionário sociodemográfico (Anexo C) antes do início dos mesmos.

Os *focus group* foram conduzidos por duas moderadoras, tendo uma orientado e discussão e mantido a conversa e a segunda lidados com as questões logísticas e tirado notas. Os *focus group* duraram entre os 80 e os 105 minutos e ficaram gravados em áudio. A moderadora introduziu os *focus group* com um pequeno resumo dos objetivos da discussão e apelou à participação ativa e à partilha de experiências de todos os participantes. O guião semiestruturado, que serviu como base desta discussão (Anexo B) continha as mesmas perguntas escritas de forma diferente consoante os participantes do *focus group* (pais, profissionais e educadores) e que pretendiam recolher informação sobre o trabalho dos profissionais de IPI, a definição de objetivos, as expectativas em relação aos outros adultos (dependendo profissionais de IPI ou cuidadores), local da realização dos apoios, trabalho dos profissionais de IPI com as crianças, trabalho dos profissionais de IPI com os adultos, apoio ideal e expectativas em relação ao apoio.

As gravações destas discussões foram transcritas sem o registo dos nomes dos participantes para que se salvaguardasse a sua identidade durante o restante processo de investigação.

2.3 Análise de dados

A análise dos dados demográficos esta foi realizada com base no Microsoft® Office Excel™ 2010 sendo que se realizaram as análises descritivas das variáveis que caracterizam a amostra através da extração das médias, desvios-padrão, máximo e mínimo.

Para a análise das respostas obtidas nos *focus group*, foi desenvolvida uma análise de conteúdo baseada no método *the headline* para tratamento de dados qualitativos (McWilliam, 2014). Este método supõe a divisão do corpus do texto transcrito em unidades de registo, estas isoladas devem por si só devem ter significado e posteriormente ser codificadas. Após a

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

atribuição dos códigos, foram criadas categorias em que pudessem ser enquadrados os códigos sobre um mesmo tema objetivando o contraste entre as mesmas. Neste sentido, e a partir da análise dos contrastes e de um enquadramento teórico, são criados os títulos (*headlines*) que indicam o sentido dos resultados. Assim, foram criados 68 códigos, 15 categorias (Anexo F) e 5 *headlines* (Quadros 1, 2, 3, 4 e 5). Tendo em conta o número de unidades de registo (577), foi utilizado o *IBM SPSS Software* para análise das frequências de cada código e categoria. Toda a análise dos diferentes níveis foi realizada por consenso entre dois investigadores.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 O trabalho do profissional é descrito consistentemente com palavras positivas, implementado no contexto e são descritas práticas de apoio

Quadro 1.

O trabalho do profissional é descrito consistentemente com palavras positiva, implementado no contexto e são descritas práticas de apoio à participação e relacionais

Categorias Códigos	Participantes			Unidades de registo			Total da categoria	
	Ed.	Pais	PIP	Ed.	Pais	PIP	n	%
Descrição do trabalho do PIP	5	3	8	48	24	35	107	-
Perfeito	-	1	-	-	1	-	1	0.9
Competência	4	1	-	9	1	-	10	9.3
Bom	1	-	-	1	-	-	1	0.9
Importante	2	3	-	2	6	-	8	7.5
Observação	3	-	-	3	-	-	3	2.8
Output	-	2	1	-	4	3	7	6.5
Colaboração	4	-	5	20	-	8	28	26.2
Empenho	2	2	1	2	4	1	7	6.5
Apoio a nível emocional	4	3	6	6	8	23	37	34.6
Flexibilidade	3	-	-	5	-	-	5	4.7
Práticas de apoio à participação e relacionais	5	3	8	38	5	41	84	-
Estratégias para o adulto	5	3	7	14	3	10	27	32.1
Informação/expetativas	-	-	8	-	-	17	17	20.2
Trabalho de equipa dentro da ELI	4	-	1	7	-	1	8	9.5
Estratégias para envolver o cuidador	-	-	2	-	-	3	3	3.6
Família enquanto decisor	-	-	4	-	-	8	8	9.5
Articulação entre escola-família	5	2	2	17	2	2	21	25.0

Legenda: Ed.: Educadores; PIP: Profissionais de IPI de Intervenção Precoce

Os resultados relativos à *Descrição do trabalho do profissional* demonstram que tanto os pais, como os educadores e os próprios profissionais de IPI estão bastante satisfeitos com a intervenção que tem vindo a ser desenvolvida. Em relação aos pais, tem vindo a ser demonstrado que os pais se sentem realizados com todo o apoio que possam receber para os ajudar a lidar com a situação dos seus filhos (Turnball et al., 2007) enquanto que a percepção dos profissionais de IPI pode ser justificada com a evidência de que os indivíduos associam o sucesso das tarefas que realizam a fatores individuais (Fleming, Sawyer, & Campbell, 2011).

Em relação às *Práticas de apoio à participação e relacionais*, sabe-se que a forma mais eficaz de trabalhar com os cuidadores é a implementação equilibrada das mesmas. Neste sentido, é notória uma maior frequência da descrição de *Estratégias para o adulto*, referidas principalmente pelas educadoras de infância e pelos profissionais de IPI, por exemplo: “E arranjar estratégias em conjunto para ultrapassar determinadas situações” (educadora), ou “O comer, ele era um menino que não comia... Não tinha um processo mas... Pronto, e depois ela foi, ensinou como é que tinha que fazer, como... (...) Às vezes não é o menino, às vezes somos nós, muitas das vezes que precisamos ali de “okey estás a fazer bem”, mas “okey estou a ter ali esta dificuldade, o que é que achas F*? O que é que achas que posso fazer para o agarrar? Estou a senti-lo a fugir” e ela vai e diz.” (educadora). Assim, os profissionais de IPI vão pedindo *feedback* sobre as estratégias e se têm algum impacto no desenvolvimento da criança (Ferreira, 2017), por normal este *feedback* é passado à educadora sendo o profissional descrito também como um moderador da relação da família com a educadora (*articulação casa-escola*).

A colaboração é o código mais descrito no trabalho do profissional, no entanto os pais não a referem, o que vai no sentido do estudo de McWilliam e colaboradores (2000) que demonstrou que os profissionais de IPI assumem implementar mais práticas como a inclusão da família em processos de tomada de decisão e de avaliação do que os cuidadores dizem receber.

3.2 Existe um contínuo de práticas de colaboração sendo a prática mais predominante o apoio de um-para-um com a criança

Quadro 2

Existe um contínuo de práticas de colaboração sendo a prática mais predominante o apoio de um-para-um com a criança

Categorias Códigos	Participantes			Unidades de registo			Total da categoria	
	Ed. <i>n</i>	Pais <i>n</i>	PIP <i>n</i>	Ed. <i>n</i>	Pais <i>n</i>	PIP <i>n</i>	<i>n</i>	%
Definição de Objetivos	3	3	4	13	11	13	37	
Objectivos definidos em conjunto	3	3	3	3	3	5	11	29.7
Obj. definidos antes da integração	-	1	-	1	-	-	1	2.7
Obj. definidos por educador e família	-	-	1	-	-	1	1	2.7
Objetivos definidos por família e ELI	-	1	1	1	-	1	2	5.4
Objetivos definidos por profissionais	2	1	2	5	1	5	11	29.7
Objetivos validados pela família	1	1	1	1	1	1	3	8.1
Reajuste (falta de)	1	-	-	-	1	-	1	2.7
Reajuste contínuo	2	1	-	2	5	-	7	18.9
Apoio direto (um-para-um)	5	3	7	28	8	23	59	
Apoio um-para-um (geral)	1	2	3	2	2	6	10	16.9
Apoio um-para-um fora da sala	4	-	-	8	-	-	8	13.6
Apoio fora da sala com educadora	-	-	1	-	-	1	1	1.7
Apoio um-para-um na sala	4	-	3	6	-	3	9	15.3
Apoio com pequeno grupo fora sala	1	-	-	1	-	-	1	1.7
Apoio com pequeno grupo na sala	3	1	3	4	1	4	9	15.3
Apoio um-para-um com presença pais	-	2	2	0	2	2	4	6.8
Apoio um-para-um na rotina (geral)	2	1	1	2	1	1	4	6.8
Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola	3	-	3	4	-	3	7	11.9
Apoio um-para-um na rotina de casa/comunidade	0	1	1	-	2	3	5	8.5
Avaliação um-para-um	-	-	1	1	-	-	1	1.7

Legenda: Ed.: Educadores; PIP: Profissionais de Intervenção Precoce

Continuação do Quadro 2.

Categorias	Participantes			Unidades de registo			Total da categoria	
	Ed.	Pais	PIP	Ed.	Pais	PIP	n	%
Códigos	n	n	n	n	n	n	n	%
Apoio no contexto	5	4	4	9	7	6	22	100
Tempo criança vs adulto	5	1	6	23	1	9	33	100
Importância igual do tempo com adulto e criança	2	1	-	3	-	-	3	9.1
Importância maior do tempo com a criança	3	-	-	3	-	-	3	9.1
Mais tempo com a criança	-	-	4	-	-	4	4	12.1
Mais tempo com o adulto	-	-	2	-	-	2	2	6.1
Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	5	1	2	17	1	3	21	63.6
Apoio aos cuidadores	4	2	1	10	5	1	16	100
Apoio à família largada	-	2	1	-	4	1	5	31.3
Apoio em processos de transição	3	1	-	5	1	-	6	37.5
Construção de materiais	2	-	-	5	-	-	5	31.3

Legenda: Ed.: Educadores; PIP: Profissionais de Intervenção Precoce

Através da análise do Quadro 2, é possível verificar que não é possível enquadrar as práticas num só modelo de intervenção, mas sim num continuum de colaboração das práticas implementadas.

Em relação à definição dos objetivos, existe uma igual predominância de unidades de registo relativas a *objetivos definidos em conjunto* (e.g. “os objetivos foram definidos comigo e com a equipa, e com a família também. Portanto, foram definidos por nós, pela equipa ao fim e ao cabo que trabalha com o menino” (educadora)) e *definidos pelos profissionais* (e.g. “é a gestora de caso” (educadora)). Apesar de só existirem três referências aos *Objetivos validados pela família* (e.g. “É comigo e com a equipa inicialmente, depois com a família. Portanto, estes objetivos são estabelecidos nesta parceria escola-família e equipa de intervenção” (educadora)), isto é, os profissionais de IPI preparam os objetivos previamente apresentando-os à família e esta apenas dá o consentimento final, é importante compreender até que ponto os pais participam efetivamente na definição dos objetivos ou se é o conhecimento sobre as práticas ideais que direciona o discurso dos pais, dos educadores e dos profissionais de IPI. Assim, devemos refletir sobre a forma como são incorporados os

objetivos definidos pela família no plano de intervenção sendo esta uma prática referida pelos cuidadores como a menos frequente (McWilliam et al., 2000), sobre a participação da família nesta fase do processo, uma vez que o consentimento (e.g. assinatura do PIIP) poderá ser um procedimento orientado pelo profissional, sendo que as famílias podem nem compreender qual o seu papel no processo e se as suas necessidades estão efetivamente espelhadas nos objetivos (Arroz, 2015) e que os profissionais de IPI tendem a considerar que devem ser eles a gerir este processo Ferreira (2017).

Apesar do apontamento anterior, é de sublinhar a referência ao *Ajuste Dinâmico* (e.g. “Porque é um trabalho de equipa e vamos sempre acertando... De sessão para sessão algumas situações. Mas é, sempre, um trabalho de conjunto, sim, em grande parte” (Pais)) dos objetivos pelos pais e educadoras de infância em conjunto com os profissionais de IPI, uma vez que vai ao encontro do estudo de Ferreira (2017) que demonstrou que esta prática é um passo para as práticas ideais em IPI, demonstrando um trabalho de equipa e de reflexão conjunta.

Sobre o *Apoio direto* com a criança (e.g. “Nós é numa situação de um para um, também... É individual. Toda a outra parte acabamos por agilizar nós pais...” (Pais)), é notória uma maior frequência face ao *Apoio aos cuidadores* (e.g. “E materiais que são construídos, por exemplo ao nível de comunicação, aqueles casos que utilizam imagem.” (Pais)). Neste sentido, é imperativo compreender quais as motivações intrínsecas do profissional para implementar os apoios, ou seja, se os apoios são realmente prestados num continuum de colaboração (McWilliam, 1995) em que as estratégias se moldam tendo em conta os objetivos definidos com os pais ou se o apoio é assim por incapacidade do profissional de se afastar de um modelo clínico (Martins, 2017). Pela análise de conteúdo, podemos concluir os profissionais de IPI ainda acabam por agir como condutor do processo de intervenção refletindo uma maior predominância de apoios objetivas para a sessão de intervenção direta e individual com a criança, passando menos tempo em apoio aos cuidadores (Mendes, 2012).

Genericamente, a maioria dos apoios são desenvolvidos no contexto e em sala, demonstrando a iniciativa de integrar outros intervenientes (e.g. pares ou pais ou educadores) e todas as educadoras referiram que o profissional de IPI passava algum tempo com elas no início ou no final do apoio. Foi ainda relatado, maioritariamente, pelos cuidadores, apoio a necessidades dos próprios, tais como apoio à família alargada, nos processos de transição e na construção de materiais. Assim, podemos corroborar as evidências de Arroz (2015) que

sugeriu que apesar de ser implementada nos contextos a intervenção mantém-se, principalmente, centrada na criança.

3.3 Os profissionais de IPI esperam que os cuidadores estejam envolvidos, que aceitem a situação do seu filho e que sejam honestos em relação aos apoios sendo que o maior número de justificações para a utilização das práticas estão relacionadas com as limitações dos mesmos.

Quadro 3

Os profissionais de IPI esperam que os cuidadores estejam envolvidos, que aceitem a situação do seu filho e que sejam honestos em relação aos apoios sendo que o maior número de justificações para a utilização das práticas estão relacionadas com as limitações dos mesmos

Categoria Códigos	Participantes			Unidades de registo			Total da categoria	
	Ed.	Pais	PIP	Ed.	Pais	PIP	n	%
	n	n	n	n	n	n		
PIP esperam dos cuidadores	-	-	6	-	-	11		
Aceitação	-	-	3	-	-	5	5	45.5
Envolvimento	-	-	4			4	4	36.4
Honestidade	-	-	2	-	-	2	2	18.2
Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e relacionais	4	1	8	11	1	61	73	100.0
Desejo de mais terapias fora da sala	2	-	-	2	-	-	2	2.7
Vários profissionais da ELI a apoiar a criança	2	1	-	4	1	-	5	6.8
Dificuldade na relação com os educadores	-	-	5	-	-	14	14	19.2
Intervenção depende da problemática da criança	3	-	2	4	-	2	6	8.2
Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	-	-	7	-	-	26	26	35.6
Incompreensão do modelo	1	-	5	1	-	5	6	8.2
Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	-	-	6	-	-	14	14	19.2

Legenda: Ed.: Educadores; PIP: Profissionais de Intervenção Precoce

Em relação ao que os *PIP esperam dos cuidadores*, os três códigos inseridos estão associados a um dos objetivos da IPI, promover o envolvimento na família e a sua participação no processo através de uma relação baseada na confiança (Carvalho et al., 2016) ou seja, os profissionais de IPI demonstram associar o que esperam dos cuidadores a características que eles próprios deviam promover. Esta verificação pode ser associada ao facto das pessoas associarem dificuldades no desempenho a fatores extrínsecos a si (Fleming et al. 2011).

A maior parte das práticas que se desviam do ideal em IPI são justificadas com as *Dificuldades na relação com os educadores* (e.g. “Eu concordo contigo que com as educadoras nem sempre é fácil, eu também tenho essa dificuldade, eu sinto muito mais confortável em ir aos domicílios e considerado que a maioria tenho muito pequeninos, e quando é um contexto... O início...” (Profissional)) e outras limitações dos cuidadores (e.g. “não reconhecerem dos filhos” (Profissionais de IPI)). Estas limitações vão ao encontro do estudo de Martins (2017) que demonstrou que os profissionais de IPI acreditam que as famílias não estão disponíveis ou capazes para ser parte do processo sendo que os profissionais de IPI acabam por assumir a direção do processo através desta premissa.

Podemos verificar que os profissionais de IPI não identificam nos pais vontade de participar no processo, por isso é importante esclarecer aos profissionais de IPI que os pais reconhecem a importância da sua decisão relativa aos serviços que devem ser prestados uma vez que são os únicos que percebem o que melhor se adequa ao seu sistema familiar (Kyarkanage, Dada & Samuels, 2017), no entanto não lhes é explicado exatamente qual o papel que devem assumir.

Apesar dos cuidadores não reconhecerem dificuldades na relação com o profissional (Kyarkanage et al., 2017) os profissionais de IPI admitem ter algumas dificuldades na relação com estes. Estas dificuldades muitas vezes surgem, segundo os profissionais de IPI, a partir do momento em que os prestadores de cuidados esperam um trabalho direto/terapêutico com a criança e o modelo que lhe é apresentação não se enquadra nessas normas. Aqui é importante refletir sobre a forma como os profissionais de IPI estão a implementar a sua intervenção uma vez que, apesar de referirem que prestam informação e gerem expectativas (*Informação/expectativas*) implementam o apoio de um-para-um na sala ou retirado e partilha de informações relativa à sua formação de base ou até um encaminhamento para apoio específico (e.g. terapia da fala) pode confundir a perceção face ao modelo ideal por se assemelhar ao clínico.

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Apesar do código *Incompreensão do modelo* (e.g. “Sim, eu até vejo isto ainda como o tal perito, que vai, é que sabe fazer, é bocadinho ainda essa... Não é? Embora agente queira partilhar e valoriza as competências da família, acaba por...” (Profissionais de IPI)) só ser mencionado em seis unidades de registo, cinco destas são referentes aos profissionais de IPI, isto revela que muitas vezes os próprios profissionais de IPI não percebem o modelo tornando-se mais difícil generalizá-lo aos cuidadores. No mesmo sentido, Mendes (2012), demonstrou que os profissionais de IPI continuam a privilegiar práticas centradas nas crianças e de acordo com os cuidadores presentes no apoio (e.g. pais vs educadores), as características individuais das crianças, isto é, os objetivos são enquadrados com os contextos e não com as rotinas. Muitos profissionais de IPI afirmam que apesar tomarem consciência dos modelos ideais em IPI precisam de formação específica em IPI, sendo esta necessidade um catalisador dos limites da operacionalização de um modelo de intervenção baseado nas rotinas e nos contextos da criança (Arroz, 2015).

3.4 Os cuidadores demonstram receio pelo fim do apoio da ELI ao mesmo tempo que desejam uma intervenção centrada na criança e aliada à família.

Quadro 4

Os cuidadores demonstram receio pelo fim do apoio da ELI ao mesmo tempo que desejam uma intervenção centrada na criança e aliada à família

Categoria Códigos	Participantes			Unidades de registo			Total da categoria	
	Ed.	Pais	PIP	Ed.	Pais	PIP	n	%
Preocupação com fim do apoio IPI	-	2	-	-	10	-	10	100.0
Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores	-	3	-	-	13	-	13	100.0
Desejo de (articulação com) profissionais mais especializados	-	2	-	-	6	-	6	46.2
Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	-	2	-	-	7	-	7	53.8
Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança	5	4	-	18	46	-	64	100.0
Desejo de mais terapias fora da sala	3	-	-	3	-	-	3	4.7
Necessidade de apoio a nível de material	-	1	-	-	1	-	1	1.6
Necessidade de formação	-	1	-	-	10	-	10	15.6
Apoio devia depender das patologias	-	2	-	-	2	-	2	3.1
Apoios externos à ELI	-	3	-	-	9	-	9	14.1
Mais sessões de terapia	-	4	-	3	15	-	18	28.1
Mais profissionais	3	2	-	10	4	-	14	21.9
Mais tempo	3	4	-	2	5	-	7	10.9

Legenda: Ed.: Educadores; PIP: Profissionais de Intervenção Precoce

Em relação à *Preocupação com o fim do apoio IPI* (e.g. “O problema depois é que dentro do primeiro ciclo isso desaparece! Porque nós, por exemplo, este ano, estamos a quatro meses de... De per... Em termos da ELI, não é? Portanto, provavelmente, haverá uma ou outra situação, por isso é que também vamos à consulta aqui no Hospital do Barreiro... Para ter alguém que se sirva de apoio quando... Quando for necessário, não” (Pais)), estes

resultados podem demonstrar uma incompreensão do modelo atual relativo aos objetivos da intervenção. Neste sentido, é importante compreender que neste momento os resultados da intervenção devem ser medidos pelo impacto no desenvolvimento da criança assim como pelas aquisições da família (e.g. autonomia, autoeficácia e capacitação) (Carvalho et al., 2016). Neste trabalho os pais demonstram estar dependentes dos profissionais de IPI que os acompanham, estes dados vão ao encontro do que foi demonstrado no primeiro subcapítulo deste grupo, uma vez que a intervenção continua a ser centrada na criança, um dos principais objetivos de uma perspetiva centrada na família não é atingido, a capacitação relacionada com autonomia das famílias (Carvalho et al., 2016).

Pela categoria *Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores* (e.g. “O que eu sinto às vezes é que são pequenas coisas que depois não fazem grande diferença porque depois na... No... Na estrutura toda não há uma ligação entre as coisas, não é? Falta isto...” (Pais)) e pelo *Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança* (e.g. “Sim, é, eu acho que sim, mediante as patologias, sim. Acho... Por vezes há... A medição das situações nem sempre está inserida naquele... Devia de se... Pois lá esta.... Cada caso é um caso” (Pais)) percebe-se que os cuidadores ainda assumem que para responder às suas necessidades e às da criança um melhor modelo de intervenção seria um misto de práticas centradas no profissional e aliadas à família. Os cuidares percebem como uma necessidade sua a necessidade de existir uma melhor articulação entre os serviços que respondem a estas família e assumem a necessidade de ter mais apoio no domicílio no sentido dos profissionais de IPI partilharem estratégias para os pais implementar. Estes desejos enquadram-se nas características associadas a um modelo aliado à família (Dunst, Johanson, Trivette, & Hamby, 1991). Em relação ao *Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade*, este coadunasse com os resultados de Fleming e colaboradores (2011) que demonstraram que os profissionais de IPI não tendem em articular a participação das crianças nas atividades da rotina da família com as atividades existente na comunidade.

O outro tipo de desejos enquadra-se no modelo centrado na problemática da criança (Pimentel, 2005) sendo que a este está associado a necessidade de um modelo terapêutico (mais sessões e mais vezes) e de apoios externos à ELI. Estes resultados são corroborados com o estudo de McWilliam (2000), onde foi demonstrado que os pais assumem como uma das práticas mais importantes a avaliação da criança com o objetivo de diagnóstico.

O código *Necessidade de formação* (e.g. “Mas haverá outras em que depois não há especialistas, não é? Que possam de algum modo ajudar mais aquela família, não é? Que é

isso que nós esperamos...” (Pais)) referido pelos pais está relacionado com a perceção destes sobre a preparação dos profissionais de IPI para trabalhar consoante a patologia da criança. Este apontamento pode não estar associado à falta de formação, mas aos objetivos da IPI, sendo que não é suposto que um profissional se centre no défice da criança, mas na capacitação das famílias (Carvalho et al., 2016). Este resultado pode também indicar que não é explícito aos pais quais os objetivos da intervenção, isto pode acontecer ou por incompreensão dos cuidadores ou dos próprios profissionais de IPI (Arroz, 2015).

3.5 Os cuidadores reconhecem existir dificuldades ao nível da organização do SNIPI e de articulação com outros serviços prestados

Quadro 5

Os cuidadores reconhecem existir dificuldades ao nível da organização do SNIPI e de articulação com outros serviços prestados

Categoria Códigos	Participantes			Unidades de registo			Total da categoria	
	Ed. <i>n</i>	Pais <i>n</i>	PIP <i>n</i>	Ed. <i>n</i>	Pais <i>n</i>	PIP <i>n</i>	<i>n</i>	%
Dificuldades de organização e articulação	4	2	-	43	3	1	46	100
Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	3	1	-	6	2	1	9	19.1
ELI funcionam de forma diferente	-	1	-	-	1	-	1	2.1
Questões sobre articulação de EE e IPI	4	-	-	37	-	-	37	78.7

Legenda: Ed.: Educadores; PIP: Profissionais de Intervenção Precoce

Ao longo da análise de conteúdo, podemos verificar que quatro educadoras, educadoras descrevem *Dificuldades de organização e articulação* o entre a EE e a IPI apresentando diferenças existentes consoante a ELI que as apoiasse. As educadoras referem que o apoio da ELI pode ou não cessar assim que a criança for elegível para a EE, que a referenciação para a ELI deve passar primeiro pela EE e se esta não tiver capacidade para agir, a referenciação é que é então direcionada para ELI, promovendo a ideia de que muitas vezes as famílias têm de escolher entre os dois apoios. Esta ideia reflete uma interpretação inadequada do quadro legal anterior e do vigente e uma falta de estabilidade ou orientação nas práticas a este nível. Apesar da mudança legislativa, promulgação do DL n.º 54/2018, a lei vigente durante os *focus group* já previa uma complementaridade entre o PIIP e o PEI sendo

este ponto o que traduz a possibilidade de coexistência destes apoios. Na nova lei, a previsão de colaboração entre os dois serviços torna-se ainda mais clara. Esta colaboração deve ser garantida procurando a coerência, articulação e comunicação entre todos os intervenientes. O 54/2018 clarificou a abrangência das ELI, ficando clara que este serviço está disponível na comunidade para o apoio aos profissionais de IPI de educação de infância.

Outra dificuldade apresentada pelos três grupos é *Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança) e ELI funcionam de forma diferente*. Neste caso, os cuidadores referem perceber que as ELIs funcionam de forma diferente tendo em conta a formação de base do profissional, do coordenador da equipa. Neste sentido, podemos afirmar que existe uma conformidade dos profissionais de IPI em trabalhar consoante as práticas definidas em equipa, mesmo que descontínua de normas nacionais, compreendendo que muitas vezes essas práticas não são as ideais, mas é o possível tendo em conta a pouca disponibilidade temporal que a equipa tem para cada processo de colaboração (Matos, 2010).

4. CONCLUSÃO

Este estudo pretende compreender as perceções dos três intervenientes no processo de intervenção precoce na Infância sobre o mesmo em Portugal.

Genericamente, as perceções dos três grupos permitem verificar que não existe uma única definição do apoio prestado pelos educadores e a participação dos cuidadores, mas sim um continuum de práticas de colaboração do mais ao menos integrado no contexto. Este enquadramento das práticas é justificado maioritariamente com limitações dos cuidadores sejam este ao nível do reconhecimento das necessidades da criança e da família ou a necessidade de se trabalhar as expectativas face ao apoio prestado.

A principal limitação deste estudo é a sua validade externa uma vez que devido à amostra reduzida deste estudo não será possível realizar uma generalização dos resultados para a restante população. No entanto, estes resultados devem ser considerados como um ponto de partida para a replicação deste mesmo estudo sendo que apesar da citada limitação existiu uma variedade ao nível das perceções dos cuidadores, ao nível da equipa que suporta a intervenção e do próprio profissional sendo constatadas experiências diferentes. Como sugestão futura, deve ser replicado o mesmo estudo com outras equipas, representativas das diferentes Subcomissões do SNIPI.

FONTES

Decreto-Lei n.º 281/2009. Diário da República - 1ª Série n.º 193 – 6 de outubro de 2009, pp. 7298 - 7301.

Decreto-Lei n.º 3/2008. Diário da República, 1ª Série n.º 4 – 7 de janeiro de 2008, pp. 154 – 164.

Decreto-Lei n.º 5/97. Diário da República, 1ª Série n.º 34 – 10 de fevereiro de 1997, pp. 670 – 673.

Despacho-Conjunto n.º 5220/97. Diário da República, 2ª Série n.º 178 - 4 de agosto de 1997, pp. 9377 – 9380.

Despacho-Conjunto n.º 891/99. Diário da República, 2ª Série n.º 244 – 19 de outubro de 1999, pp. 7298 – 7301.

BIBLIOGRAFIA

- Aleixo, E. (2014). *Práticas de Intervenção Precoce centradas nos contextos naturais e o seu contributo para a promoção do desenvolvimento de uma criança*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação – Politécnico de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retirado de https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11716/1/ELISABETE_ALEIXO.pdf
- Allen, R. I., & Petr, C. G. (1996). Toward developing standards and measurements for family-centered practice in family support programs. In G. H. S. Singer, L. E. Powers, & A. L. Olson (Eds.), *Redefining family support: Innovations in public-private partnerships* (pp. 57- 86). Baltimore, MD: Brookes. Retirado de www.aucd.org/docs/lend/family_faculty/toward_developing_standards2007.pdf
- Almeida, C. (2013). *Transdisciplinaridade em intervenção precoce na infância - Perceção de uma equipa local de intervenção*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/4025/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Carla%20-%20C%C3%B3pia.pdf?sequence=1>
- Almeida, I. C. (2000). Evolução das teorias e modelos de intervenção precoce: Caracterização de uma prática de qualidade. *Cadernos do CEACF*, nº 15/16, 29-46.
- Almeida, I. C. (2004). Intervenção precoce: Focada na criança ou centrada na família e na comunidade?. *Análise Psicológica*, 1(22), 65-72. doi: 10.14417/ap.130
- Almeida, I. C. (2007). *Estudos sobre a Intervenção Precoce em Portugal: Ideias dos especialistas dos profissionais e das famílias*. (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Almeida, I. C. D., Carvalho, L., Ferreira, V., Grande, C., Lopes, S., Pinto, A. I., ..., & Serrano, A. M. (2011). Práticas de intervenção precoce baseadas nas rotinas: Um projeto de formação e investigação. *Análise Psicológica*, 29(1), 83-98. Retirado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v29n1/v29n1a06.pdf>
- Arroz, A. B. N. (2015). *Práticas de intervenção precoce na infância: quem faz o quê, onde e como?*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada -

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Instituto Universitário de Ciências Psicológicas Sociais e da Vida, Lisboa, Portugal.

Retirado de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4496/1/17806.pdf>

Augusto, H., Aguiar, C., & Carvalho, L. (2013). Práticas atuais e ideais em intervenção precoce no Alentejo: Perceções dos profissionais. *Análise Psicológica*, 1(31), 49-68.

doi:10.14417/ap.614

Bailey Jr, D. B., Bruder, M. B., Hebbeler, K., Carta, J., Defosset, M., Greenwood ,..., & Barton, L. (2006). Recommended outcomes for families of young children with disabilities. *Journal of Early Intervention*, 28(4), 227-251.

doi:10.1177/105381510602800401

Bailey, D. B., Simeonsson, R. J., Winton, P. J., Huntington, G. S., Comfort, M., Isbell, P., ... Helm, J. M. (1986). Family-focused intervention: A functional model for planning, implementing, and evaluating individualized family services in early intervention. *Journal of the Division for Early Childhood*, 10(2), 156-171.

doi:10.1177/105381518601000207

Bailey, D., & Bruder, M. B. (2005). *Family Outcomes of Early Intervention and Early Childhood Special Education: Issues and Considerations*. Retirado de http://ectacenter.org/~pdfs/eco/Family_Outcomes_Issues_01-17-05.pdf

Bairrão, J., & Almeida, I. C. D. (2003). Questões atuais em intervenção precoce. *Psicologia*, 17(1), 15-29. doi:10.17575/rpsicol.v17i1.436

Boavida, T. (2018). *Sobre o Decreto-Lei n.º 54/2018 e a educação pré-escolar*. [Mensagem de blog]. Disponível em: primeirosanos.iscte-iul.pt/2018/10/17/sobre-o-decreto-lei-n-o-54-2018-e-a-educacao-pre-escolar/

Boavida, T., Aguiar, C., & McWilliam, R. A. (2014). A training program to improve IFSP/IEP goals and objectives through the routines-based interview. *Topics in Early Childhood Special Education*, 33(4), 200-211. doi: 10.1177/0271121413494416

Boavida, T., Aguiar, C., & McWilliam, R. A. (2018). A intervenção precoce na infância e os contextos de educação de infância. In S. Torres (Ed.), *Teoria, Práticas E Investigação Em Intervenção Precoce*, pp. 5-26. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.

- Boavida, T., Aguiar, C., McWilliam, R. A., & Pimentel, J. S. (2010). Quality of individualized education program goals of preschoolers with disabilities. *Infants & Young Children, 23*(3), 233-243. doi: 10.1097/IYC.0b013e3181e45925
- Bricker, D. (2001). The natural environment: A useful construct?. *Infants & Young Children, 13*(4), 21-31.
- Bronfenbrenner, U. (1975). Is early intervention effective?. In B. Z. Friedlander, G. M. Sterritt, & G. E. Kirk (Eds.), *Exceptional Infant: Vol. 3. Assessment and Intervention* (pp. 449–475). New York: Brunner=Mazel.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist, 32*(7), 513-531. doi:10.1037/0003-066X.32.7.513
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In M. Gauvain & M. Cole (Eds.), *Readings on the development of children* (pp. 37-43). New York: Freeman.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The bioecological model of human development. *Handbook of Child Psychology: Vol 1, Theoretical Models of Human Development, 793–828*. doi: 10.1002/9780470147658.chpsy0114
- Bruder, M. B. (2000). Family-centered early intervention: Clarifying our values for the new millennium. *Topics in Early Childhood Special Education, 20*(2), 105– 115. doi:10.1177/027112140002000206
- Buyse, V., & Wesley, P. W. (2005). *Consultation in early childhood settings*. Baltimore, London, Sydney: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Campbell, P. H., & Sawyer, L. B. (2009). Changing Early Intervention Providers' Home Professional Development. *Topics in Early Childhood Special Education, 28*(4), 219–234. doi:10.1177/0271121408328481
- Campbell, P. H., & Saywer, L. B. (2007). Supporting learning opportunities in natural settings through participation-based services. *Journal of Early Intervention, 29*(4), 287-305. doi:10.1177/105381510702900402
- Carvalho, L., Almeida, I. C., Felgueiras, I., Leitão, S., Boavida, J., Santos, P. C., ..., & Franco, V. (2016). *Práticas recomendadas em intervenção precoce na infância: um guia para profissionais*. Coimbra: Associação Nacional de Intervenção Precoce.

- Dunst, C. J. (1985). Rethinking early intervention. *Analysis and Intervention in Developmental Disabilities*, 5, 165–201. doi:10.1016/S0270-4684(85)80012-4
- Dunst, C. J. (2000). Revisiting “rethinking early intervention”. *Topics in Early Childhood Special Education*, 20(2), 95-104. doi:10.1177/027112140002000205
- Dunst, C. J. (2002). Family-centered practices: Birth through high school. *The Journal of Special Education*, 36(3), 141–149. doi:10.1177/00224669020360030401
- Dunst, C. J. (2007). Early intervention for infants and toddlers with developmental disabilities. *Handbook of developmental disabilities*, 161-180.
- Dunst, C. J. (2009). Implications of evidence-based practices for personnel preparation development in early childhood intervention. *Infants and Young Children*, 22, 44–53. doi:10.1097/01.IYC.0000343336.34528.ea
- Dunst, C. J., & Bruder, M. B. (2002). Valued outcomes of service coordination, early intervention, and natural environments. *Exceptional Children*, 68, 361–375. doi:10.1177/001440290206800305
- Dunst, C. J., & Espe-Sherwindt, M. (2016). Family-centered practices in early childhood intervention. In B. Reichow, B. A. Boyd, E. E. Barton & S. L. Odom (Eds.), *Handbook of Early Childhood Special Education* (pp. 37-55). Chaim: Springer. doi:10.1007/978-3-319-28492-7_3
- Dunst, C. J., & Trivette, C. M. (2009). Capacity-building family systems intervention practices. *Journal of Family Social Work*, 12 (2), 119–143. doi:10.1080/10522150802713322
- Dunst, C. J., Johanson, C., Trivette, C. M., & Hamby, D. (1991). Family-oriented early intervention policies and practices: Family-centered or not?. *Exceptional Children*, 58, 115-126. doi:10.1177/001440299105800203
- Dunst, C. J., Trivette, C. M. & Deal, A. G. (1988). *Enabling and empowering families: Principles and guidelines for practice*. Brookline Books, Cambridge, MA.
- Epley P., Summers, J. A., & Turnbull, A. (2010). Characteristics and trends in family-centered conceptualizations. *Journal of Family Social Work*, 13, 269-285. doi:10.1080/10522150903514017

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

- Ferreira, A. R. (2017). *Percepção dos profissionais de Intervenção Precoce na Infância acerca das práticas ideais no contexto português: Modelo colaborativo ou especialista?*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal.
- Franco, V. (2007). Dimensões transdisciplinares do trabalho de equipe em intervenção precoce. *Interação em Psicologia, 11*(1), 113–121. Retirado de <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/1331/1/Dimens%C3%B5es%20%28publicado%29.pdf>
- Guralnick, M. J. (2001). A development systems model for early intervention. *Infants and Young Children, 14*(2), 1-18. doi: 10.1097/00001163-200114020-00004
- Guralnick, M. J. (2011). Why early intervention works: A systems perspective. *Infants and Young Children, 24* (1), 6–28. doi:10.1097/IYC.0b013e3182002cfe
- King, G., Strachan, D., Tucker, M., Duwyn, B., Desserud, S., & Sbillington, M. (2009). The application of a transdisciplinary model for Early Intervention Services. *Infants & Young Children, 22*(3), 211-223. doi:10.1097/IYC.0b013e3181abe1c3
- Martins, T. (2017). *Discrepância entre práticas típicas e ideais em Intervenção Precoce na Infância: percepção dos profissionais das equipas locais de intervenção em Portugal*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal.
- McLean, M., Sandall, S. R., & Smith, B. (2016). A history of early childhood special education. In B. Reichow, B. A. Boyd, E. E. Barton, & S. L. Odom (Eds.). *Handbook of Early Childhood Special Education* (pp. 3-19). New York, NY: Springer. doi:10.1007/978-3-319-28492-7_1
- McWilliam, P. J., Winton, & E. R. Crais (2003). *Estratégias práticas para a intervenção precoce centrada na família*. Porto: Porto Editora.
- McWilliam, R. A. (1992). *Family-centered intervention planning: A routines-based approach*. Tucson, AZ: Communication Skill Builders.
- McWilliam, R. A. (1992). *Family-centered intervention planning: A routines-based approach*. Tucson, AZ: Communication Skill Builders.

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

- McWilliam, R. A. (1995). Integration of therapy and consultative special education: A continuum in early intervention. *Infants & Young Children*, 7(4), 29-38.
- McWilliam, R. A. (1995). Integration of therapy and consultative special education: A continuum in early intervention. *Infants & Young Children*, 7(4), 29-38.
- McWilliam, R. A. (2003). The primary-service provider model for home-and-community-based services. *Psicologia*, 17(1), 115-135. doi:10.17575/rpsicol.v17i1.441.
- McWilliam, R. A. (2010a). Early intervention in natural environments: A five-component model. *Early Steps*. Retirado de kdec.org/HTML/2013Conference/EINE_Five_Component_Model.pdf
- McWilliam, R. A. (2010b). *Routines-based early intervention: Supporting young children and their families*. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co.
- McWilliam, R. A. (2014). The headline method of analyzing qualitative data. Retirado de <http://naturalenvironments.blogspot.com/2014/12/analyzing-qualitative-data.html>
- McWilliam, R. A. (2016). Birth to three: Early intervention. In B. Reichow, B. A. Boyd, E. E. Barton, & S. L. Odom (Eds.). *Handbook of Early Childhood Special Education* (pp. 75-88). New York, NY: Springer. doi:10.1007/978-3-319-28492-7_5
- McWilliam, R. A., Casey, A. M., & Sims, J. (2009). The routines-based interview: a method for gathering information and assessing needs. *Infants & Young Children*, 22, 224-233. doi:10.1097/iy.0b013e3181abe1dd
- McWilliam, R. A., Ferguson, A., Harbin, G. L., Porter, P., Munn, D., & Vandiviere, P. (1998). The family-centeredness of individualized family service plans. *Topics in Early Childhood Special Education*, 18(2), 69-82. doi:10.1177/027112149801800203
- McWilliam, R. A., Snyder, P., Harbin, G. L., Porter, P., & Munn, D. (2000). Professionals' and families' perceptions of family-centered practices in infant-toddler services. *Early Education and Development*, 11(4), 519-538. doi:10.1207/s15566935eed1104_9
- McWilliam, R.A., Tocci, L., & Harbin, G. L. (1998). Family-centered services: service providers' discourse and behavior. *Topics in Early Childhood Special Education*, 18(4), 206-221. doi:10.1177/027112149801800404

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

- Meisels, S. J., & Atkins-Burnett, S. (2000). The elements of early childhood assessment. In J. P. Shonkoff, & S. J. Meisels. (Eds.), *Handbook of early childhood intervention*, (pp. 231-257). Cambridge: Cambridge University Press.
doi:10.1017/cbo9780511529320.013
- Meisels, S. J., & Shonkoff, J. P. (2000) Early intervention: a continuing evolution. . In J. P. Shonkoff, & S. J. Meisels. (Eds.), *Handbook of early childhood intervention*, (pp. 3-31). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511529320.003
- Mendes, M. (2010). *Avaliação da qualidade em intervenção precoce: Práticas no distrito de Portalegre*. (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Pimentel, J. S. (1999). Reflexões sobre a avaliação de programas de intervenção precoce. *Análise Psicológica*, 1(27), 143-152. Retirado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v17n1/v17n1a15.pdf>
- Pimentel, J. S. (2004). Avaliação de programas de intervenção precoce. *Análise Psicológica*, 1(22), 43-54. doi:10.14417/ap.128
- Pimentel, J. S. (2005). *Intervenção focada na família: Desejo ou realidade*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Pinto, A. I., Grande, C., Aguiar, C., Almeida, I. C., Felgueiras, I., Pimentel, J. S., ..., & Lopes-dos-Santos, P. (2012). Early childhood intervention in Portugal: Na overview based on the developmental systems model. *Infants & Young Children*, 25(4), 310-322. doi:10.1097/iy.0b013e3182673e2b
- Pinto, A. I., Grande, C., Felgueiras, I., Almeida, I. C., Pimentel, J. S., & Novais, I. (2009). Intervenção e investigação em idades precoces: o legado de Joaquim Bairrão. *Psicologia*, 23(2), 21-42. doi:10.17575/rpsicol.v23i2.325.
- Sameroff, A. (1975). Transactional models in early social relations. *Human Development*, 18, 65-79. doi:10.1159/000271476
- Sameroff, A. J., & Fiese, B. H. (2000). Transactional regulation: The developmental ecology of early intervention. In J. P. Shonkoff & S. J. Meisels. (Eds.), *Handbook of early childhood intervention*, (pp. 135-159). Cambridge: Cambridge University Press.
doi:10.1017/cbo9780511529320.009

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

- Sameroff, A. J., & Mackenzie, M. J. (2003). Research strategies for capturing transactional models of development: The limits of the possible. *Development and psychopathology*, 15(3), 613-640. doi:10.1017/S0954579403000312
- Santos, M. G. M. A. (2016). *Perceções sobre práticas em Intervenção Precoce: do real ao ideal*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas Sociais e da Vida (ISPA), Lisboa, Portugal.
- Saraiva, I. M. D. S. V. (2014). *Intervenção Precoce na Infância. PIIP que rumo?*. (Dissertação de Doutoramento), Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Sheridan, S. M., Welsh, M., & Orme, S. F. (1996). Is consultation effective? A review of outcome research. *Remedial and Special Education*, 17(6), 341-354. doi:10.1177/074193259601700605
- Swanson, J., Raab, M., & Dunst, C. J. (2011). Strengthening family capacity to provide young children everyday natural learning opportunities. *Journal of Early Childhood Research*, 9(1), 66-80. doi: 10.1177/1476718x10368588
- Velez, A. C. D. (2016). *Práticas típicas e práticas ideais de consultoria colaborativa em Intervenção Precoce na Infância: Perceções dos profissionais*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas Sociais e da Vida (ISPA), Lisboa, Portugal.
- Woods, J., & Lindeman, D. P. (2008). Gathering and giving information with families. *Infants & Young Children*, 21(4), 272-284. doi:10.1097/01.iyc.0000336540.60250.f2
- Yoder, P. J., & Warren, S. F. (1993): Can developmentally delayed children's language development be enhanced through prelinguistic intervention?. In A. Kaiser & D. Gray (Eds.), *Enhancing children's communication. Research foundations for intervention* (pp. 35-61). Baltimore, MD: Paul Brookes.

ANEXOS

Anexo A – Exemplar de Consentimento Informado



CARTA DE CONSENTIMENTO

Título do Estudo: *Desenvolvimento Profissional: Consultoria Colaborativa em Intervenção Precoce na Infância.*

Investigadora Responsável: Tânia Boavida

Orientadores: R. A. McWilliam, Cecília Aguiar

Financiamento: Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/108571/2015)

Instituição: ISCTE-IUL

Contactos:

Telefone: 217 903 060 (Extensão 722161)

Endereço eletrónico: tania.boavida@iscte.pt

Caro(a) Sr.(a) Profissional de Intervenção Precoce,

Vimos, por este meio, convidá-lo(a) a participar no projeto de investigação *Desenvolvimento Profissional: Consultoria Colaborativa em Intervenção Precoce na Infância*. A participação neste estudo é voluntária. Pode retirar o seu consentimento em qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal ou profissional.

Esta carta inclui informações relevantes acerca deste projecto de investigação e, por isso, ser-lhe-á fornecida uma cópia. Poderá, em qualquer momento, perguntar aos investigadores acima indicados quaisquer questões relacionadas com este estudo.

Este estudo foi autorizado pela Comissão Nacional de Proteção de Dados (Autorização nº. 10632/2016), pela Senhora Presidente do ISS,IP, que preside a Comissão de Coordenação do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (31 de março de 2015) e teve parecer positivo da Comissão de Ética do ISCTE-IUL (na reunião de 25 de maio de 2016) e, nesta fase, tem como objetivo **descrever, através de uma abordagem qualitativa (i.e., focus group), quais as perceções dos profissionais de Intervenção Precoce na Infância, incluindo as suas experiências, o seu conhecimento e as suas crenças, sobre os apoios de intervenção precoce na infância em contextos naturais.**

Se concordar em participar, ser-lhe-á pedido para:

1. Participar, juntamente com um número reduzido de profissionais, numa sessão de discussão em grupo, no contexto da qual se pretende que partilhe as suas ideias/comentários/opiniões sobre o tema em questão.
2. Permitir que a equipa de investigação efetue registos áudio dessa sessão, que terá a duração máxima de 2 horas.
3. Fornecer informações relacionadas com (1) a sua idade, anos de experiência, formação, etc.; (2) o seu endereço de correio eletrónico; e (3) o seu contexto de trabalho (sem identificar a ELI).



4. Após a transcrição e/ou a análise dos dados, verificar se, na sua perspetiva, a informação transcrita/analizada pela equipa reflecte de uma forma fidedigna os conteúdos discutidos na sessão em que participou.

Esta investigação pretende beneficiar a sociedade em geral através da obtenção de novos conhecimentos. Como recompensa pela sua participação, receberá um voucher no valor de 10 euros. Paralelamente, não antecipamos quaisquer riscos associados à participação neste estudo e não há custos envolvidos.

Os dados recolhidos serão arquivados num armário fechado (durante o período de execução do projeto) e apenas a equipa de investigação terá acesso aos dados. A sua privacidade será protegida através do uso de uma senha para acesso aos registos áudio. Os participantes neste estudo não serão identificados em qualquer relatório ou publicação.

A recolha de dados pessoais é controlada e fiscalizada pela Comissão Nacional de Proteção de Dados. Se tiver quaisquer dúvidas em relação aos seus direitos, pode contactar a referida comissão através do telefone 213 928 400 ou do endereço eletrónico geral@cnpd.pt.

CONSENTIMENTO

Li a informação que consta neste pedido de autorização. Concordo em participar neste estudo.

Assinatura do participante

Data

Assinatura do Investigador Responsável

Data

Desejo ter acesso aos resultados gerais deste estudo, através de correio eletrónico: Sim Não

Se respondeu Sim, por favor indique o seu endereço eletrónico: _____

Anexo B – Exemplo de Guião do *Focus Group*

INTRODUÇÃO

Boa tarde e bem-vindas!

Obrigada por aceitarem o nosso convite e por terem vindo hoje aqui, para participar na nossa discussão acerca da vossa experiência e ideias relativamente aos apoios de Intervenção Precoce na Infância (IPI). O meu nome é Tânia Boavida e sou investigadora no ISCTE-IUL. A xxx, xxx está aqui hoje para me ajudar.

Nos últimos anos, a nossa equipa tem estudado as práticas de IPI, debruçando-se essencialmente sobre o desenvolvimento de práticas de qualidade. Nesta fase do nosso trabalho, sentimos que não podemos avançar sem sabermos mais acerca das perspetivas das educadoras de infância relativamente à forma como devem ser realizadas as sessões de apoio na creche ou jardim de infância. Estamos especialmente interessadas em saber o que deve acontecer no decorrer destas sessões e como deve ser realizado o trabalho entre os educadores e os diferentes profissionais de IPI.

Este grupo inclui as primeiras educadoras a responder ao nosso convite. Todas têm pelo menos uma criança incluída na sua sala que tem apoio da intervenção precoce na infância e já tiveram outra criança nesta situação com outro grupo. Trata-se, portanto, de um grupo de profissionais muito empenhadas e experientes que terão, certamente, muito para nos ensinar sobre como devem ocorrer as visitas dos profissionais de IPI.

Não há respostas certas nem erradas, apenas diferentes pontos de vista. Por favor, sintam-se à vontade para partilharem o vosso ponto de vista, mesmo que seja diferente da opinião que outras colegas exprimiram.

Estamos a gravar a sessão com dois gravadores porque não queremos perder nenhum dos vossos comentários. Nenhum nome será incluído em nenhum relatório ou publicação. Os vossos comentários são confidenciais.

Cada uma de vocês tem o respetivo nome à frente, para nos ajudar a lembrar o nome de todas. Não se sintam obrigadas a responder sempre. Se quiserem dar continuidade a algo que outra colega disse, se quiserem concordar ou discordar, se quiserem dar um exemplo, sintam-se à vontade para o fazer. Podem também conversar entre vocês acerca destas questões. Eu estou aqui para fazer perguntas, para ouvir e para assegurar que toda a gente tem oportunidade para falar. Estamos muito interessadas em ouvir cada uma de vocês. Portanto, se alguém estiver a falar muito, posso eventualmente pedir para dar oportunidade às outras colegas e, se alguém estiver a falar muito pouco, posso pedir para dar a sua opinião. Queremos mesmo que todos tenham oportunidade para partilhar as suas ideias.

Se tiverem telemóvel, por favor, retirem o som e, se precisarem de atender, façam-no lá fora. Sintam-se à vontade para se levantarem para comer ou beber alguma coisa, sempre que quiserem.

Vamos começar.

PERGUNTAS

Pergunta inicial

5 min.

1. Em 30 segundos, digam-nos o vosso primeiro nome, o que mais gostam de fazer quando não estão na creche ou no jardim de infância e o que mais gostam de fazer dentro da vossa sala com os vossos meninos?

Perguntas introdutórias

20 min.

A partir de agora, não vamos seguir a ordem em que estão sentadas. Podem participar quando quiserem e sempre que quiserem.

2. Quem define e como são defendidos os objetivos dos planos (PEI ou PIIP) das crianças que estão incluídas nas vossas salas e recebem serviços de IPI?
3. Pensem nos vários profissionais de IPI que apoiaram crianças incluídas na vossa sala. Que palavras utilizariam para descrever o trabalho destes profissionais?

Pergunta de transição

15 min.

4. O que esperam de um profissional de IPI quando este vem dar apoio a uma criança integrada na vossa sala?

Perguntas-chave (10-15 minutos cada)

45 min.

5. Onde são realizados os apoios dos profissionais de IPI a estas crianças quando vêm à vossa instituição?
6. Como é que os profissionais trabalham com as crianças?
7. Os profissionais de IPI passam algum tempo convosco durante a sessão? Se sim, quanto tempo? Com quem é que eles passam mais tempo?
8. De que forma descreveria um apoio ideal de um profissional de IPI na creche ou no jardim de infância?

Perguntas finais

20 min.

9. Suponham que têm um minuto para estabelecer, com um profissional de IPI que vai começar a dar apoio a uma criança integrada na sua sala, a melhor forma para ele conduzir a sua intervenção quando vem à sua instituição. Que lhe diriam?

Durante a nossa discussão, falamos sobre...
(SUMÁRIO ORAL DO MODERADOR -2 A 3 MINUTOS)

10. Descrevi adequadamente o que foi aqui dito?

Últimas perguntas

5 min.

11. O objetivo deste estudo é conhecer as perspetivas das educadoras de infância acerca da forma como decorrem e devem decorrer os apoios dos profissionais de IPI às crianças que estão integradas em creche ou em jardim de infância. Há alguma coisa de que devíamos ter falado e não falamos? Há alguma coisa que gostariam de ter dito e não tiveram oportunidade para dizer?
12. Este é o primeiro de uma série de grupos de discussão que pretendemos organizar. Têm algum conselho sobre como podemos melhorar?

Por favor, preencham agora o Questionário de Avaliação da Sessão.

CONCLUSÃO

Obrigada por terem participado. Foi muito importante para nós conhecer as vossas ideias sobre este tema. Quando nos for possível, e apenas para quem assinalou estar interessado em conhecer os resultados deste estudo, enviaremos um resumo das nossas conclusões para que possam dizer-nos se refletem de uma forma fidedigna os conteúdos discutidos nesta sessão.

Bom regresso a casa. OBRIGADA POR TUDO.

Anexo C - Questionário Sociodemográfico dos Profissionais de IPI



POR FAVOR, FALE-NOS DE SI

1. Sub-região a que pertence:
- Norte Centro Lisboa e Vale do Tejo
- Alentejo Algarve
2. Sexo: Feminino Masculino
3. Idade: _____
4. Profissão:
- Educador(a) Professor(a) Fisioterapeuta
- Terapeuta Ocupacional Terapeuta da Fala Psicólogo(a)
- Assistente Social Outro. Qual: _____
5. Habilitações académicas (assinale todas que se aplicam):
- Diploma/Bacharelato Licenciatura Pós-graduação
- Mestrado Doutoramento Outra: _____
6. Na sua formação de base (antes de iniciar a sua vida profissional) teve alguma cadeira específica sobre crianças com incapacidades ou em intervenção precoce na infância?
- Não Sim
- | Nome da cadeira ou conteúdos | Nº de horas (+/-) |
|------------------------------|-------------------|
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
| _____ | _____ |
7. Fez alguma formação específica, após iniciar a sua vida profissional, no trabalho com crianças com incapacidades ou em intervenção precoce na infância? (assinale com um círculo)
- Não Sim
- | Nome da formação ou conteúdos | Nº de horas (+/-) | Ano |
|-------------------------------|-------------------|-------|
| _____ | _____ | _____ |
| _____ | _____ | _____ |
| _____ | _____ | _____ |

8. Trabalha na ELI a tempo inteiro?

Não. % de tempo que trabalha na ELI: _____ Sim

9. Quantas horas por semana trabalha na ELI? _____

10. Qual o número médio de crianças/famílias que apoiou por semana nos passados 12 meses? _____

11. Qual a percentagem de crianças que apoiou nos últimos 12 meses com as seguintes características? (Total = 100%)

- 1 Crianças em risco de atraso de desenvolvimento ou com incapacidades ligeiras .._____%
- 2 Crianças com incapacidades moderadas_____%
- 3 Crianças com incapacidades severas_____%
- 4 Outro. Especifique_____%

12. Qual a percentagem de crianças que apoiou nos últimos 12 meses com as seguintes características? (Total = 100%)

- 1 Crianças entre os 0 e os 36 meses....._____%
- 2 Crianças entre os 3 e os 5 anos....._____%
- 3 Crianças com mais de 5 anos....._____%

13. Qual dos seguintes descreve melhor a comunidade onde trabalha? (assinale com um círculo)

- Área predominantemente Rural
 Área mediamente Urbana
 Área predominantemente Urbana

14. Quantos anos de serviço tem no total? _____ e em IPI? _____

15. Há quantos anos trabalha com crianças dos 0-6 anos? _____

Anexo D - Questionário sociodemográfico dos Pais



POR FAVOR, FALE-NOS DE SI

1. Sexo: Feminino Masculino
 2. Idade: _____
 3. Habilitações académicas (assinale todas que se aplicam):
 menos que o 4º ano 4º ano 6º ano 9º ano 12º ano
 Diploma/Bacharelato Licenciatura Pós-graduação
 Mestrado Doutoramento Outra: _____
 4. Profissão: _____
 5. Estado civil:
 Solteiro Casado/ União de facto Separado/Divorciado Viúvo
 6. Há quanto tempo tem apoio de uma Equipa Local de Intervenção (Intervenção Precoce na Infância)? _____
 7. Diagnóstico d@ seu/sua filh@: _____
 8. Idade d@ seu/sua filh@: _____
 9. @ seu/sua filh@ está integra@: Sim Não
 10. O seu filho tem outros apoios além da Intervenção Precoce: Sim Não
- Se sim:
- a. Quantos? _____
 - b. Quais? _____

Anexo E – Questionário Sociodemográfico das Educadoras de sala de Jardim de Infância



POR FAVOR, FALE-NOS DE SI

1. Sexo: Feminino Masculino
2. Idade: _____
3. Habilitações académicas (assinale todas que se aplicam):
 Diploma/Bacharelato Licenciatura Pós-graduação
 Mestrado Doutoramento Outra: _____
4. Especializações? Sim Não
4.1. Especifique: _____
5. Número de anos de escolaridade completos: _____
6. Número de anos de serviço como educadora de infância: _____
7. Número de anos em que teve crianças com NEE integradas: _____
8. Tipo de grupo:
 1º Berçário 2º Berçário 2 anos
 Misto 3 anos 4 anos 5 anos
9. Tipo de instituição em que trabalha:
 Pública Privada sem fins lucrativos Privada com fins lucrativos

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Anexo F – Unidades de Registo, Códigos e Categorias

Unidades de Registo	Grupo	Códigos	Categorias
Elas têm um grande conhecimento das crianças já antes delas nos chegarem, não é? E acaba por transmitir este conhecimento.	Educador	Apoio em processos de transição	Apoio aos cuidadores
Pronto então agente.. Eu até tenho tido sorte, porque eu antes de receber por exemplo este criança que eu recebi eu já sabia todo o historial dela, a n°+nível de doenças que teve, a nível do desenvolvimento que teve..., Já sabia. Vê logo um relatório com tudo o que diz respeito a essa criança. Foi-me apresentado os pais, portanto acabou por... Por ser muito positivo.	Educador	Apoio em processos de transição	Apoio aos cuidadores
Este trabalho que é o mais difícil já foi feito. Já vem muito bem consolidado, ou seja, há uma passagem para nós	Educador	Apoio em processos de transição	Apoio aos cuidadores
Não, e normalmente a adaptação. Elas acompanham sempre a criança na adaptação, há sempre ali um determinado tempo que elas ficam na sala um bocadinho para eles se adaptarem.	Educador	Apoio em processos de transição	Apoio aos cuidadores
Eu neste momento tenho um aluno que está no três, avaliado com o três, e a educadora, portanto a técnica da ELI continuou... Nós construímos o PEI, ela veio as reuniões connosco, fez a passagem com a família	Educador	Apoio em processos de transição	Apoio aos cuidadores
Nós tínhamos agora lá na sala uns jogos... Portanto são para todos usarem, mas são específicos para um dos meninos que eu tenho. Portanto é um...São dois jogos que eu tenho... Elaborados de propósito pela terapeuta da fala para se trabalhar alguns sons, a articulação de alguns sons, e... Portanto, é um jogo que está na área dos jogos, como o jogo do galo, o jogo de enfiamentos, etc. (...) É assim, não quer dizer que as meninas novas também não o façam. Secalhar em termos material conseguem construir coisas mu...	Educador	Construção de materiais	Apoio aos cuidadores
Pronto, e depois há questões específicas de material que é importante. Na parte da fala é construído, não é? Sobretudo... Eu este ano tenho um para a fala, outro é a parte emocional, portanto estamos a trabalhar como gerir de emoções, como fazer essa gerência. Tenho outro parte física, o ano passado era um da parte física, era terapeuta ocupacional, por exemplo...	Educador	Construção de materiais	Apoio aos cuidadores
material próprio para a problemática do menino, isto é muito bom. E eu sou sincera. Há alturas... Porque eu não sou... Não sou de educação especial, não é? Sou educadora de infância e há questões que às vezes nos passa pelos pingos da chuva. E elas às vezes tem uma sensibilidade que nós ajudam...	Educador	Construção de materiais	Apoio aos cuidadores
Sim, é isso que ele está a fazer.	Educador	Construção de materiais	Apoio aos cuidadores

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E materiais que são construídos, por exemplo aos nível de comunicação, aqueles casos que utilizam imagem...	Educador	Construção de materiais	Apoio aos cuidadores
E vai também avaliá-los, e tudo o resto. Mas não funciona como uma tera... Como uma terapeuta.	Pais	Apoio à família alargada	Apoio aos cuidadores
Sim, sim, sim. É só um acompanhamento ao desenvolvimento da criança.	Pais	Apoio à família alargada	Apoio aos cuidadores
Que eu não tivesse que... Que chegasse a casa e só tivesse mesmo que mimar os meus filhos e não ter que me preocupar com mais nada. Numa situação perfeita que ficasse totalmente aliviada. Que o Autismo não fosse um peso assim tão grande para mim e para o meu marido. Pronto... E para a família, também. Ah, e uma coisa, também! Também era bom que realmente houvesse uma intervenção, não só a nível familiar ou no contexto do jardim de infância, mas também houvesse técnicos direcionados ou que falassem com a família. Porque quando há um diagnóstico toda a família devia de ser integrada. Os meus pais lamentam imenso de não saber como é que podem lidar com os meus filhos. Porque eles não podem estar sempre em formação, porque também já são mais velhos. Há sempre essas questões normais que devia haver um acompanhamento familiar. Mas não só a nível nuclear, mas mesmo a nível dos restantes... Sim, pronto. Isso é muito importante e devia acontecer.	Pais	Apoio à família alargada	Apoio aos cuidadores
Isso é uma das situações que eu e o meu marido, pedimos na última intervenção que tivemos. E que nós, pais, sentimos essa necessidade, de que seja... Porque os técnicos têm uma forma diferente de abordar determinadas situações, e por acaso vamos fazer. Agora, numa próxima sessão. Vamos fazer com os familiares diretos e em conjunto, sem a criança, portanto só para nós. Porque nem sempre eles estão connosco. Por vezes, estão com os avós também e os avós não... Sabem o pouco que nós vamos transmitindo, não é? E não... Mas não estão a par de muitas situações. Portanto, e eles precisam de estar, porque se acontece alguma situação, a maior parte das vezes, não conseguem gerir e eu falo por mim. O meu filho está muito bem, mas a qualquer momento, entra em coma. E, portanto, eles não conseguem perceber o que é que está a acontecer. E eles têm de ter essa perceção, têm de ter esse contacto. É muito importante, tem de ser uma coisa imediata. Tem de ser, portanto... E, e nós, agora vamos ter. Pedimos nós, pais, pedimos que assim fosse e foi bem aceite pela equipa e vamos ter... Acho que essa situação também é muito importante, o contacto mais próximo, entre uns e outros. Porque isto é uma situação que afeta a família toda. Não só pais, mas também todos aqueles que estão na nossa retaguarda, os mais próximos, é normal...	Pais	Apoio à família alargada	Apoio aos cuidadores
Neste momento, os meus filhos também... Como agora andámos ali uns meses a ponderar mudá-los de jardim de infância e mudámos para... recentemente. O trabalho que fazem é sempre mais de 44 e é sempre em grupo. Não há trabalho de um para um, este ano ainda... Nós, neste momento, também estamos, novamente, a organizar... Tudo, os objetivos e tudo dos meus filhos.	Pais	Apoio em processos de transição	Apoio aos cuidadores

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

. É um trabalho que nos coloca sempre em questionamento, em duvida, e é sempre necessário, e há aquele cliché, que eu antigamente, os clichés, mas é... Realmente este aplica-se, que é o “cada caso é um caso”, mas não dá para ser feito de outra forma, nós temos estas orientações, estas linhas de intervenção, mas depois face aos fatores que estão à volta daquela família e todos os intervenientes que vão influenciar e que têm de ter sido tidos em conta... O resultado vai ser diferente daquela para a outra família... Quando... Se fossemos só pelo diagnostico, se houver diagnostico, mas se fossemos só pelas questões das dificuldades, secalhar o caminho seria igual, mas depois nunca é...

Profissional

Apoio à família alargada

Apoio aos cuidadores

Eu às vezes depende um bocado das estratégias. Eu já tive crianças que não queriam sair da sala, e o trabalho começou por ser dentro da sala, por exemplo a terapia da fala, começou por ser dentro da sala,. Depois pouco a pouco... A criança começou a ganhar confiança e começou a querer sair já e ir para um sítio mais calma, tinha que levar era um amigo. Então a estratégia começou, ele ia, saia da sala e escolhia um amigo para ir com ele. E acabavam por ir, o trabalho rendia mais, não é? Porque estava ali mais com uma... Sozinho com a terapeuta e com o colega, não estava ali os outros.

Educador

Apoio com pequeno grupo fora da sala

Apoio direto (um-para-um)

Eles já sabem que esse menino utiliza muito esse espaço é um menino que precisa de ajuda para estar concentrado. Os próprios já sabem e pronto tem lá o horário dele, descarregar o horário... Com algumas características, ainda estamos a ver o que é, mas tem que se organizar com o horário e nele próprio tem um horário quando chega a sala. Tem essa área, tem esse espaço próprio...

Educador

Apoio com pequeno grupo na sala

Apoio direto (um-para-um)

Portanto, como nós não conseguimos esse apoio individualizado como tanto desejamos, eles próprios sabendo as dificuldades da colega acabavam muitas vezes por levá-lo até lá e era o próprio par que a apoiava no desenvolvimento daqueles jogos que tinham sido criados para ela, eram feitos com ela, mas também com outros, e eles próprios passam por aquele cantinho também, mas pronto... Para uma maior identificação que era onde estava um quarto da rotina dela, que era onde ela colocava, pronto... As imagens... Sabem do que é que estou a falar. E portanto ela ia colocando ai os simbolozinhos e era também o espaço onde ela também volta e meia ia lá, mexericava, ia embora, o amigo a levava lá, ou o adulto. Portanto era um espaço como outro qualquer, como havia uma outra área. Foi criado para ela, no fundo, mas não segregador atenção, era integrado no espaço em continuidade com...

Educador

Apoio com pequeno grupo na sala

Apoio direto (um-para-um)

Portanto o facto de se fazer um jogo, por exemplo, específico para aquela criança e depois entram mais é uma estratégia, mas eu faço isso todos os dias ou secalhar quase todos os dias, pronto, para não estar a exagerar.

Educador

Apoio com pequeno grupo na sala

Apoio direto (um-para-um)

E então... Eu... Hoje a técnica chegou e disse assim, nós estávamos a acabar, hoje é quinta-feira, nós fazemos uma receita... Um... A culinária à quinta. E então eu disse “olha eu estou a acabar agora a culinária” e ela disse “okey, tudo bem”. Pronto, acabamos, fizemos. Estava um grupo fazer culinária e o menino com quem ela ia trabalhar não estava nessa área e eu... E ela disse “então vou buscar o jogo para ver como é que estão as coisas”. Dois ou outro “ah também quero jogar” e então pronto foram.

Educador

Apoio com pequeno grupo na sala

Apoio direto (um-para-um)

Depois com o trabalho essencialmente que fizesse o trabalho com aquela criança que o ajudassem a desenvolver as potencialidades que tem, que todas elas mesmo que tenham dificuldades tem potencialidades.

Educador

Apoio um-para-um

Apoio direto (um-para-um)

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Depende também dos casos, não é? Há situações de crianças em que o trabalho tem de ser mais individualizado, mas em termos de acompanhamento acho que elas fazem muito bem essa parte.	Educador	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
A minha experiência depende, às vezes não, às vezes sim, outras vezes não... É mais usual haver uma troca de informações após, mas muitas das vezes, imagine se eu estou trabalhar com um grupo e entretanto ela chega, ela não interrompe... Ou seja eu não interrompo e ela sabe que eu não gosto de ser interrompida e portanto ela entra pronto... E... Pronto, é o tal respeito por aquilo que está a ser feito. Pronto, integra-se, se for para trabalhar mais individualizado com a criança pergunta se a criança quer ir com ela, mas sempre sem perturbar aquilo que se está a passar em termos do grande grupo. E por isso aí, nesse sentido, não há conversa antes, mas sim depois sempre que possível trocamos ali algumas informações, aliás porque há sempre normalmente coisas em relação a casa, ou reuniões que temos que marcar com os pais ou... Pronto... Ou se já tem o relatório daqui ou se já tem... Há sempre aquelas intervenções...	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)
E, por vezes, não sei, mas há alguns constrangimentos em relação à criança ser retirada da sala, mas na minha opinião há casos e casos...	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)
Mas eu pelo menos, com a ELI com que nos trabalhamos há vários... (retirados)	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)
Mas eu, por exemplo quando tinha apoio da terapia da fala, normalmente, era retirado para dar um trabalho mais individualizado, sim.	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)
Mas há certos casos que são retirados.	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)
mas por exemplo a terapia da fala, nós temos uma sala que é do prolongamento de horário que nós não temos. Que então normalmente essa sala é disponibilizada para a terapeuta ir para essa sala com as crianças...	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)
Nós por exemplo criamos este ano um local, temos lá um local... Também as escolas não tem espaço, eu falo rede publica... Nós não temos, nós por acaso, o que as colegas me dizem da ELI é que tomara a todas as escolas tivessem aquele continho como nós temos ali, que é para fazer as reuniões e tudo, mas pronto...	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)
A terapia de fala é feito num espaço que nós temos que é... Um pequena des... Que é uma despensa, mas que tem mesas e que dá para criarmos ali um espacinho próprio para poder estar e a terapia ocupacional é feita numa salas que nós temos que é mesmo uma sala de... Polivalente... Onde temos bolas, pronto... Onde também dinamizamos algumas atividades com os miúdos. Portanto esse é um espaço que é utilizado pela terapeuta ocupacional, pronto... E é elaborados depois os horários em conformidade com os nossos. Até porque essa sala polivalente também é utilizada pelos professores das atividades extracurriculares que lá venham dar aulas. Pronto, isto depois é em termos... É articulados os horários... Portanto	Educador	Apoio um-para-um fora da sala	Apoio direto (um-para-um)

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

e depois começou a trabalhar com ele à hora de almoço.	Educador	Apoio um-para-um na rotina	Apoio direto (um-para-um)
Delas é. Ou seja, eu já tive... Agora este ano não estou com um horário mais ou menos fixo, mas por exemplo no ano passado, no período inicial ela vinha em vários horários e ia-se desdobrando para poder acompanhá-lo em vários momentos, em várias rotinas, para aferimos dali...	Educador	Apoio um-para-um na rotina	Apoio direto (um-para-um)
Há esta parte que é precisar de mais enfoque. Percebi, agora neste trabalho mais individualizado fiz com ele... Um determinado jogo, que há aqui... Portanto isso também me vai ajudar a mim depois na minha planificação de prever algumas atividades que, que deixam algum... Resposta a isto que foi apontado para aquela criança. Porque eu também não sei se não existem ali outras que o tenham... Pronto...	Educador	Apoio um-para-um na sala	Apoio direto (um-para-um)
O ano passado por exemplo, não... O ano passado sim, também, um caso de uma criança, acabei por arranjar um cantinho onde havia uns jogos que eram dessa menina, tal como tinhas dito, mas que ela podia recorrer com um amigo também durante o dia.	Educador	Apoio um-para-um na sala	Apoio direto (um-para-um)
Apesar de ele estar ali com aquela criança em especial, mas portanto...	Educador	Apoio um-para-um na sala	Apoio direto (um-para-um)
É, e quando entram e dizem “bom dia” e ela é capaz de estar a trabalhar ali com a criança e eles começam ali a rodear. E querem participar também e há sempre uma interligação entre todos.	Educador	Apoio um-para-um na sala	Apoio direto (um-para-um)
E para mim sobretudo interessa-me que seja... Que haja um trabalho individualizado, porque é essa a parte que a educadora tem mais dificuldade em chegar. (...) Agora eu interessa-me que ela quando está lá, o tempo é tão pouco, que aquilo seja rentabilizado em termos do... Do apoio mais específico aquela criança mesmo.	Educador	Apoio um-para-um na sala	Apoio direto (um-para-um)
Mas eu tenho uma área da sala onde isso possa ser feito...	Educador	Apoio um-para-um na sala	Apoio direto (um-para-um)
Há uma preocupação em fazer o acompanhamento também em termos de grupo.	Educador	Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola	Apoio direto (um-para-um)
Nós também temos apoio à hora de almoço que vai dar duas meninas...	Educador	Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola	Apoio direto (um-para-um)
Mas olha às vezes elas também são muito feitas em consonância do que sentimos mais, portanto nos temos lá à hora de almoço que vão dar apoio as crianças na hora de almoço.	Educador	Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola	Apoio direto (um-para-um)
Agora é assim, eu este ano não, mas já tive também meninos que quer em termos físicos, portanto com... O que é que combinei com a colega, eu tenho um horário, por exemplo para a educação física, eu quando esse menino ficou na minha turma, no meu grupo, eu pedi à colega que sempre que ela fosse lá, porque era também para me fazer aquele apoio individualizado, para ela também me ensinar. Porque era em termos físicos uma situação com alguma complexidade. Portanto, tive um menino que	Educador	Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola	Apoio direto (um-para-um)

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

tinha um síndrome com alguma rigidez... Parte física muito complexa, então eu pedi-lhe para ela ir lá, portanto, e esse momentos.

claro que os momentos de avaliação como é lógico saem e etc.	Educador	Avaliação um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
A principal lacuna que ele tem é trabalhado em situação um grupo de três, quatro miúdos, a brincar, fazer qualquer atividade. A técnica está ali, a tentar que ele integre um grupo como igual e não que se ponha um pouco de parte, que era o que acontecia normalmente.	Pais	Apoio com pequeno grupo na sala	Apoio direto (um-para-um)
Posso começar? Pronto, no meu caso, no caso do meu filho, a profissional é uma fisioterapeuta. Porque, inicialmente, ele atrasou a parte da marcha... Ele é... Tem um tumor cerebral e ficou cego. E, pronto, a cegueira depois tem esta condicionante, atrasa a parte motora. Atualmente está ultrapassado, no entanto como... Tem ainda o facto de ter começado a andar mais tarde... Fez com que ficasse ali com um pequeno encurtamento no tendão de Aquiles, ainda se justifica a intervenção da fisioterapeuta. Ah, pronto. É um trabalho muito de um para um, não é? Porque é um trabalho, acaba por ser um trabalho muito individualizado, sendo neste... Sendo isto que ele precisa, não é? Neste momento... Embora eu ache que ele precisa de outras coisas que não tem. Mas isso não sei se há uma questão onde, depois possa...	Pais	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
Nós é numa situação de um para um, também... É individual. Toda a outra parte acabamos por agilizar nós pais...	Pais	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
Pronto, nós estamos.	Pais	Apoio um-para-um com presença dos pais	Apoio direto (um-para-um)
Quando é em casa sim. (risos) É possível, mas quando é no contexto da creche, não.	Pais	Apoio um-para-um com presença dos pais	Apoio direto (um-para-um)

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

No meu caso é mais do... Com algumas exceções... Ele, por exemplo, não... Não... Teimava que para se comer só se come com uma mão. Portanto, só se usava o garfo. Estamos perante aquela situação que é, no 1º Ciclo não há ninguém para lhe cortar a carne, não é? Portanto ele tem de aprender a comer com garfo e faca. E, por exemplo, no nosso caso, a responsável de caso teve uma guerra, que ele teve da 1 às 3 da tarde para comer. Não almoçava, porque não pegava na faca. Cada vez que ela ia com a mão para lhe agarrar, na mão dele para agarrar a faca, ele literalmente largava o outro, largava o garfo. Quando ela ia com o garfo, ele largava a faca. E gritava e esperneava e tudo isso porque... Neste caso não lhe estavam a fazer mal. Porquê? Porque lhe estavam a impor uma regra e as regras não são... Não se gostam que se imponham regras, quando são coisas que não gosta. E, portanto, e ela a uma determinada altura, quando lá o conseguiui acalmar e fazer com que ele conseguisse comer de faca e garfo, com a ajuda dela, fez um acordo com ele que é “olha, para a semana, vamos ao 1º Ciclo que é para tu veres como é que se come lá do outro lado, que é para tu perceberes porque é que tens de aprender a comer com garfo e faca”. E foram... Primeiro o espanto dele quando chegou lá e viu que havia pratos, não havia mesas postas, não é? Porque os miúdos agarram nos tabuleiros e levam as coisas no tabuleiro. E depois de ter verificado aquilo, ela fez-lhe uma proposta que é “eu vou-te filmar ao almoço, que é para tu veres como é que fica bem tu a comeres de faca e garfo”. E... Lá está. Eu nunca me iria lembrar daquela situação mas o que é certo é que ela depois enviou-nos a filmagem e ele teve 23 minutos a comer sem largar a faca e a mão outra vez. Para coçar a cara, coçou a cara assim com a faca na mão. Porque não largou... Porque estava a ser filmado e, portanto, ele está a ver que “sim senhor, eu estou-me a portar bem” e tal... Em casa, temos a mesma guerra. Não come de faca e garfo, só o garfo, a outra mão fica para segurar a cadeira, diz ele. E a gente tenta ali, de volta... E conseguimos já, com algumas situações, que são conselhos de técnica, conseguir convence-lo a... Salvo estas pequenas situações, como aquela do barulho que falei inicialmente.

Pais

Apoio um-para-um na rotina

Apoio direto (um-para-um)

A primeira vez que quisemos ir ao teatro, perguntou-se se ela, se nós queríamos que ela estivesse presente, no fim de semana, ela deslocava-se para ir ao sítio. Quando pensámos em fazer uma situação de desporto, ginástica, natação, etc., ela disse “se quiserem que eu esteja presente, estou”. Quando foi do dentista, a primeira vez de ir ao dentista, também disse “eu não posso estar, tenho pânico, mas eu arranjo uma pessoa que vá com vocês e que esteja presente” e, portanto, e todo esse apoio, tem-nos servido como um guia. Nós quando temos qualquer dúvida, ligamos. Ligamos “Isabel, passa-se isto e isto e isto. Como é que eu devo de reagir?” e a pessoa diz “Olhe, experimente-lhe fazer isto, coloque-lhe esta questão desta forma, veja que tipo de reação é que ele tem. Se ele vai, no caminho certo, se vai parar com o comportamento, se vai para o lado que vocês querem que ele vá quando está a situação”. E isso tem-nos ajudado imenso.

Pais

Apoio um-para-um na rotina de casa/comunidade

Apoio direto (um-para-um)

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E a técnica teve de ir para o sítio onde é que ia ser a festa, com o som que ia estar na altura da festa, portanto, mesmo um espaço fechado em que o som estava... Era mais difícil dele se concentrar numa outra coisa, e teve de estar ali com ele, para ele perceber que o som não fazia mal, não é? E quem conhece o meu filho e sabe como é que ele reage a sons aquilo... A pessoa teve que fazer aquele esforço para estar ali, mas aquilo devia de lhe doer o coração estar a fazer aquilo, não é? Porque temos de estar a agarrar o miúdo para ele perceber que aquilo não faz mal, não é?

	Pais	Apoio um-para-um na rotina de casa/comunidade	Apoio direto (um-para-um)
Acho que os miúdos também tem sempre tendência a procurar.	Profissional	Apoio com pequeno grupo na sala	Apoio direto (um-para-um)
Até mesmo estas sessões que eu estou a dizer, quer no contexto educativo, por exemplo... Estava à bocado a referir, eu nunca estou sozinha com ele, eu estou na sala, há sempre... O jogo nunca é entre mim e ele só, há sempre um ou dois colegas. Ainda agora estivemos a fazer o dominó... Primeiro começamos com dois e depois já estavam para aí 5, portanto... Tinham é que esperar que acabasse o jogo e depois voltavam.	Profissional	Apoio com pequeno grupo na sala	Apoio direto (um-para-um)
Isto era as regras, o esperar a vez, portanto... Mesmo nestas sessões é impossível estar só com... estamos porque estamos sentados, ou... Num jogo... Nunca estou... aliás ou mesmo que seja eu tento sempre que esteja sempre mais um coleguinha, até mesmo que seja a nível da linguagem ou qualquer coisa, tento sempre que o modelo seja o colega e não o meu, portanto, acabo por... E eu vou-me metendo ali um bocadinho, mas não, não estou só de... é muito raro ou nunca mesmo.	Profissional	Apoio com pequeno grupo na sala	Apoio direto (um-para-um)
Mas no fim eu disse aos pequeninos que estavam fartos de estar sentados, “vão para a sala” e eu aproveitei e fiz uns joguinhos com eles na linguagem, mas porque, porque também escolhi os jogos, pronto e continuei a atividade....	Profissional	Apoio com pequeno grupo na sala	Apoio direto (um-para-um)
Ontem fiz no ginásio, mas a educadora veio comigo... (risos) E veio, ela veio... E depois teve ali o tempo todo... E uma educadora que é um espetáculo, essa é. Depois disse “ah já percebi, vou fazer sempre que posso, venho com ela cá um bocadinho...”	Profissional	Apoio fora da sala com educadora	Apoio direto (um-para-um)
A brincar...	Profissional	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
É sempre a brincar, é de uma maneira natural, a conquistá-los...	Profissional	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
Para que eles sintam... Uma relação de bem estar, estarem disponíveis para estar connosco, nem sempre...	Profissional	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
Há crianças que têm determinadas problemáticas que inicialmente quando lá veem uma pessoa estranha eles tentam fechar-se na sua concha e não querem mesmo dizer nada... Tenho um menino que aconteceu isso inclusivamente depois foi a consulta de desenvolvimento e entrou mudo e saiu calado... Mas passado... E pediram-nos um relatório a mim e à educadora, porque o menino não participava, mas ele tinha muitas competências. Foi difícil, foi quase o primeiro período, ali o primeiro mês, segundo, a tentar conquistá-lo, porque... Mas que no fim de se conquistar, pronto, ali ele começou a interagir e a participar e a trabalhar...	Profissional	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Acabamos por perceber as competências que ele têm.	Profissional	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
O intervir diretamente com eles, porque aju... A brincar como a colega diz nós conseguimos... Dar-lhe tanto e elas aprenderem tanto que não há outra forma, penso eu de trabalhar melhor, qualquer que seja a criança...	Profissional	Apoio um-para-um	Apoio direto (um-para-um)
Em casa por norma eu consigo que a família esteja envolvida... De vez em quando bate então “ah tenho que ir ver a roupa” ou a máquina ou tenho que fazer qualquer coisa, mas por norma consigo que eles estejam envolvidos. Tenho um caso de uma família de etnia cigana, que antes de estar no contexto educativo, estavam todos, o pai, a mãe neste caso... O pai, a mãe, estavam todos envolvidos na atividade ou naquilo que estivéssemos a conversar.	Profissional	Apoio um-para-um com presença dos pais	Apoio direto (um-para-um)
Não, estava a pensar no contexto dos domicílios, por causa da presença e do envolvido das pessoas. Eu fazia um domicílio no campo, mesmo no campo... Em que inclusivamente havia vizinhas que também estava... Vivia a avó, os pais. A criança vivia com os pais e com a avó, pronto, a família, vivem todas na mesma casa... E então... E aquilo, depois geralmente ficávamos sempre num espaço, ficávamos junto à estrada e depois passavam sempre pessoas... E então era engraçado porque, às vezes, havia vizinhas também envolvidas nas atividades.	Profissional	Apoio um-para-um com presença dos pais	Apoio direto (um-para-um)
No contexto integrado na atividade que estão a desenvolver, assim como seja em casa. Depois se o educador e a família estão ali ao nosso lado isso já é outra conversa...	Profissional	Apoio um-para-um na rotina	Apoio direto (um-para-um)

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Estávamos a ver as preocupações da mãe e as dificuldades e as rotinas eram comer, porque ele não comia nada sem ser... Engolir, ele não queria, depois tinha... Quando começamos a comida, lembro-me que foi com uma brincadeira dos smarties tinha cores, a sopa e conseguimos com as cores... Mas isto tinha que ser... Tínhamos as duas que ver os interesses daquela criança, que eram muito diferentes dos... Das outras crianças, o cortar as unhas... Eu combinei com a mãe, tínhamos que... Eu tentei ir lá a casa para no banho fazer... Tive com ela... E consegui cortar... Uma unha sem haver choro, sem... Porque normalmente a mãe prendia-o, e aquilo era um espremer, um pavor, que depois eu tive um bocadinho a ver e tentei não fazer igual, mas também não te sei explicar se... foi porque eu tive uma outra atitude, se foi porque... Eu acho que teve muito haver com mudarmos de espaço, para ele, portanto o facto de ele, não cortarmos as unhas no quarto ou na casa de banho e ser fora da casa foi facilitador, depois começamos a tentar que a mãe em casa também se corta, não logo todas, aquilo foi pouco a pouco, ele chorava, porque isto passava por uma fase de resistência dele e que ela tentava também acalmá-lo, falar com ele, não estar tão enervada, até que um dia isto é ultrapassado, pronto... E pronto, são casos de crianças com uma grande sensibilidade em termos de... Eu lembro-me que o banho, por exemplo, a água não podia estar... Aquele vapor de água era isso que o fazia ficar descompensado, se a água não estivesse muito quente, corria melhor e ponhamos às vezes entre o chuveiro e o corpo dele, também para não cair diretamente a água no corpo, tentamos por, mas isto havia muita coisa que ela percebia que ele gostava e que nos íamos...</p>	Profissional	Apoio um-para-um na rotina de casa/comunidade	Apoio direto (um-para-um)
<p>Olhe eu tenho outra experiência, que eu também brincava, assim nalguns casos, mas noutros, estou a lembrar-me de um menino autista que eu ia ao domicílio e que trabalhava... Era muito difícil para ele as rotinas... O banho, choros. E então disponibilizei-me para ir ajudar a dar o banho e com ele tinha... Não podia ser muita brincadeira, eu tinha que ser diretiva, dizer poucas palavras, tinha... Tivemos que perceber também o ambiente, por exemplo, na banheira não podia também ter certo brinquedos, portanto depende também dos casos, também...</p>	Profissional	Apoio um-para-um na rotina de casa/comunidade	Apoio direto (um-para-um)
<p>Lembro-me cortar as unhas era um pavor para a criança e era de tal forma que a mãe ficava enervada e ainda por cima, né? E comigo era muito mais fácil porque eu não tinha aquilo vínculo, não é? E o facto de a mãe poder ver que ele conseguia tranquilizar e deixou de ter... Eu tive que mudar contexto, eu cortava-lhe as unhas, teve que ser fora de casa. Começou por ser assim, ele aceitava melhor, não... Provavelmente o ambiente era outro, portanto tudo isto eu acho que agente tem de ter, cada caso é mesmo um caso...</p>	Profissional	Apoio um-para-um na rotina de casa/comunidade	Apoio direto (um-para-um)
<p>De facto, por exemplo, com essa criança, eu... Revi-me aqui no que a M* estava a dizer... E depois exigem de mim ir lá ao contexto educativo, o miúdo secilhar é linguagem e comportamento, comportamento no jardim de infância está tranquilo... Mais ou menos, é depois é a linguagem, pronto, levam jogos para a educadora e fazemos... Para fazermos com o grupo, eu vou... Eu quando vou lá, de facto, integro a atividade, ele vai para as áreas dos jogos, de preferência prefiro que ele vá ... Eu também vou lá integro a área da casinha e eu depois também vou lá e vou tentando também em termos de linguagem, “dá-me a maça”, e que ele repeti e portanto acaba por... Mas isso eu acho que sim, que a P* faz é um trabalho, mas de facto nem sempre consigo fazer isso...</p>	Profissional	Apoio um-para-um na sala	Apoio direto (um-para-um)

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>e ela disse “esse não, esse hoje está escondido e não podes utilizar” e eu disse “oh educadora, lamento imenso, mas nós demos-lhe isto a escolher e ele não vai saber lidar com a frustração de que está escondido, portanto eu vou deixar de fazer o serviço que tenho para fazer toda a manhã e vou ficar com ele com esta atividade.” Vais lá abaixo por, vais buscar e eu fico aí no tapete com ele... Portanto eu tive realmente uma manhã inteira com uma criança, porque a educadora teve esta atitude e vou aguardar a entrada da auxiliar na sala para poder fazer o meu outro serviço que tenho. Portanto, acontece-me isto pontualmente, mas é por incompetência do educador. De resto nunca estou, salvo seja com uma criança nova, que eu estou a conhecer, caso contrário... Ou num momento de avaliação, sim...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Apoio um-para-um na sala</p>	<p>Apoio direto (um-para-um)</p>
<p>Através mesmo da brincadeira, portanto... Ele gostava imenso de ir para a área da casa, gostava de servir a comida, gostava de pronto... E eu ia com ele para a casa... Para a casinha das bonecas e ele fazia a comida para mim e eu comia e depois vinha-me dar o café, pronto... Começou haver, começou a criar laços, no fim de criar estes laços, já conseguimos partir para outras coisas que eram necessário trabalhar... Principalmente a parte da motricidade fina, que ele tem muitas dificuldades, ele é um menino prematuro e atualmente, porque ele recusava-se sequer agarrar no lápis que dizia “eu não sei”, eu dizia “sabes, tu sabes tudo, vais ver que tu sabes”, e ele começou a ter... E todos os dias tentava ir nesta onda, olha vamos fazer o papá, a mamã e não sei que... Porque inicialmente ele fez uma das vezes a fotografia da mamã e levou para casa, e a mamã disse “oh filho, mas está tão feio...” Isso foi um descalabro, porque ele não queria mais fazer desenho, e eu disse “não vá vamos aprender a fazer uma mama muito gira e ela vai ficar contente” e a pouco e pouco lá tem conseguido...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Apoio um-para-um na sala</p>	<p>Apoio direto (um-para-um)</p>
<p>Integra-se sempre o que esta a acontecer, também a questão da linguagem, estava no meio de uma atividade que era fazer um bolo e aproveitou-se a atividade para ele falar como devia de ser e a própria educadora... Não fazia divisão silábica e puxava por ele. (...) Estava e eu estava lá a integrar a atividade.</p>	<p>Profissional</p>	<p>Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola</p>	<p>Apoio direto (um-para-um)</p>
<p>No contexto educativo, há umas que fogem, que têm de ir tomar o pequeno-almoço... Mas consigo fazer isto, que é quando eu chego, elas próprias procuram-me para contar o que aconteceu, o que correu bem, o que correu mal, o que é que podemos fazer a seguir... Mas depois é muito nessa onda de aquele menino escolhe ou se estão a fazer um bolo participar naquela atividade ou... Depois tentar sempre ali um bocadinho, acho que também as educadoras já perceberam... Numa atividade de um bolo tentam que seja aquela criança, se for num caso de dificuldades língua, seja ela a falar ou a escolher os ingredientes ou... acho que têm essa sensibilidade, pronto... Mas é muito por aqui...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola</p>	<p>Apoio direto (um-para-um)</p>
<p>Mas a educadora estava evolvida.</p>	<p>Profissional</p>	<p>Apoio um-para-um nas rotinas da sala/escola</p>	<p>Apoio direto (um-para-um)</p>
<p>Mas ficam o menino na sala, não é retirado, fica ali a trabalhar. E portanto, quando vem a Francisca ou a Antónia trabalhar já sabem que não vêm trabalhar com aquele menino, isto é muito... Esta ideia que passa para os outros também eu acho que é muito importante.</p>	<p>Educador</p>	<p>Apoio no contexto</p>	<p>Apoio no contexto</p>

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Eu também tive já, o ano... Este ano não, mas o ano passado o comer era ajustado para elas. Eu tive que pedir ajuda, porque el não...	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Eu Acho que a pouco e pouco é que a pessoa vai começando a integrar-se na sala, não é?	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Muitas das vezes é feito... Como estava a dizer a G*, portanto, é procurar fazer esta ponte. O que é que está a ser elaborado, a ser feito em termos de contexto de sala, portanto se há alguma coisa que esteja parta dar continuidade ou é feito algo em continuidade de... Portanto, por norma acaba por ser assim. Caso isto não esteja a acontecer, é feito de acordo com os objetivos que estão estabelecidos, e portanto... E depois isto também é... É sempre muito discutido, elas tem esta grande riqueza depois de... Depois de discutirem connosco isto, olha fiz isto, fiz aquilo...	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Mas eu acho que é engraçado... Porque até as outras crianças do grupo depois acabam por...; (ouve-se “completamente”); G. Integra-la, não é? No próprio... ; F. Fazem uma festa quando ela...F. Sem dúvida. ; G. E eles sabem... E eles sabem, vem trabalhar para a M*, ou vem trabalhar para o D*, ou vem trabalhar... Eles acabam por saber, mas às vezes querem tanto ajudar, que querem fazer... Acabam por querer fazer tudo...	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Mas eu acho que é engraçado... Porque até as outras crianças do grupo depois acabam por...; (ouve-se “completamente”); G. Integra-la, não é? No próprio... ; F. Fazem uma festa quando ela...F. Sem dúvida. ; G. E eles sabem... E eles sabem, vem trabalhar para a M*, ou vem trabalhar para o D*, ou vem trabalhar... Eles acabam por saber, mas às vezes querem tanto ajudar, que querem fazer... Acabam por querer fazer tudo...	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Normalmente na sala...	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Nós por exemplo lá o apoio de algumas crianças é dado dentro de sala,	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Eu por norma em sala	Educador	Apoio no contexto	Apoio no contexto
A responsável de caso está presente em sala. É, quase, considerada pelos miúdos, como que uma auxiliar. Quase que vai ali ajudar e brincar um pouco com eles e não se foca apenas na criança que está a seguir, mas em todos eles! E, portanto, deixando, é mais uma colega para brincar com eles. Mas que tem regras e que eles têm que cumprir aquelas regras dela e, portanto, é...	Pais	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Nós é em casa, em casa... Começou por ser em casa, entretanto, o P* integrou a Creche, em Setembro, e agora é uma vez em casa umas vezes na creche, portanto, porque ele só vai a meio termo e por vezes... Para não perder também o grupo está a fazer... Ou a educadora... Como está tão pouco tempo na Creche, por vezes é em casa. Agora, nesta fase, a partir do Carnaval, combinamos que seria mais vezes na Creche.	Pais	Apoio no contexto	Apoio no contexto
No meu caso, na escola.	Pais	Apoio no contexto	Apoio no contexto
No nosso também... Que é Jardim de infância.	Pais	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Não, nós estamos... Eu nunca estou presente porque é sempre no jardim de infância. Depois temos é reuniões. Temos reuniões.	Pais	Apoio no contexto	Apoio no contexto

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

É quase tudo trabalhado em sala, portanto o contexto social porque é também...	Pais	Apoio no contexto	Apoio no contexto
As pessoas... Ou seja, na rua as pessoas dizem “É, pá! És um desastrado”, e tal, e não sei que... E pronto, mas aquilo... A nível social, facilita-nos a vida, nesse espectro, não é? Porque eu acho que... Quando é visível, é muito mais complicado para o próprio miúdo. Porquê? Primeiro porque os miúdos são...(...) Cruéis por natureza, porque dizem aquilo que pensam. Não é que eles queiram ser maus, por ser maus! Eles vêm uma coisa, não é? E dizem-na. E eu acho que... Até o próprio trabalho que os... Que os terapeutas fazem, em sala, ajuda muito, não só os miúdos mas, também, os colegas, a aceitarem algumas, algumas diferenças. Eu acho que, quando se faz aquele trabalho em sala com os outros miúdos, o trabalho é muito mais feito ao grupo, em si, do que principal... Do que propriamente só à criança.	Pais	Apoio no contexto	Apoio no contexto
E o que às vezes o que se consegue secalhar não é o ideal, mas é o que se consegue...	Profissional	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Portanto, há objetivos que estão definidos e depois dá para integrar neste tipos de... De... De... intervenção, nem sempre consegue-se fazer isso, então hoje por este lado, e é este jogo de cintura que também temos que ir ganhando...	Profissional	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Sempre ou quase sempre, às vezes há exceções... Porque... Mas a maioria sempre em sala de aula.	Profissional	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Gosto muito daquela coisa que uma colega me ensina, que é eu... Eu não consigo dizer bem, que é o ensino accidental, adoro, essa coisa, e então... Não sei dizer o nome, mas adoro essas coisas todas, vou lá aos contextos, mostrar essas coisas, tentar que acha... Vou muito trabalhar essas coisas, tentar perceber se há mapas ou não há... Trabalhar estas coisas e depois vou lá ver se aquilo resulta ou não resulta. Depois estou pontualmente com a criança, mas nunca estou uma sessão com a criança, nunca nem pensar. Eu ir lá e estar ali uma sessão com a criança tem que a educadora ser muito incompetente.	Profissional	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Mas também dou... Eu também faço apoios nos domicílios, mas quando a criança até for no parque, dou apoio no parque.	Profissional	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Os apoios são feitos em contexto, portanto, tanto em contexto domicílio como contexto jardim de infância. No meu caso... É assim estou a falar jardim de infância, porque se tem domicílios e jardins de infância, podia ser uma ama... Outro contexto, não é? Mas neste momento não tenho... Só tenho jardins de infância e casa.	Profissional	Apoio no contexto	Apoio no contexto
Mas depois sim, há esse trilogia	Educador	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
os objetivos foram definidos comigo e com a equipa, e com a família também. Portanto, foram definidos por nós, pela equipa ao fim e ao cabo que trabalha com o menino.	Educador	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
E os três parceiros que intervêm. Família, escola, nós...	Educador	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
Sim, eu tenho bastantes crianças que me chegam já referenciados, ou seja, esses objetivos já foram definidos atrás, não é?	Educador	Objetivos definidos antes da integração	Definição de objetivos

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E normalmente são definidos com a família e com a técnica... Da ELI	Educador	Objetivos definidos por família e ELI	Definição de objetivos
Técnicos e a equipa de caso, pelo menos eu...(ouve-se concordância)	Educador	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
Eu basicamente é com a equipa... Basicamente não, é com a equipa de intervenção precoce, até porque sou do privado, portanto, é com a equipa de intervenção precoce, e todas... É a semelhança, portanto é feito por mim	Educador	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
Quem achar que vai acompanhar depois vai ter connosco, não é? Quando eles são integrados no grupo e temos sempre reunião para os conhecer	Educador	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
É a gestora de caso...	Educador	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
Nas reuniões que nós temos depois... Os objetivos que estão definidos, lá está, acabam por muitos deles são comuns, não é? Uns mais específicos de casa, outros mais específicos na... Em contexto educativo Mas há uma questão de continuidade, portanto, porque as dificuldades muitas vezes são as mesmas, não é? Se for ao nível de atenção, ao nível de autonomia, etc. São dificuldades consentidas em ambos os espaços, os contextos. E portanto há aqui essa continuidade é muito, muito assegurada por esse...	Educador	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
É comigo e com a equipa inicialmente, depois com a família. Portanto, estes objetivos são estabelecidos nesta parceria escola-família e equipa de intervenção.	Educador	Objetivos validados pela família	Definição de objetivos
E depois... Pronto depois faz-se uma avaliação no sentido de que se mantêm estes objetivos ou reformulam-se. Ou acrescenta-se uns ou isto já está atingido passamos à frente, não é?	Educador	Reajuste contínuo	Definição de objetivos
. E vamos sempre fazendo troca de experiências e partilha...	Educador	Reajuste contínuo	Definição de objetivos
Connosco também... Comigo ou com os meus filhos, também é sempre, os objetivos são sempre traçados connosco, com a educadora, com as terapeutas e com a responsável de caso, sim, também...	Pais	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
Sempre em conjunto. Em conjunto. Por vezes, algumas... Uma ou outra situação que nos surge tão... Nossa, pais... Outra por sugestão... Situações pontuais, alguns desafios, que nos colocam a nós mas, por norma, é sempre uma decisão conjunta. Portanto...	Pais	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
No nosso caso, a reunião é sempre feita para estabelecer os objetivos, é sempre feita com... Com três partes. Portanto, com a responsável de caso da ELI, com a Educadora e connosco, os pais. Nesta última também já esteve presente a própria terapeuta da motricidade, também já teve presente para... Porque estamos a preparar a entrada no primeiro ciclo. Vai ser complicado... Mas...	Pais	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E portanto, existem sempre uns objetivos que, tanto a educadora como a responsável de caso já vêm preparados	Pais	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
e depois nós, pais, também durante a reunião, falamos daquelas que são as nossas maiores preocupações à luz dos casos que já estão a preocupar mais ou que nos dão algum receio. E isso, depois também, é trabalhado por parte deles. Ou nos dão conselhos de como devemos reagir em determinada situação, porque isso tem sido a forma... Tem sido uma das formas de ajuda que nós temos tido, é essa. É... São pessoas que têm muita experiência com miúdos com dificuldades... Com características especiais, e, portanto, já passaram por... Algumas por muitos casos iguais aos nossos, não é? E portanto, às vezes, basta uma pergunta para cortar ali aquele raciocínio quando eles estão muito fixados em alguma coisa. E basta nós dizermos qualquer coisa para eles voltarem, “descerem à terra” e nós conseguimos refocar a atenção	Pais	Objetivos validados pela família	Definição de objetivos
Portanto, vamos tentar ir um pouco mais além. E isso, com o meu filho tem acontecido em alguns casos. Há outras que... São objetivos que existem há um ano e que é difícil de se chegar lá porque a resistência... A própria resistência dele a determinadas situações, torna-as difíceis de serem resolvidas, não é?	Pais	Reajuste (falta de)	Definição de objetivos
, e, portanto, é mais fácil também, no nosso caso, haver esse acompanhamento mais próximo e esse desenvolver dos objetivos.	Pais	Reajuste contínuo	Definição de objetivos
Às vezes está uma coisa escrita mas diz “Oh, podíamos ainda...” Já que isto, já chegámos aqui, podemos tentar ir um pouco mais além e não esperar pela próxima reunião para se tentar dar... Criar novos objetivos.	Pais	Reajuste contínuo	Definição de objetivos
reuniões com a responsável de caso... Para ir verificando a evolução, são feitas, praticamente, de mês e meio em mês e meio. Portanto, estamos sempre em cima e depois é uma pessoa que	Pais	Reajuste contínuo	Definição de objetivos
Porque é um trabalho de equipa e vamos sempre acertando... De sessão para sessão algumas situações. Mas é, sempre, um trabalho de conjunto, sim, em grande parte.	Pais	Reajuste contínuo	Definição de objetivos
Ir-se limando algumas arestas em relação aos objetivos no momento, porque a educadora está na sala, a responsável de caso entra na sala, está lá uma hora, duas horas... Dentro da sala, acompanha tudo, vê as tarefas normais que eles fazem, do dia a dia, e,	Pais	Reajuste contínuo	Definição de objetivos
A família é que vai... Vai de encontra também de facto às prioridades... A família tem a prioridade e de facto identifica e nós também tentamos ir, mas não tentamos não descuidar de facto as preocupações dos prestadores de cuidados, neste caso se há uma preocupação pode não ser e ficar no objetivo, como também dos técnicos	Profissional	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Imagine que são 4 da família e 4 da educadora, a família decide pelos 4 primeiros dela, né? E não se trabalha, por exemplo os 8 ou 9, os objetivos todos ao mesmo tempo e aí de facto damos prioridade de facto... As preocupações da família e depois posteriormente vai-se trabalhado, mas estão identificados, okay? Não vão ser trabalhados logo todos em simultâneo, mas estão identificados e pode-se fazer e pronto	Profissional	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
Sim, a prioridade, em relação a... Por exemplo nós aqui no Barreira, é de facto... Faz-se o levantamento das preocupações e dos objetivos que depois... E de facto depois a família é que vai dar a prioridade.	Profissional	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
Tentamos fazer uma viagem conjunta com o educador e os pais, se os pais assim o quiserem... Ou então primeiro aí na família e então depois no jardim de infância.	Profissional	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
Portanto é feito um objetivo para a criança, agora não me estou a lembrar bem do que é que pode ser, mas... O objetivo que é escolhido, que é feito... Que eu reúno com os pais e os educadores ao mesmo tempo... Faz-se uma EBR, que pode ser... Uma EBR e uma EBR de jardim de infância. Estamos todos juntos, selecionamos objetivos e há ali um objetivo ou dois que sai de jardim de infância, que é de jardim de infância, e que vai ser trabalhado.	Profissional	Objectivos definidos em conjunto	Definição de objetivos
A família... E a família quem o define ou o educador... Ou os dois, depende se a criança está integrada, nos fazemos... Mas quem define a prioridades dos objetivos é a sempre a família.	Profissional	Objetivos definidos por educador e família	Definição de objetivos
Um bocadinho se calhar, diferente de toda a gente, que é... Eu acho que teoricamente, o que diz a intervenção precoce é que os objetivos devem dar resposta às necessidades da família e, portanto, esses objetivos devem ser feitos com a família e de acordo com as necessidades que eles expõem,	Profissional	Objetivos definidos por família e ELI	Definição de objetivos
E, portanto, às vezes os objetivos surgem, por vezes, por imposição dos educadores.	Profissional	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
O que consta nos PIIP's são as necessidades dos educadores e são as necessidades impostas ou pelo técnico e ou pelos educadores...	Profissional	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
Mas em relação a isso o PIIP às vezes, o que nós tentamos fazer é os objetivos, quando as crianças estão integradas, não é? Haver no PIIP um que tenha haver com o contexto educativo e aí os objetivos muitas vezes têm haver também com a necessidade da educadora, enquanto que em casa os objetivos...	Profissional	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
Sentimos a necessidade de incluir também objetivos que a própria educadora às vezes sente que faz parte...	Profissional	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Eu tenho um caso, por exemplo, que só tem objetivos para a família. Porque a família não reconhece os objetivos da educadora e não concorda com isso, que eles sejam integrados no PIIP... Só há objetivos para a família.	Profissional	Objetivos definidos por profissionais	Definição de objetivos
mas não faz sentido que na intervenção precoce que seja objetivos que vão contra aquilo que a família necessita, quer e acha importante para o seu filho.	Profissional	Objetivos validados pela família	Definição de objetivos
Acho que no fundo as expectativas em relação a esses profissionais são precisamente estas, que seja um bom profissional, não é? Que o técnico da ELI seja competente naquilo que faz.	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
Também já trabalharei com várias, mas... E acho que sim, acho que faz diferença, não só o profissional que tem que ser efetivamente um bom profissional, tem que estar de alma e coração naquilo que está a fazer.	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
e com olho	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
E com olho. Também é assim,	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
também secalhar estamos a dizer que também já são assim velhotas como eu (risos) E então... (...)Mas há aqui um feeling, não é? Há aqui um... E isto ajuda-nos muito, porque pronto... Quando chegam já... Também secalhar não por acaso que os meninos vão com aquela especificidade para aquela educadora, ou quando elas distribuem não sei que, porque também já nós conhecem e também já sabem o que é que a casa gasta, não é? Isto já são muitos anos ali, parecendo que não... E são pessoas com experiência...	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
Eu a única coisa que acho que foi abordada inicialmente... Que já falamos aqui... E que eu acho que também acaba por ser muito bom em termos... Pelo menos profissional para mim acaba por ser muito bem, que é este olhar... Abrangente que vem e novo, límpido que chega e que muitas vezes há pequenas coisas noutros meninos que nós... Por estarmos tão engolidas com eles nas várias coisas que temos que fazer nem nos tinham despertado e elas com esta sensibilidade que tem, até pelo facto de serem equipas multidisciplinares e portanto logo aqui tem... Um estofa muito, muito enriquecido, não é? Portanto há logo aquele feeling de que há ali alguma coisa, ou que secalhar não estamos... Às vezes estas pequenas chamadas de atenção.	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
Exatamente, eu costumo utilizar a expressão pelo intervalo da chuva, às vezes à pequenas coisas ali que passam pelo intervalo da chuva e que elas com este olhar clínicas chegam lá... Pronto... E ir para aquele menino e não esquecer que aquele menino está inserido num contexto e que contexto é feito por todos os outros e este olhar... Saber olhar para todos os outros, também acho que é muito importante. E portanto pelo menos eu tenho tido a sorte das pessoas com quem eu tenho estado, também já me passaram uma ou duas da ELI que... Mas neste momento não se verifica nada disto, pelo contrário...	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Bem, é assim nós também temos a sorte de que na ELI que temos termos pessoas já com alguma experiência.	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
Portanto, a expectativa que nós temos é que eles sejam superprofissionais... (risos) Para conseguirem dar conta disto tudo.	Educador	Competência	Descrição do trabalho do PIP
Eu acho que o que está, isto é a minha opinião, o que está para mim está bem	Educador	Bom	Descrição do trabalho do PIP
(ouve-se “completamente”)	Educador	Importante	Descrição do trabalho do PIP
Aliás eles são fundamentais... São eles...	Educador	Importante	Descrição do trabalho do PIP
C. Numa primeira sessão eu acho que era isso que pedia à pessoa... (ouve-se concordância e “faz sentido”)	Educador	Observação	Descrição do trabalho do PIP
Eu acho que a primeira vez pediria que ele observa-se aquela criança integrada dentro das atividades da sala e depois então conversaríamos.	Educador	Observação	Descrição do trabalho do PIP
Isso também é muito importante, porque às vezes as reações que eles têm dentro de sala depois são completamente inesperadas, não é? Que as próprias crianças têm...	Educador	Observação	Descrição do trabalho do PIP
E acabámos por estar... Foi um trabalho muito engraçado porque acabamos por estar ali as três. E é sempre um trabalho colaborativo, não chegam ali não fazem... Sem razão nenhuma, há sempre uma conversa com a educadora,	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Eu por exemplo tenho uma criança que até está em desenvolvimento e eu própria disse no início do ano achava que ele não precisava de apoio da terapia da ELI dentro de sala, porque já tinha lá o apoio da educação especial. Ele era uma criança que nunca gostava de... Não gostava que fosse pessoas de fora a chamá-lo para trabalhar e eu achava que ele integrado no grupo até ia conseguindo fazer as coisas, não precisava de esse tipo de apoio. Mas pedi que esse apoio fosse dado em casa aos pais, porque os pais falam mal português, a nível de tratar de papéis e tudo.. Precisam desse grande apoio. E a terapeuta ocupacional, ficou assim decidido, a gente conversa sempre sobre essa criança na sala, das dificuldades que ele tem, mas o apoio é dado aos pais. Neste momento ele tem cinco anos, para o ano iria para o primeiro ano e eu, em conversa com a terapeuta, decidimos que secalhar seria ele ser avaliado, para ver se estava em condições ou não para ir para o primeiro ano. Ele é muito grande para ficar ali nos cinco anos, mas é mesmo muito grande, é daqueles miúdos grandes e agora nós cada vez temos miúdos mais pequenos.	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Vai ver outro menino... Vai ver mais dois meninos, um na minha sala e outro da minha colega e continua a ir ver aquele menino e portanto existe esta parceria, isto é a base, até para as famílias sentirem-se seguras.	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

(ouve-se “colaboração”)	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
e este coração aberta para... Torna-se um pocadinho... Porque às vezes liga-se muito aos papéis e.. Tal como nós, também as técnicas que estão na ELI são muito poucas... Então esta zona aqui que temos uma... Casos complexos muito gra...	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Acho que é isso, é a questão da colaboração,	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
E é muito importante, esta colaboração, porque quando eles nos chegam muitas das vezes já vieram portanto... De consultas de desenvolvimento. Já são a própria médica de família envia para a consulta de desenvolvimento ou para a ELI	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
O que acontece é uma colaboração, pronto... Porque já vêm, as famílias já vêm predispostas àquilo que nós vamos dizer, porque já vem um trabalho feito com a técnica que tem ido a casa ou outra que pode ser terapeuta, ou psicóloga, etc.A técnica da ELI vem, da intervenção precoce e esse trabalho já está feito, portanto quando o menino nos tem chegado.	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Todas no mesmo sentido, portanto essa colaboração, esse trabalho de equipa é aquilo que eu espero e aquilo que eu dou, não é? Portanto é um... É recíproco, não é?. Porque era o que a colega estava a dizer, é muito difícil alguém entrar numa sala. E nós sabemos somos educadoras, não é? E sabemos que cada uma tem o seu feito. É muito difícil alguém externo, acaba por ser um elemento externo que depois faz parte da equipa, mas inicialmente é um elemento externo. Integrar-se e ser bem recebido, porque todas nós também temos ali às vezes aquela...	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
G. É o mais importante. ; F. Só faz sentido rumarmos todas... ; G. Todas para o mesmo sítio...	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
É o mais importante. (Acho que é isso, é a questão da colaboração, do trabalho de equipa e... Porque ao fim e ao cabo o interesse é comum... Claro... É a criança, não é? Portanto...)	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Que houve um trabalho colaborativo entre os dois, as duas pessoas.	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Verdadeira...	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Parceria	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Uma parceria.	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
(parceria) Acho que isso é o mais importante, não é chegar ali e fazer o... O que lhe apetecer naquele dia...	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Mesmo com alguma complexidade. E se não houver esta flexibilidade e este coração aberto para aqueles meninos depois ficamos só... E fica tudo no papel e não é isso que queremos da ELI, nem da ELI nem de coisa nenhuma que venha trabalhar com os nossos meninos. Nós queremos é alguém que ponha a mão na massa e trabalhe efetivamente connosco para ajudar que aqueles meninos, com as suas potencialidades, porque eles também as têm, porque todos chegam lá, não é? E aquilo que se chama agora e se fala tão bem e que as vezes se esquece que é equidade. Portanto, tanto merece aquele menino que... Que é dito “normal” ou aquele menino que é autista, ou tem o síndrome de Bóris e por ai fora, portanto é este sentido que nós queremos, nós educadoras, eu falo por mim. Que eu quero quando elas chegam, ponham a mão na massa. Porque é assim, eu tive há muitos anos, tive uma experiência menos boa, porque efetivamente a colega que chegou vinha numa postura de papéis... Papéis eu não preciso, esta bem? Mas isto já foi à muitos anos, as pessoas também foram mudando, a formação também foi diferente. O que nós queremos é que ponham a massa, a mão na massa, que é no menino, o resto nós ajudamos, esta bem? É bom que se pense nisso mesmo e que se reflita...

	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
portanto existe esta parceria, isto é a base, até para as famílias sentirem-se seguras.	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
do trabalho de equipa e... Porque ao fim e ao cabo o interesse é comum... Claro... É a criança, não é? Portanto...	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
É o mais importante. (Acho que é isso, é a questão da colaboração, do trabalho de equipa e... Porque ao fim e ao cabo o interesse é comum... Claro... É a criança, não é? Portanto...)	Educador	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Empenho.	Educador	Empenho	Descrição do trabalho do PIP
e há uma preocupação e um empenho.	Educador	Empenho	Descrição do trabalho do PIP
Vão numa de ajudar, por exemplo, Tenho uma, duas, três técnicas da ELI a trabalhar na minha sala e uma delas quando chegou disse “mas como é que é possível se ter...”, mas nós também não sabíamos, né? Há casos que sabíamos, mas outros que não sabíamos.	Educador	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
E a conhecermos uns aos outros e acabamos por criar aquela, a relação profissional e às vezes até acaba por ser... Tantos anos ali de amizade...	Educador	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
E também de respeito pelo trabalho do educador e pelas... Pela própria... Pelas rotinas, pelo... Pronto, pelo trabalho que o educador realiza com...	Educador	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Que tenha essa tal prática de respeitar, de... O ambiente em que vai estar inserido.	Educador	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
E acho que isso é muito importante. Há um respeito pelo trabalho que a educadora está a fazer... Eu acho que tem que ser assim.	Educador	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

O que está bem é ela chega e se houver, por acaso agora quando a C* estava aqui a falar em relação... Eu também tenho este problema, se estiver a fazer alguma coisa também me incomoda muito que me interrompam e ter de sair dali. Ou que me chamam para ir fazer qualquer coisa, estou no meio de uma atividade... É uma daquelas coisas que deixa logo os cabelos em pé, pronto... Toda a agente já sabe e ninguém vai, quando ve que eu estou a fazer alguma coisa viram costas e fecham a porta. E elas eu sei que também já sabem e... Portanto isto é perfeitamente respeitado.	Educador	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Portanto, são profissionais que se... Têm uma capacidade de adaptação a diversos contextos de sala.	Educador	Flexibilidade	Descrição do trabalho do PIP
E acho que há muito disponibilidade.	Educador	Flexibilidade	Descrição do trabalho do PIP
Eu também falaria de flexibilidade.	Educador	Flexibilidade	Descrição do trabalho do PIP
cá está, a tal flexibilidade, e o chegar e apoiar, e o chegar... Não impor, não impõem... Podia chegar e impor-se, olha eu vou pegar neste e...	Educador	Flexibilidade	Descrição do trabalho do PIP
E as pessoas fazem a diferença. Mas isto é para dizer o que? As coisas são feitas com pessoas e é muito... É muito complexo trabalhar com pessoas, não é? E eu acho que quem trabalho na ELI, com tudo, mas quem trabalha na ELI tem que ter esta qualidade que é... Aquilo que a Célia disse no início. Flexibilidade, porque... Nós em termos de estado somos bombardeadas em termos burocráticos com imensas coisa e se não houver esta flexibilidade	Educador	Flexibilidade	Descrição do trabalho do PIP
A ELI, realmente, foi muito rápida. Passada uma semana foi logo uma técnica à nossa casa, para poder avaliá-la.	Pais	Competência	Descrição do trabalho do PIP
é? Porque nós, em um ano e meio que temos aquela âncora ali, não é?	Pais	Importante	Descrição do trabalho do PIP
Enorme! Enorme!	Pais	Importante	Descrição do trabalho do PIP
No nosso caso, nós temos, realmente, já esta responsável de caso que é... É fantástica,	Pais	Importante	Descrição do trabalho do PIP
Eu posso dizer que estou muito grata e... Pela generosidade das pessoas que tenho a trabalhar... (...) Eu, a palavra que eu utilizo é gratidão. Sem dúvida. Gratidão. Estou muito grata pela equipa que tenho connosco, muito grata.	Pais	Importante	Descrição do trabalho do PIP
E, portanto, eu sou sincero, a nível do acompanhamento, como é que seria perfeito? Como está agora! Porque tenho visto resultados e tem funcionado com ele.	Pais	Perfeito	Descrição do trabalho do PIP
É Importante...	Pais	Importante	Descrição do trabalho do PIP
acho que aquelas pessoas são santas!	Pais	Importante	Descrição do trabalho do PIP

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Pois e os pais por vezes, inconscientemente, acabam por desviar grande parte da atenção para um lado, e eles sentem-se, às vezes, um pouco também, pronto, colocados de parte e... E... E é sempre complicado.

Eu, no meu caso, por exemplo, ele evoluiu muito a partir do momento em que o primo, que tem menos dois anos que ele, chegou a uma fase em que já corre, de um lado para outro, também, brinca, empurra (tosse - impercetível). E ele desenvolveu muito nesse sentido. Ou seja, tendo alguém ali ao lado que, apesar de ser dois anos mais novo, fazia coisas que ele ainda não fazia! E nós, aqui no parque da cidade, para subir a estrutura, para chegar ao cimo do escorrega, era uma desgraça, e, com outro de três anos que passava por ele a correr a meio do caminho, ele próprio, a nível motor, começou o desenvolvimento. Quer dizer, se ele é pequenino e consegue, eu também consigo! E começou, aos poucos, também a desenvolver-se mais por causa disso. Mas é.... Acho que é aquelas... É aquela preocupação de sempre que nós temos é que ele tem que conseguir fazer as coisas por ele. Enquanto nós estivermos cá, nós vamos fazendo, não é? O problema é mesmo esse. Portanto, eu acho que há que prepará-los para a vida.

	Pais	Output	Descrição do trabalho do PIP
E... E o desenvolvimento dele, neste último ano e quase meio, tem sido enorme.(...)E tem de ser ali, um pouco, o braço de ferro e, às vezes, serem "os maus de fita". (...)	Pais	Output	Descrição do trabalho do PIP
E, e eu tenho notado, a nível do desenvolvimento dele, a própria forma de estar dele, um grande desenvolvimento desde que tem sido acompanhado.	Pais	Output	Descrição do trabalho do PIP
Portanto e... E o meu filho é obrigado, quase que... Ele tem que acompanhar portanto, e isso tem ajudado embora por vezes nos custe, não é? Porque... Pronto, ele, sabemos que ele tem algumas limitações e tem de se esforçar para conseguir, mas, por outro lado, tem sido uma grande vitória porque ele tem... Tem crescido muito, quer a nível motor, quer intelectual, porque nós víamos que ele já estava a ficar um pouco diferenciado dos seus amiguinhos e tem sido muito bom, nesse sentido.	Pais	Output	Descrição do trabalho do PIP
Mas é a Responsável de Caso realmente tem sido uma grande ajuda . É uma pessoa extremamente ativa, muito dinâmica, tem-nos direcionado.	Pais	Empenho	Descrição do trabalho do PIP
Pronto, neste caso realmente, agora, atualmente, são bastante dinâmicos, interessados, ativos e pronto, basicamente, é isso.	Pais	Empenho	Descrição do trabalho do PIP
Mas eles têm sido muito incansáveis nessa situação.	Pais	Empenho	Descrição do trabalho do PIP
Pronto, neste caso realmente, agora, atualmente, são bastante dinâmicos, interessados, ativos e pronto, basicamente, é isso.	Pais	Empenho	Descrição do trabalho do PIP
Até já mudámos, inclusive, de infantário, porque nós tínhamos... Nós... Andávamos ali um bocadinho naquele limbo. Era o infantário onde eles andavam desde sempre mas, realmente ajudou-nos a perceber que não era o melhor, não era o mais conveniente, mas,	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Neste caso, pronto eu nem sei... Sinceramente eu nem sei muito bem o que é que hei de esperar, porque eu nunca tive Intervenção Precoce tão.... Como é que eu hei de explicar? Eu nunca tive tantos apoios da Intervenção Precoce, como por exemplo a Sandra, certo... Ou seja, eu só sei que tenho uma responsável de caso, sei que nos direciona, que está a ajudar-nos em algumas questões,	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E isso faz com que, o ambiente à volta deles também os ajude a desenvolver mais facilmente, não é? Os técnicos têm de ser a voz da razão, no meio disto tudo porque os pais vão do oito ou oitenta e num instante, por isso, não é? São os nossos filhos e agente sofre mais do que tudo, não é? E, às vezes, sofremos por antecipação, por coisas que depois não acontecem, não é? E, portanto, no nosso caso, tem sido mesmo uma guia.	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Que é mais um guia, que seria, o que a gente espera que seja é que seja a voz da razão. Quer dizer, quando nós estamos desesperados porque isto não é normal, ouvir alguém dizer assim “isto é normal, isto é normal, isto vai melhorar”.	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Ajuda. (risos) Ajuda... Uma orientação. Eu, falo por mim, porque eu... Eu... E falo da dificuldade em conseguir gerir, porque eu nunca quis fazer diferença a título da educação dos meus filhos.	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
E a equipa tem-me ajudado bastante nesse sentido... Nesta orientação, nesta ajuda que nos têm dado, quer... Em tudo que bate certo. Isso, então, tem-me ajudado imenso.	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
E o que eu sinto, por parte da equipa, vem-me ajudar muito a gerir estas situações. Eu não estava bastante preparada, portanto, e tinha algumas dúvidas porque eu própria mãe não queria diferencia-lo, portanto... E quis sempre, o que faço com a minha filha mais velha, faço, precisamente, com ele. E, de certo modo, por vezes, eu tinha bastantes dúvidas se estava a fazer bem, se não estava a fazer bem, portanto é estas dúvidas, esta gestão.	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Aquela voz que nos dá, assim, um bocado de calma porque, pronto, isto... Para nós... Nós vivemos... Neste caso, pronto, nós... Eu sou o pai solteiro, não é? Portanto ele vive com a mãe e tem o pai, não é? E, portanto, eu sempre fui uma pessoa de achar que “Ah, isto não é nada”, sempre fui muito “Ah, isto não é nada, isto é um miúdo a ser miúdo, pronto, não, ele é mais caladinho ou não gosta tanto de coisas físicas e gosta mais de ler os livros, de estar a brincar com números, pronto, não interessa”. A mãe, como é da área da Educação de Infância, aos oito meses identificou (risos nervosos) já algumas características e, portanto, já vivia em pânico com... Com algumas situações. Depois temos a felicidade de fisicamente não se notar grandes diferenças, portanto, há ali aquela descoordenação dos movimentos mas, pronto, é um miúdo que...	Pais	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Evolução... O que vocês possam querer... Eu... As minhas crianças passam rapidamente para vigilância, hadem de pensar que esta veio para aqui para não sei o que, nunca mais me querem cá,	Profissional	Output	Descrição do trabalho do PIP
. E mesmo com a criança as vezes as coisas estão a correr muito bem e aquilo depois há aqui um pico, volta tudo a cair outra vez... Mas depois lá se recupera	Profissional	Output	Descrição do trabalho do PIP
Também faz parte do desenvolvimento andar para frente, andar depois um bocadinho para trás, para a frente. O desenvolvimento também é assim...	Profissional	Output	Descrição do trabalho do PIP
Penso que... Lá está, é um trabalho conjunto, o facto de... Nem desresponsabilizar, nem responsabilizar...	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Cooperação...	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Para ajudar temos que... Fazer uma grande procura e eu acho que a mais valia também das família é que começam a estar atentos a indicadores que não é às vezes o normal ou o padrão, e começam a descentrar-se disso, quando eu falava... E a ver o filho como ele é, com o que ele gosta, com o que ele sabe fazer, o que ele não suporta, que é preciso respeitar e aí encontrar ali um caminho e uma reposta que seja bom para todos.	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
consultoria...	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Cooperação	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
E, é o desafio	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
Pois, a atividade, cooperação...	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
para nos verem como parceiros, seja da família ou dos educadores...	Profissional	Colaboração	Descrição do trabalho do PIP
E empenhados.	Profissional	Empenho	Descrição do trabalho do PIP
Eu às vezes tenho a sensação as... Algumas, algumas, não é? Não é no geral, algumas educadoras têm dúvidas daquilo que estão a fazer ou estão ainda... Com incertezas, será que... E às vezes é um bocadinho validar... De facto, isto não há o certo nem errado e, às vezes, agente vai assim, é tentar essa estratégia e agente vai lá e valida “sim, sim”, mas se não funcionar nós então tentamos outra, as vezes é um bocadinho esse suporte de validar aquilo que se está a fazer e se não correr bem é reavaliar e é rever e pensar aquilo de outra forma.	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Estou-me a lembrar doutro que também era a nível do comer, que não comia nada sem ser passado e que... Pronto agente acaba por trabalhar também isso com as famílias e às vezes há uma grande... A família sente ali uma culpa, há toda uma série em termos dos afetos e isso tudo que é preciso ajudar a fazer um caminho, também que às vezes o facto de sermos mais diretivas, mais firmes não quer dizer que não possa ter aqueles momentos de brincadeira, e de afeto, e disso tudo, e o que eu acho, o que eu sinto, da minha experiência, é que há famílias que precisam também de ajuda a esse nível, de poder modelar mais as atitudes para... Depois depende dos casos, claro.. Estou a falar de casos graves e de crianças com muitos problemas em termos das rotinas e da sensibilidade táctil...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
É mais trabalho, é mais não sei que... Portanto, temos que às vezes, eu acho que, simplificar.	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Confiar em ti que as estratégias funcionam.	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E pronto, acabamos por criar ali... Laços no fundo...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Sim, e às vezes até há um exercício que acho que é importante fazermos, mas também nem sempre é possível ou secalhar temos que nos disciplinar, que é pensarmos também no nosso próprio percurso, porque às vezes faz-nos... Ajuda-nos também naquela questão de colocarmos no lugar do outro... Deixa lá... Eu fiz este percurso, há aqui pontos coincidentes, então mas eu fiz desta forma, mas naquela altura estávamos tão alertas para a questões do desenvolvimento, ou pronto...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Mas eu acho que a palavra vínculo é muito importante, temos que criar um vínculo, uma empatia...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Escuta ativa.	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Escutar as duas partes.	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Suscetibilidade, não sei, podemos dizer saco de... (risos) Às vezes é... Saco de que... Como é que se diz... P. Boxe? Não (risos) Às vezes acaba por nós ver e despachar para lá as preocupações, as dúvidas... E tu fizeste e não devias ter feito, pronto e essas coisas todas, agora não me lembro de uma palavra para definir asso...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Escutar... Ativa	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
E a chave disso, seja com os educadores ou com a família, seria com o não julgamento, temos que ter isto, eu acho que quase gravado aqui, porque todos temos tendência, baseado nas nossas experiências também, né? E os educadores muitos que encontramos têm essa tendência, de julgar a família, de julgar... E se nos desconstruirmos isso, agindo de forma oposta, ou seja, não julgando... Não julgando a pessoa que temos em frente, não julgando a família, acho que depois de fazermos isso nas vezes, a pessoa desiste da conversa da critica. (risos) Quando vê que a gente não aumenta, não é? Um ocado...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Paula, repara que quando ela está a julgar a família, nós estamos a julgá-la a ela, por estar a julgar a família. E mesmo que seja inconsciente estamos a alimentar isso.. E é muito difícil... Olha eu tento... O não julgamento, que é “ah ela está a fazer o melhor que sabe”, e eu vou-lhe mostrar que é uma forma diferente de nos relacionarmos com a família, não é? Dizendo “okey, eu compreendo as suas dificuldades com a criança, mas não é assim que vamos conseguir que isso mude, não é assim que a família vai mudar”, não é? E então isso não adianta nada, ou seja, não vai ajudar o menino, nem vai ajudar no processo que estamos a tentar... Levar à frente...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Faz-se partilha também, muita partilha...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Não, é uma partilha, uma conversa, uma partilha.	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
. Lidar, partilhar...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Estamos todos na mesma partilha...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
reconhecimento... sei lá tudo o que possa vir a cabeça que é positivo, sei lá, não sei...	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Eu acho que uma sessão ideal é agente se entender bem uns com os outros, secalhar... Não? É isso?	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Acho que o nosso objetivo seria conquistar as pessoas e a relação de confiança	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Respeito	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Acho que eu diria vínculo e acho que o nosso caminho ou o nosso objetivo devia tentar construir vínculo com as famílias e com as educadoras.	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Mas eu acho que a palavra vínculo é muito importante, temos que criar um vínculo,	Profissional	Apoio a nível emocional	Descrição do trabalho do PIP
Nós somos pobrezinhas a rica é aqui ao lado	Educador	Desejo de mais terapias fora da sala	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Nós somos pobrezinhas...	Educador	Desejo de mais terapias fora da sala	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
A questão que eu coloco é que nós ali temos espaços que podem ser utilizados para o efeito, as técnicas não têm ordem para o fazer. É um questão diferente...	Educador	Desejo de mais terapias fora da sala	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Mais tempo!	Educador	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
O que era preciso? Era mais tempo para que isto pudesse ser feito mais vezes.	Educador	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Mais vezes durante a semana.	Educador	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Quando a criança precisa de terapia da fala, às vezes devia de haver era mais, porque há cada vez mais crianças a necessitar de terapia da fala.	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Portanto, talvez aumentar o número de técnicos...	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
E até porque as equipas, não é? São... "mínimas"	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
E cada vez chegam-nos a sala sem ser referenciados, sem nada, não é?	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
E às veze consoante também as vagas que há, que elas cada vez...	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
É um grande volume de casos, mas nós também sentimos isso na sala, pelo menos... Nós também sentimos que há cada vez há mais crianças.	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
As perturbações da atenção, as perturbações de... No estar... Aquelas coisas que ficam alia rasgar um bocadinho as questões da hiperatividade, que não são, mas que estão ali naquele limiar e elas acabavam por conseguir, não é? Havia espaço para fazer a referênciação este tipo de casos... Neste momento não há. Ou é uma coisa visível e efetivamente uma lesão, numa função que esteja mesmo...	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
E neste momento as regras de referenciação apertaram, não é? Portanto, eles tem que ter verdadeiramente uma... Uma problemática real e visível... Não, aliás, agente só sabe que eles são problemáticos aqueles que vem da ELI já com um relatório... Ou algum...	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Portanto cada responsável tem muitos casos é o feedback que elas também nós dão, não é? Ou seja, são distribuídos, não é? E tem... E claro que é humanamente impossível...	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Mas para elas é humanamente impossível face ao número de casos que tem. Portanto isto implicaria...	Educador	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
45 minutos uma vez por semana... É uma gota de água, pronto... É preciso muito boa vontade para se conseguir ver resultados, muito sinceramente, é isso que eu acho.	Educador	Mais tempo	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Agora este tempo que elas passam com elas é mínimo... Eu também não me posso queixar...	Educador	Mais tempo	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Por exemplo eu queria ajudar, mas não posso! E fiquei a saber agora que para ter uma máquina de braile que nós temos direito, eles têm direito, têm de integrar o primeiro ciclo! Não se pode pedir antes do primeiro ciclo. Eu, como mãe, por vezes preciso, até para escrever o nome dele, para saber, não é? Para ir desenhando os números de uma a cinco... Tenho que pedir a Coimbra para me mandarem! Pronto, era isto que eu espera com o técnico de IP pudesse fazer. Facultar este tipo de materiais, ajudar-me a adaptar os livros, a dar-lhe as coisas concretas em casa, vamos.... aquilo que as crianças normais fazem, normais, pronto, o meu também é normal mas... Não têm este tipo de deficiência, não é? Aquelas coisas que são, que se fazem de forma natural e que, a ele, tem que ser ensinadas...</p>	Pais	Necessidade de apoio a nível de material	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
<p>Também, uma vez que cheguei mais tarde.... Eu, o que esperava era que a equipa pudesse ter alguém mais direcionado para o problema da cegueira, uma vez que essa resposta não existe. E tenho que ser eu, como mãe, a procurá-la. Felizmente, também sou professora de Educação Especial e consigo ter algum conhecimento e saber onde procurar e, muitas vezes, até sou eu que levo as estratégias para ...</p>	Pais	Necessidade de formação	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
<p>O que eu sinto, a nível da Europa, não tenho conhecimento a esse nível. Estou-me a deparar recentemente com esta situação, ainda estou aqui aos trambolhões, por assim dizer. Mas, a título nacional há... As pessoas não... Não há formação. Eu vejo, por conversas que tenho, até às vezes nas idas às terapias, nós depois acabamos por falar um pouco com as técnicas... De outras situações... E elas próprias, por vezes, também sentem essa situação.</p>	Pais	Necessidade de formação	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
<p>. Todas as crianças com dois anos e meio, quando estão a ouvir ler uma história, vêm que há letras no livro, vêm as imagens.... O meu filho também tem de saber que existe o braile! Não para descodificar, mas para saber que ele existe... Ora as técnica da Eli, neste momento, não sabem, nem têm meios sequer para poder fazer este trabalho, não é? Eu quero, agora vou...</p>	Pais	Necessidade de formação	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
<p>Mas haverá outras em que depois não há especialistas, não é? Que possam de algum modo ajudar mais aquela família, não é? Que é isso que nós esperamos...</p>	Pais	Necessidade de formação	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
<p>Não há formação na área. As pessoas não sabem onde recorrer para poderem, de algum modo, ficarem mais capacitados para ajudar a criança. Pronto, era essa, é uma grande lacuna que eu acho que há nas equipas, não só no caso do meu, queixo-me desta problemática...</p>	Pais	Necessidade de formação	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
<p>sim, sim, sim</p>	Pais	Necessidade de formação	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
<p>Portanto, a esse nível das formações e dos upgrades que possam fazer, porque há sempre situações novas, há... E eu sinto que as pessoas, aquilo que sabem, muitas das vezes, é aquilo que aprenderam há vinte e trinta anos atrás e depois vão evoluindo consoante as situações com que se vão deparando no dia a dia e experiências que acabam por adquirir de casos que vão tendo, e vão evoluindo ou fazem formações por meios próprios e pessoais porque....</p>	Pais	Necessidade de formação	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Lá está a situação geográfica que eu falava há pouco. Eu também sinto isso porque nós também estamos a ser seguidos em Coimbra, não é? E eu noto que quando ele faz as terapias... Há um acom... É diferente.

Há uma dinâmica diferente. Lá está. Pela questão da formação. Porque são situações.... Como é que eu hei de dizer? Se calhar, equipas mais jovens, com... Com... Com outra formação, não é? Aquela situação que eu tinha dito à pouco que as colegas já têm... Aquilo que têm como formação já é o que adquiriram há muitos anos atrás e entretanto já houve muita coisa que passaram. E algumas têm esta situação porque recorrem a título pessoal, não é? Outras nós sentimos que falta ali mais qualquer coisa e eu... Eu... Eu sinto, lá está, que falta ali mais qualquer coisa. É importante tudo aquilo que fazem connosco mas...
Entretanto perdi-me aqui no meu raciocínio...

Pais

Necessidade de formação

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

E pesquisamos e levamos as estratégias para a educadora, para... Para os elementos da equipa que estão a intervir com o P*, porque não há ninguém com conhecimento, pronto... As pessoas têm muito boa vontade, não é? E querem muito saber e ajudar mas não conhecem e depois, também, não há...

Pais

Necessidade de formação

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

e pesquisamos

Pais

Necessidade de formação

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

E mediante as patologias.

Pais

Apoio devia depender das patologias

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Sim, é, eu acho que sim, mediante as patologias, sim. Acho... Por vezes há... A medição das situações nem sempre está inserida naquele... Devia de se... Pois lá esta.... Cada caso é um caso.

Pais

Apoio devia depender das patologias

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

(..) E, durante 1 ou 2 anos, nós tivemos o apoio de uma terapeuta ocupacional. Pronto. Mas foi apenas isso. Eu não... Tínhamos apenas a terapeuta ocupacional e depois tínhamos várias... A minha filha tinha muito mais terapias. E eram todas privadas. Portanto, também, nós tivemos de despende mesmo... Um valor muito avultado para poder apoiar a nossa filha. Nisso, só tivemos mesmo a terapia ocupacional, pronto. Entretanto, o ano passado, o meu filho foi diagnosticado... (...)Sim, não faz... O ano passado, sim... Às vezes... A minha filha, sim, tinha uma terapeuta, semanalmente, e este ano não, pronto. Portanto, o resto também nós temos de recorrer a organismos privados e aliás. Neste momento eu até...
Tivemos de reduzir e muito, porque são dois, não é?

Pais

Apoios externos à ELI

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

A nível particular... Porque isso também acaba por sobrecarregar muito, não só a nível financeiro como também psicológico, não é? Nós, neste momento, enquanto pais, vivemos sempre a pensar nos nossos filhos. Como é que nós vamos conseguir providenciar tudo aquilo que eles necessitam? Não só atualmente, como daqui a não sei quantos anos. É uma... É uma carga muito grande, mesmo...

Pais

Apoios externos à ELI

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Aqui, ao falarmos de Intervenção Precoce, estamos mesmo só a falar da ELI, certo? Porque nós, acho que aqui, todos nós devemos ter apoios externos, ou seja, depois privados, correto? Normalmente ou não? Os meus filhos têm terapeutas privados... Os vossos... Não?

Pais

Apoios externos à ELI

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Sim.. É, é horrível! Quase que nos sentimos, às vezes, punidos, cá em Portugal, por termos filhos com necessidades especiais.	Pais	Apoios externos à ELI	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
E, portanto, também, também recorremos... Pronto, a um terapeuta privado.	Pais	Apoios externos à ELI	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Mas também sei que se tivéssemos que, lá está, nós a psicometria tivemos que ir recorrer cá fora, não é? Mas recorremos logo por iniciativa própria porque o terapeuta... O terapeuta não. O pediatra, aconselhou-nos a... Portanto nós, por aconselhamento do pediatra, fizemos consulta no Hospital, neste caso, privado também a nível de... Com uma psicóloga, pedopsicóloga, que nos aconselhou a termos alguma atenção a nível da escola, que tipo de escola iríamos escolher, deu-nos alguma indicação de que, possivelmente, também poderia vir a ser necessário este tipo de acompanhamento.	Pais	Apoios externos à ELI	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Os custos são muito elevados. Por aquilo que eu orçamentei, por assim dizer, não é? São custos... É muito difícil...	Pais	Apoios externos à ELI	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Pelo menos aqui no meio onde eu estou... Há locais que... Portanto, onde é mais fácil de adquirir determinados apoios. Porque os... Os... As áreas geográficas são mais desenvolvidas. Portanto, há meios completamente diferentes, onde temos mais recursos. Aqui é um pouco mais, na minha área de residência, é um pouco mais difícil, por vezes... E lá está, o tempo depois que nos sobeja, não é? É muito limitado para irmos um pouco mais adiante, em termos geográficos, porque já somos seguidos a nível de... O meu filho está a ser seguido em Coimbra. Nós vamos todos os meses a Coimbra. Uma, duas, três vezes, as que forem necessárias. Portanto, já essas deslocações, para nós, é difícil de gerir... Mais os internamentos e tudo o mais, então não conseguimos, por vezes, salvar tudo... E acho que é nesse sentido que era importante termos mais um ponto de apoio portanto da equipa de intervenção, para ajudar essas partes que nós não conseguimos.	Pais	Apoios externos à ELI	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Mas lá está, fomos nós que tomámos a iniciativa, não é? Ninguém chegou ao pé de nós e ouve “é melhor fazerem isto”, não é? Nós tivemos que partir e procurar e ir, lá está, recorrer ao privado para nos poderem dar determinado tipo de respostas. Também se recorremos é porque podemos, não é? Mas secalhar não deveríamos de ter necessidade de, não é? O próprio sistema nacional de saúde deveria ter outro tipo de resposta perante situações dessas. E muitas das vezes é o, pronto, a palmadinhas nas costas... Pois isso é uma situação complicada, mas soluções? Ninguém as dá, não é? E pronto. Eu, no meu caso, estou satisfeito, mas presumo que... E tenho consciência que também o tipo de atenção que o G* necessita não é a mesma do que, por exemplo, o P* necessitará. Porque são situações muito diferentes e que... Até que só com alguns apontamentos nós é que em casa vamos conseguindo gerir muito daquelas coisas, não é?	Pais	Apoios externos à ELI	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

O apoio ideal, por acaso, agora que estamos a falar disto... Que eu falei de outros países que, por exemplo, temos um caso de uma criança com necessidades especiais na minha família, que tem Trissomia 21, é diferente da Perturbação do Espectro do Autismo mas... A minha filha... Prima aqui, estava a viver o mesmo que eu. Tinha, realmente, a equipa de IP, mas não era o suficiente porque só tinha direito a uma hora por semana. Tudo o resto tinha de recorrer a apoios externos que eram extremamente caros, pronto... Não tinha qualquer possibilidade. Foi para Londres e, neste momento, a filha tem um acompanhamento de uma terap... De uma terapeuta da fala, psicomotricidade... Quase tudo diário, portanto, tem uma tutora diária e não paga nada por isso. Ou seja, não há ali... E há trabalho de equipa, ou seja, aquilo é feito de forma mais intensiva, mais exaustiva, que estão ali a trabalhar com aquela criança que neste momento teve um desenvolvimento... Já nem parece a mesma do que quando aqui estava, pronto... Basicamente é isso, Eu acho que devia de ser diário. Acho que devia de ser...

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

E as instituições existem com o apoio estatal... Que é pago por nós, todos, e que depois poderemos ou não utilizar. Bom para aqueles... Excelente para aqueles que não necessitam de utilizar, não é? As pessoas que precisam de utilizar, é porque precisam mesmo de utilizar. Ninguém vai estar ali só para fazer perder tempo os técnicos, não é?! As pessoas que recorrem a essas situações é porque realmente necessitam de apoio. Nestes casos, que, que... A D* e a E* falam, não é? Uma hora é muito pouco! Para uma si... Para uma criança que tenha um problema grave. É muito pouco ter uma hora, uma hora e...

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Ou seja, porque aquilo que acontece em Inglaterra, devia de ser o que acontecia em todos os países onde se paga impostos, não é? Porque os nossos impostos são para isso, não é?

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Sim, acho que a nível desta situações, o estado social falha em tudo!

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

E, portanto, isso sim. Gostava que tivesse alguém ali e que fosse diário. Que fosse sempre.

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Pronto, não é? Embora que os profissionais fazem aquilo que podem, não é? Por vezes também têm poucas horas, no caso da fisioterapeuta do P*, tem 17 horas para a ELI, por semana, não é? Tem de dar resposta a alguns casos e a fisioterapia é sempre algo muito individual, não é? Não pode...

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Mais sessões de apoio? Sim sim

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

, mas nós não temos tantos apoios da ELI quanto gostaríamos.

Pais

Mais sessões de terapia

Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

, mas... Pronto. Agora, se me pudessem perguntar se eu gostava de receber mais apoios. Sim, gostaria de receber muitos mais do que aqueles que temos atualmente. Gostaria de receber todos aqueles a que acho que os meus filhos e qualquer criança em Portugal tem direito, não é?	Pais	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Pronto, ou seja, o que eu acho é que nós... Que se... Como há outros casos, não é? Por exemplo, os meus filhos, eu gostaria que eles tivessem, por exemplo, terapia ocupacional, terapia da fala e todo o resto que realmente fosse cedido pela ELI, porque sei que há técnicos que fazem isso e sei que há terapeutas da fala e todo o resto e que não fossem... Nós não tivéssemos de recorrer particularmente...	Pais	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Exatamente! Mais sessões de apoio. E nem me foco na situação financeira, portanto. Mas mais sessões de apoio ou... Por exemplo o apoio a nível... Eu no que me diz respeito, a mim, porque o meu filho tem... Tem uma dificuldade motora e, portanto, para além... E eu acho que, pelo menos, ao acompanhamento na prática desportiva era importante. Sinto essa necessidade. Acho que é muito importante para o desenvolvimento porque as terapias ocupacionais, em casa acabam... É uma grande ajuda, é uma grande dádiva, sem dúvida, mas têm algumas reservas a esse nível, portanto... E acho que deveríamos de ter mais... Com uma deversid... Uma prática fora do contexto familiar ou do contexto escolar...	Pais	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
O que eu sinto é que deveríamos de ter mais intervenções. Sinto, por vezes, falta de meios, no meu caso, de... Acho que devia de ter mais, pelo menos a título de... Das terapias ocupacionais, devíamos ter mais sessões. É o que eu sinto... Ou então... Mesmo a tipo de... O meu filho faz... Vai fazer agora quatro anos, vai ser integrado agora no pré-escolar. Acho que era importante, nesta fase agora mais adiante, haver um pouco mais de... De... De trabalho. Sinto essa necessidade, essa preparação, acho que era importante, o haver mais, ali uma ou outra....	Pais	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Exatamente! Sim!	Pais	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Fazer parte das atividades escolares.	Pais	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Tudo ser inserido no plano escolar da criança e no acompanhamento.	Pais	Mais sessões de terapia	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Isso eu também... Por isso é que depois dizer isto realmente é... Eu, realmente, tenho total noção que a ELI da minha área geográfica está realmente.. Que os técnicos estão mesmo sobrecarregados.	Pais	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Não precisamos de um especialista em alguma situação, não é? Precisamos de uma pessoa que já tenha passado por alguns daqueles casos e saiba como agir em determinada situação. E isso aí é mais fácil de obter resposta quando são situações dessas, não é? Acho que tem muito a ver com o número de técnicos	Pais	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

. São muitas crianças para os técnicos existentes. E portanto, eu também... Aquilo que eu tenho, eu, às vezes, até já penso, o que eu tenho, que eu sei que até é pouco, se formos a ver, eu tenho sorte. Porque há crianças que ainda estão em lista de espera, à não sei quanto tempo! E, portanto, a culpa não é da ELI, não é? A culpa, se calhar, geralmente é, a culpa não é da ELI.	Pais	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
s e o número de crianças depois que eles têm depois que socorrer.	Pais	Mais profissionais	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
E não é uma hora. Quando há a deslocação aquilo fica para aí uns 40 minutos, Às vezes uns trinta minutos e já tem de estar no ir... Não é uma hora...	Pais	Mais tempo	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Ou seja, apesar de que o técnico gostaria de poder fazer mais, não podem porque depois, lá está, é 1 para não sei quantos miúdos, não é? Eu, no meu caso, não me posso queixar. Sou sincero. Porque também estamos a falar de uma situação, era o que eu estava a dizer, que não está diagnosticada, mas presumimos que seja Asperger, portanto, é a nível... Aquilo está ali, existe alguma complicação e logo, das características mais sociais mas, todo o resto do desenvolvimento do meu filho, está dentro dos parâmetros chamados normais, não é? E portanto, não temos essa necessidade, temos mais a necessidade de alguém que lhe vá dando pequenas indicações e experiências para ele perceber com repetição-erro, repetição-erro, repetição-corre bem, porque... Porque enfim... Muitas das vezes com esses miúdos, com essas característica é assim que isso funciona, é quando eles percebem que isto funciona, fazem sempre aquilo que funciona. Quando as coisas correm mal, e não funcionam, lida a frustração... Tem assim um escalonamento enorme, não é?	Pais	Mais tempo	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Pois, pronto é isso. Acho que acaba por ser coisas muito pontuais, acaba por ser um apoio muito pontual. Não integrado numa estrutura de acordo com aquilo que a criança precisa.	Pais	Mais tempo	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Deveria de ser mais intensivo, à semelhança de outros países, não é?	Pais	Mais tempo	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Claro! Tem de ter um tempo limite, portanto há situações... Que o tempo é limitativo.	Pais	Mais tempo	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades da criança
Bom, eu acho que o ideal, agora eu vou falar na minha situação concreta. É muito semelhante aquilo que é feito em Coimbra, pelo Centro de Apoio à Intervenção Precoce da deficiência visual. Que eu vou lá, de vez em quando, aos Ateliers. Ainda agora neste fim de semana estivemos lá com outros pais. E eles lá dão-nos logo um apoio de retaguarda porque como é muito longe não podem vir cá dar o apoio. E vieram fazer uma avaliação o ano passado, mas tivemos de pagar a deslocação. Que é, portanto, são profissionais que estão... São especializados, não é?	Pais	Desejo de (articulação com) profissionais mais especializados	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Na área da deficiência visual e que, além de poderem trabalhar com a criança, no contexto de onde ela está integrada, escolar e familiar, vão, levam materiais, preparam materiais para a educadora e para os pais. Posso vos dizer, por exemplo, que eu faço, ou tenho adaptado alguns livros, envio um email e peço “olhe preciso deste material assim em braille”, preciso... “Como é que eu posso adaptar esta imagem?” E eles dão-me essa... Dão-me essa estratégia, não é? Porque trabalham com outras crianças com as mesmas problemáticas e há coisas que nós não nos lembramos é, são, às vezes, até coisas muito simples. E então seria este trabalho. Um trabalho muito especializado, de apoio, não só à família mas também ao contexto em que a criança está.

	Pais	Desejo de (articulação com) profissionais mais especializados	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
Eu acho é porque não há contínuo, não é?	Pais	Desejo de (articulação com) profissionais mais especializados	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
O que eu sinto às vezes é que são pequenas coisas que depois não fazem grande diferença porque depois na... No... Na estrutura toda não há uma ligação entre as coisas, não é? Falta isto...	Pais	Desejo de (articulação com) profissionais mais especializados	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
É!	Pais	Desejo de (articulação com) profissionais mais especializados	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
Sim!	Pais	Desejo de (articulação com) profissionais mais especializados	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
Assim mais ou menos no contexto como estava a dizer o João	Pais	Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E o resto, daquele trabalho, se realmente está a correr bem e se está, aquela prática o está a desenvolver ou não, para nós fica assim um bocadinho aquém, porque, lá está, nós colocamos o nosso coração que vai para a outra parte. É inevitável, portanto... E é nesse sentido que eu digo... Era importante, um pouco essa situação... Talvez, sinto essa necessidade. Sem dúvida. Mais um acompanhamento porque, lá está... Não só pela atividade e que os ajuda a... Não é? A crescer mais um pouco e a terem mais mobilidade e tudo mais. Pela própria segurança que lhes transmite, mas com o acompanhamento de uma técnica, não é?

Elas, melhor que ninguém, conseguem perceber se está a resultar ou não ou se é apenas ou não um momento de prazer que a criança tem e, por vezes, nós pensamos que aquela atividade que está a resultar e, se calhar não é bem aquela, secalhar é... É uma outra, não é? Um outro tipo de prática desportiva, uma outra situação. Acho que era importante... Quem diz isto, pode não ser desporto, pode ser outro tipo de atividade, portanto, uma outra situação. Eu acho que era importante por vezes haver um acompanhamento nesse sentido.

	Pais	Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
Sim, tipo um acompanhamento a uma atividade que... (tosse)	Pais	Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
. Exatamente. E... E depois... E é assim, ter filhos com este tipo de situações, sejam elas quais forem, ao preços que nós... Custos mais elevados com terapias, medicações, adiante... O que... O que é que acontece connosco, pais? Temos menos tempo porque temos que trabalhar mais. É inevitável! Porque se não trabalharmos, não auferimos... Não temos tempo útil, não é? E portanto, o meu filho tem uma atividade, tem a natação, mas é muito difícil para nós, pais, gerirmos e depois nós vamos, porque queremos ver, não é? Mas nem sempre aquilo que estamos a ver conseguimos interpretar da melhor forma. Porque lá está... Ele está feliz e nós ficamos nessa parte.	Pais	Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
Os meus filhos têm, mas somos nós que financiamos...	Pais	Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
Da minha parte, que tivesse já muitas das competências que a minha atual responsável de caso tem, mas que, por exemplo, se calhar, por exemplo, fosse à nossa casa. Pudessem, por acaso, por exemplo... Verificar o espaço, para nós pudermos adaptar também o espaço aos nossos filhos. Que nos pudessem facultar estratégias também em casa, porque para nós também é muito difícil. Ainda por cima, no meu caso, em que tenho dois filhos com o mesmo diagnóstico mas com... Quase o inverso um do outro, não é? Mesmo são o inverso um do outro.	Pais	Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores
Porque não só têm dado apoio a ele, mas também nos têm ajudado a nós, pais, e à irmã, neste caso, a aprendermos a gerir toda esta situação familiar,...) e a equipa de Intervenção tem-nos dado uma grande ajuda em tudo. Tem sido uma entrega muito boa e tem-nos ajudado a gerir estas situações, não só, como eu estava a dizer, nas relações familiares, portanto nós temos que agilizar, e também naquilo que nós podemos...	Pais	Desejo de apoio em casa/a atividades na comunidade	Desejo de intervenção enquadrada com as necessidades dos cuidadores

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Os outros interferem	Educador	Desejo de mais terapias fora da sala	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Porque normalmente... E assim, porque muito que agente diga não se aproximem, os outros... interferem... (...) Interferem sempre.	Educador	Desejo de mais terapias fora da sala	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
A minha experiência é efetivamente se houver a necessidade ou se aquela criança, por qualquer razão, aquela criança começar haver dificuldades maiores a outra área por norma vem outro terapeuta, outra pessoa fazer avaliação, depois isto é discutido em equipa da ELI, pronto e é definido se há ou não, depois de ouvirem também a minha opinião, se é necessário ou não a intervenção de mais um... De haver mais um interveniente nesta criança. Pronto.	Educador	Vários profissionais da ELI a apoiar a criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Sim, sim, sim, eu agora por exemplo não tenho. Agora não, agora é só mesmo a educadora, mas... Sim, já tive casos que sim. De haver mais do que um... Terapeuta da fala, terapeuta ocupacional e educadora.	Educador	Vários profissionais da ELI a apoiar a criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Todos iam semanalmente	Educador	Vários profissionais da ELI a apoiar a criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Depois com on avançar do tempo vai deixando de haver necessidade e vai caindo, mas já chegou haver algumas com terapia da fala, com terapia ocupacional e coim a educadora lá, quase o ano todo.	Educador	Vários profissionais da ELI a apoiar a criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Agora depende dos miúdos...	Educador	intervenção depende da problemática da criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Há casos de crianças que devido ao défice de atenção, às dificuldades de concentração, a todo aquilo que...	Educador	intervenção depende da problemática da criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
L. Há vários, depende das crianças, não é?	Educador	intervenção depende da problemática da criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Eu este ano aquele menino muito emocional a gestora de caso, a gestora de caso, é educadora de infância, aquilo é uma questão emocional etc. Já vai lá uma psicóloga também...	Educador	intervenção depende da problemática da criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Depende das pessoas, depende das equipas, depende dos casos, depende das famílias...	Educador	Incompreensão do modelo	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Houve uma terapeuta que estava a acompanhar a minha filha, da Intervenção Precoce, reformou-se e então agora temos uma responsável de caso.	Pais	Vários profissionais da ELI a apoiar a criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Sim, não entendem que somos equipa, não é? E que estamos lá para partilhar e para pensar e que se não der certa aquela estratégia que somos as duas... E a família a pensar, mas acham antes que vamos lá...	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Eu concordo contigo que com as educadoras nem sempre é fácil, eu também tenho essa dificuldade, eu sinto muito mais confortável em ir aos domicílios e considerado que a maioria tenho muito pequeninos, e quando é um contexto... O início...	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Eu acho que as vezes as educadoras pensam que nos vamos avaliar o trabalho delas...	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

			participação e Relacionais
Depois é as desculpas, ou porque não têm recursos ou...	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação
Eu pessoalmente tenho umas palavras para dar a família e outras para a educadora... tenho que dividir, e eu devo ter um alicate, de certeza, e que preciso de ajuda e que ando a pedir há muito tempo, que preciso de ajuda para evoluir...	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Há a lógica da modelagem, há a questão de... E há combinadas estratégias para, mas quando nós chegamos, mesmo às vezes havendo esta abertura e esta partilha de estratégias, quando lá chegamos muitas vezes estamos a participar na atividade, mas a educadora está a gerir um grupo e deixa-nos um pouco mais focadas com a criança que estamos a acompanhar. E depois nem sempre há a partilha no final, acaba por ir passando e o modelo vai sendo concretizado desta forma... Como não seria o id... Supostamente...	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Eu acho que isto é muito importante... Pronto, e há jardins de infância onde vou que faço esses trabalhos e que gostam... E também já tive jardins de infância onde eu chego e elas vão beber um café... E não dá, não é? Olhe, sinceramente... O que é que faço? Não faço nada, fico... Fico... Fico furiosa, mas fico além assim a pensar prontos e fico com os eles todos e depois os miúdos todos adoram-me e veem todos... E epah... E eu falo sozinho, “acha isto normal?!”, eu não acho isto normal!	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Se me precipitar a por lá o objetivo que a educadora quer, por vezes é uma agressão para a família e é... Criar uma barreira no meu trabalho com a família... Eu pelo menos é assim que sinto, que tenho sentido.	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Isso é o ideal	Profissional	Dificuldade na relação com os educadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Então e agora a dificuldade em comendo... Agora é na comida, então vamos outra vez observar, o que está a correr mal na comida, o que é podemos fazer... O que é que não sei que... E assim por diante, pronto, e portanto eu vou utilizar as rotinas que existem no dia-a-dia para ultrapassar as dificuldades da criança, seja em casa e em casa no parque, no sair, o subir para o carro, o descer do carro, seja o que for, o banho... Seja no jardim de infância... Eu não vou ao jardim-de infância... Chegar lá... Vamos supor... Eu chego lá e os meninos estão todos a pintar um... Opah uma castanha e não sei que... E o meu menino até está a pintar a castanha e até sabe pintar a castanha e eu vou lá, colaborar, ajudar a pintar a castanha... Não faz parte do objetivo que eu tenho, não faz parte do não sei que... Não vou! Para mim na minha cabeça não faz parte da intervenção precoce... Isto é eu a fazer de auxiliar. Desculpem lá, isto está tudo gravado, que horror... (risos) E eu não sou auxiliar, eu sou técnica de intervenção precoce com todo o orgulho! Portanto, eu... Isto é o que eu tento fazer, é o que eu acho que devo fazer como técnica de intervenção precoce e é um bocadinho na continuidade do que estás a dizer, não é?</p>	<p>Profissional</p>	<p>Dificuldade na relação com os educadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Eu já me aconteceu, mas o educador... Eu não queria dizer estas coisas, mas vou dizer... O educador esteve... Estava-se borrifando para a criança, e era um miúdo com espectro de autismo, que está mesmo momento a ter... Que é um autismo de alto funcionalidade, vai ser um miúdo fantástico, mas ela borrifou-se literalmente para ele... Está com um mapa de rotinas que eu senti, quase que a obriguei a criar... Ele de um dia para o outro ou no próprio dia aprendeu a utiliza-lo todo sozinho e quando foi posto os cartões para ele escolhe qual era a área, ele escolheu,</p>	<p>Profissional</p>	<p>Dificuldade na relação com os educadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Eu vou ser sincera, secalhar, não quero estar aqui... Eu tenho esta facilidade... Mas tenho a conexão com a família A que é aquela... Tenho a conexão com a família B... E as minhas famílias são muito diferentes umas das outras e eu acho magnifico. Tenho a conexão com a família C, a conexão com a família... Todas as conexões diferentes... E a minha maior dificuldade no meu trabalho é não ter as conexões com as educadoras... Aí é que eu não consigo, acho muito... Muito rígidas...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Dificuldade na relação com os educadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Por isso se calhar eu sou tão mal vista pelas educadoras, que quando eu chegar eles têm uma espingarda lá...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Dificuldade na relação com os educadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>mas com as educadoras não tenho, tenho o contrário... tenho coisas nada positivas, tenho exceções... Negativismo, queixas, lamúrias... Mas não tenho, tenho 5 educadoras boas, muito muito boas e tenho o resto que não, que falam mal das famílias a toda a hora, quando eu entro a primeira coisa que falam, falam mal das famílias, “a família não presta”, “olhe o que fizeram a este miúdo”, “olhe como ele veio” ... À frente da criança, não sei se têm está experiência, mas eu tenho...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Dificuldade na relação com os educadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Sim, se for um caso mais grave será um trabalho muito mais com os cuidadores, do que propriamente com a criança, por exemplo...</p>	<p>Profissional</p>	<p>intervenção depende da problemática da criança</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à</p>

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

			participação e Relacionais
Uma criança que precise de facto de fisioterapia, um AVC ou situação grave, essa miúda de facto precisa de fisioterapia, de... E acaba-se... Se tivesse nos recursos, ou hospital ou terapia da fala, secalhar a intervenção precoce dava mais para outras crianças... Que fosse mais... Não fosse tão específico, não é? Nesse sentido e porque se a criança precisa de fisioterapia ou de terapia da fala, acaba por não tendo na comunidade vai, vai, quase solicitar a intervenção precoce... E se houvesse essas respostas acaba por, de facto, secalhar ser a nossa intervenção ser mais soft e secalhar tendo essa necessidade respondida, a família estava mais tranquila até para... E mais disponível para...	Profissional	intervenção depende da problemática da criança	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Isso é o ideal. De facto há famílias... Que eu estou barrada, não consigo, por exemplo, ir a casa, porque a família é que escolhe o contexto e eu vou ao jardim de infância, mas a casa ainda não consegui. Por exemplo, com uma família e já me disponibilizei para ir ver os comboios, por causa do comportamento, e isso é o ideal quando nos deixam chega lá...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
E tão difícil, eu acho... Eu não alimento e eles continuam... Eu estou sempre a pensar “mas o que se passa? Ela não está a perceber que eu não estou a alimentar nada disto?” ... E eles...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Mas por vezes mesmo quando o exercício der berro e nos próprios não conseguimos puxar mais pela família, porque às vezes também é da nossa parte, porque não conseguimos orientar aquilo de forma a que eles refletissem mais...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Mas há situações em que perguntamos quais são as preocupações e depois vamos para as EBR's, fazemos a avaliação... Não há assim nenhuma, quatro e cinco, quatro e cinco, vamos priorizar, priorizar os quatro provavelmente e voltamos... “Então e quando se deita, como é que é?” E voltamos as preocupações, por vezes identificam a linguagem, é o exemplo, como preocupação no início. Descrição das rotinas, mesmo aquelas que é preciso recorrer a linguagem... Cinco, está tudo cinco, chegamos, mas depois então... Não há preocupações... “Então e quando está assim, vai deitar ou está a descontraír, o que é que... Como é que vê o futuro em termos de preocupações...” Voltamos à linguagem...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
mas todos temos essa experiência... Que para elas estão... O ideal seria mesmo retirar as crianças da sala, e nem para...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Mas também há domicílios que os pais encaminham-nos muito com... Também é preciso desmontar isto... Os técnicos vêm... (ouve-se muito ruído) “E capaz de fazer? Comigo não...” Também é preciso... Há famílias e famílias...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Acho que temos que fazer o nosso papel e às vezes é um caso típico no sentido de que não há objetivos, objetivos...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Mas não sei, não sei... Não sei, isto lá está, respeitando sempre as família, não sei se fazem, se colocam as talas as noites, não sei se fazem... Não sei, mas pronto... Mas era, para mim a situação ideal era eu ir, agente falar daquilo combinado, e ia depois ver acontecer... Ou pelo menos filmarem, mas era, era... Para mim... Como avaliador, era como fizeram, queriam mostrar aquilo que fizeram e que correu bem e correu mal. “Olhe fizemos assim, mas ela detestou...”Filmar não, porque estamos ali, estamos no contexto, não é? Agente tem acesso. Era mostrar a mim também, como eu já fizemos modelagem, demos indicações para fazer, era por aqui, não vejo assim muito...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>E principalmente eu sinto isso, o melhor é apresentar e a forma como se trabalha é esclarecida e mesmo assim depois exigem-nos aquilo que nos não podemos dar... trazendo mais stress para a relação entre nós e depois obviamente que vai influenciar o resultado do trabalho... O que é que eu quero dizer. Nós explicamos que trabalhamos no contexto com os principais cuidadores, há passagem de estratégias, há modelagem, mas não substituímos ninguém, há que aplica-los fora daquele dia, nas rotina, ficar tudo definido, que depois não é obviamente concretizado, e todos os resultados também aí demoram mais um pouco, mas que depois se os resultados ainda demorem mais do que é suposto, vocês não estão a fazer, não estão a ir cá, não estão a fazer... O tirar o menino da sala... Volta tudo a cair em cima da cabeça, e depois lá temos novamente de explicar... Espera aí, não é assim, temos que fazer desta forma... Se não se identificam com o modelo então porque é que aceitou? Porque é que assinou o consentimento?</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Sim, mas nós devolvemos, tudo bem, mas nós trabalhamos assim... Como é que fazemos? E isto acaba por trazer alguns constrangimentos... Principalmente os educadores... Principalmente com os educadores...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>E tenho muitos pais... E maior parte dos meus pais, que me calharam, pronto, este ano, provavelmente por sorte... Concordam, aceitam a intervenção precoce e assim querem que aconteça, porque as crianças não sejam retiradas da sala. Eu tenho problemas com os educadores que querem que eles sejam retirados, porque incomodam...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Porque é gratuito e é a única coisa que o estado dá e pelo menos isso vamos aproveitar. E isto é dito claramente, não é?	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Com umas colegas é mais fácil, com outras é menos fácil...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Ainda existe, porque cá está, a divisão entre família e técnicos, mas secalhar... Mas isso secalhar é para outra fase... É são palavras, agente já se está a esticar...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
por vezes a família pode não estar a identificar, secalhar numa primeira abordagem nós não colocamos lá de facto a nossa preocupação, mas ou depois... ou pedimos consultoria numa situação mais específica e posteriormente... Nós... “Olhe Secalhar é importante”, não é? E deixamos ao critério da família, ou trabalhar esse objetivo para já ou a médio ou curto prazo, mas nós identificamos também, às vezes que é importante, embora a família veja ou não essa preocupação, mas se é uma coisa evidente, como técnicos também... Informamos pelo menos, “olhe secalhar é importante ele comer sozinho”... “Ah mas agora não”, pronto agente respeita, mas secalhar daqui a uns 3 meses ou 4 secalhar é importante que ele, não é? E tentar pelo menos... Pronto, de facto, é alertar.	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Vamos lá e conversamos e disponibilizamos e falamos e tentamos ver se há preocupações, né? E é um caso muito grave em termos de desenvolvimento, mas não...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Não sai nada, nenhum preocupação... É sim para tudo.	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
Os pais não identificam...	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Eu trabalho muito com as famílias e trabalho muito, a minha primeira ação sempre é respeitar as necessidades da família e trabalho com elas, por vezes demoram a chegar...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>por vezes as famílias nem sequer reconhecem dificuldades na sua criança, por vezes... Eu... do levantamento que faço inicialmente, muitas famílias e tenho muitas mães a dizerem-me que não reconhecem dificuldades na sua criança e a sua criança é perfeitamente normal, e o olhar dos outros é que é estranho perante o seu filho.</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Nós também.. No princípio podemos eventualmente... Algumas famílias que não têm logo a noção daquilo que é prioritária, ajudar a fazer o percurso e a perceber com a família o que é que de facto são os objetivos, porque algumas famílias precisam de ajuda a esse nível,</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Pergunto sempre... Que impacto é que eles acham que tem o facto de ele naquela idade estar a comer... Com a mão, se é algo ou não problemático para eles, como é que eles acham que ele se sente se tiver no jardim de infância e fizer assim, continuar assim, se acham que é oportuno começarmos ou não... Tenho famílias, não é... com crianças que ainda dormem na cama dos pais, por exemplo, como é que eles se sentem... Como que... A intimidade do casal com este facto, se é ou não é... Tem ou não impacto, é oportuno começarmos ou não... Já houve família que vá vamos trabalhar isso agora e vamos começar e depois a meio disseram “não Paula, vamos desistir, olhe não está a correr bem, agente até se sente melhor não deixar”, pronto... Vamos começar daqui a 6 meses, esta bem... Pronto vamos começar agora... Pronto... Vamos começar agora este mês coisas que já desistimos duas ou 3 vezes, portanto, mas tento sempre respeitar o ciclo deles e o tempo também deles, não é?... Não fazer... Porque cada... Cada família tem a sua própria dinâmica e nós não podemos impor a nossa... Ritmo, não é? E pessoas e também o que nós tivemos com outra família à deles, e, portanto, criar conexão, pronto...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>E isso acontece muitas vezes, mesmo relativamente, por isso é que nós pedimos que têm de ir para as unidades... Em que realmente há dificuldade que os pais nem sempre estão preparados para esta questão das unidades. Mas há timings, os pais precisam de tempo para pensar, mas entretanto depois começamos a ser pressionados pelos tempos e isso nem sempre é fácil... Porque é assim, eu posso, eu sinto que devo respeitar o tempo daquela família, que ela precisa, mas também sinto a necessidade premente de se tomar uma decisão e isso nem sempre é fácil para os pais...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>
<p>Quando há timings que temos que cumprir, pronto quando há...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Práticas justificadas com limitações dos cuidadores</p>	<p>Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais</p>

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>. É difícil fazer esta gestão... De facto há que respeitar o tempo da família, mas eu estava aqui a lembrar-me de uma situação que aí já não temos tempo para o respeitar, que é quando se aproxima a parte da transição, nomeadamente, se é integrado no 3/2008, se não é integrado no 3, se vai para o relatório, não vai para o relatório. E aí por muito que se queira respeitar este tempo da família, já não nós é permitido porque temos outras exigências dos serviços e da própria forma como está tudo estruturado, que nos também... Vamos lá sentar e vamos ter que vos esforçar a refletir e a pensar em... E aí não conseguimos respeitar tanto esse tempo, não é? É outro desafio...</p>	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Também nos pós, também nos faz... Também nos traz constrangimentos, até podemos pensar, aqui esta família não está, não está pronta, mas temos que tomar uma decisão porque está na hora...</p>	Profissional	Práticas justificadas com limitações dos cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Eu acho que o modelo foi pensado mais em contexto de domicílio, depois foram acrescentado as idades e depois mais em contexto educativo, sendo que não foi refletido ou calculado os outros fatores que iriam influenciar este tipo de trabalho em contextos educativos. E nos apoios aqui temos outros fatores que influenciam o envolvimento dos principais cuidadores no processo, nomeadamente, o desejo que têm mais 24 ou 25 crianças, ou porque não se identificam com o modelo ou porque realmente é um criança muito difícil e que secalhar terá que trazer grandes alterações naquela dinâmica e então acho que isto acaba por trazer uns desafios diferentes de vosso só em contexto educativo. Domicílio, desculpem...</p>	Profissional	Incompreensão do modelo	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>P. Eu tenho uma opinião um cadinho diferente, não quero... Eu acho que a intervenção precoce enquanto modelo transdisciplinar, para mim tem muito sentido dos 0 aos 3 anos. Pronto, e faz-me todo os sentido, dos 4 aos 6 anos também me faz sentido, mas podendo haver recursos na comunidade. À farta, para nos podermos encaminhar este tipo de casos, caso contrário como dizia o Joaquim Barrão, isto não funciona. Ele não dizia desta maneira, mas dizia doutra maneira, pronto... Dos 0 aos 3 anos a transdisciplinaridade muito bem em intervenção precoce... Raros casos são precisos apoios diretos, raros, mas haverá alguns que sim. Dos 4 aos 6 anos tem que haver recursos na comunidade para apoios diretos, muitos deles tem que ser feitos, à pocado quando as pessoas... Eu não disse como costume apresentar, mas eu tenho um texto que descreve como apresento isto aos pais.</p>	Profissional	Incompreensão do modelo	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Sim, eu até vejo isto ainda como o tal perito, que vai, é que sabe fazer, é bocadinho ainda essa... Não é? Embora agente queira partilhar e valoriza as competências da família, acaba por...</p>	Profissional	Incompreensão do modelo	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>É um grande desafio, não há dúvida, e depois há aquelas fa... Mães mais... Que falam bastante, não é? Agente está lá também para a criança... Claro que é importante ouvir... Mas depois a criança está ali envolvido... Estar na família para fazer um jogo a três e conversa-se. É o desafio também dos domicílios também, é... É esse também.</p>	Profissional	Incompreensão do modelo	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>E neste momento ele é uma criança que para... Portanto... pedi adiamento da matricula, porque a parte motora ainda está muito má... Já fez grandes progressos, mas continuam ainda com algumas dificuldades e nós sabemos que quando chegam ao primeiro ciclo que a parte da motricidade fina tem que ir muito boa, penso eu, está é a minha opinião, senão o caminho para o sucesso, e ele é um menino muito inteligente e consegue sentir aquilo que não é capaz de fazer e depois inibe-se e fica na conchinha dela... pronto, é no fundo partilhar este caso que eu achei importante e que foi mesmo... Nunca me tinha acontecido</p>	Profissional	Incompreensão do modelo	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Quando há dificuldades na comunicação, porque é que não vem logo o terapeuta da fala ajudar... Dizem muito...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>É um bocadinho esta... Quase ingrato, não é? De eu querer que a família veja e ele não está ainda nessa fase de... E eu às vezes alguns domicílios, não tanto em relação aos apoios, não é? Tento em casa estar sempre com o ou a mãe, normalmente é a mãe, ou dois que estejam envolvidos naquilo que se está a fazer, ou aquilo é puxado ou não, mas nem que estejam afalar, mas têm que estar ali, ou no chão ou sentado na cadeira, têm que estar ali, porque há tentativas de irem... Estender a roupa ou...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Tem-se que fazer a diferença... esta questão do julgamento é importante, mas a resistência é tanta... existe... Todos nós inclusive... posso falar por mim, mas acho que é geral, estamos muito ainda associados à questão clínica, à terapêutica e neste serviço como existem técnico especialistas, as famílias e os educadores, estão à espera de um apoio na lógica de um para um. Retira da sala e quando tentamos demonstrar que se pode fazer de forma diferente, existe tanta resistência, tanta resistência, que o temos que.. Partir pedra... Partir pedra... Mas encontrar um espaço... porque depois as preocupações é mas o menino não está no tapete e não está ali... Vamos pelas preocupações... Então e depois do desconstruir temos que integrar e como é que integramos?</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>E depois há algumas têm assim uma postura... Fa. Têm que se desconstruir, têm que se desconstruir, e às vezes passamos mensagem para desconstruir essa imagem ou as expectativas que têm do que vamos fazer...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>A maior parte dos casos</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Porque às vezes há estratégias que nós damos para a criança que podem ser generalizadas a todos. E a intervenção até funciona melhor com tudo, é só uma questão de abrir a mente...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>... Não estar ali, mas é o que a colega diz, há educadoras que é possível fazer todo este trabalho de cooperação, de entenderem o que se quer e muito mais fácil depois para todos... Mas sim, mas continuamos com essas batalhas também de educadoras que ainda não... Nem sequer sentem a criança como do grupo... Portanto, e é difícil e para nós é muito mais difícil, estas coisas... temos que ter a capacidade de partir um bocadinho pedra, tentar perceber onde é que podemos, o que é que as vezes podemos valorizar naquela educadora, naquela sala, naquele grupo, para podermos ter ali umas estratégias de... No fundo ajudar aquela criança a sentir-se bem no grupo e a fazer parte, porque deve fazer... É do grupo... é complicado...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	participação e Relacionais Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Eu sei de uma colega que teve um caso, que agora está ótimo, ótimo! Mas que o pai disse para a colega, estou a falar da nossa equipa, que disse “olhe vamos fazer assim”, eu não sei se ele lhe ofereceu dinheiro, acho que não lhe ofereceu dinheiro, “isto está a correr tão bem consigo, agente não consegue fazer nada dele, você vem cá dia sim dia não, depois das quatro que é quando ele volta do jardim de infância e fica cá, até de noite, até ele adormecer. Agente paga-lhe.” Portanto há coisas assim... E eu tenho uma mãe, por acaso com quem eu tenho muito boa relação, que já me disse... E me disse assim “isto está resolvido, a P* passa a tarde em casa e dorme connosco...” (risos) E eu disse assim “esta bem”, mas pronto esta bem, levei mais para uma brincadeira. (risos) Mas pronto, há pais assim, há coisas assim, mas eu não vou desistir e vou capacitá-la para ela perceber que eu não preciso ir lá dormir a casa para ela conseguir controlar aqueles dois filhos, pronto... E isto levo mais na graça, não é? Do que... Pronto, levo depois as educadoras que querem que eu esteja lá para ser eu a dar comida e a mudar a fralda e não sei que e não sei que...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>As vezes é mesmo preciso dizer que é uma mais valia para ela se estiver presente... Se der continuidade...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Agora estava a lembrar de um que estive lá as seis horas, quando a família chega do trabalho, e né? E a família quer ir fazer... A mãe neste caso que o pai só chega lá para as nove... A mãe que ir adiantar o jantar e eu a chamá-la para a sala... E às vezes é complicado, depois... é o telefonema... De uma família que está em França, a outra que está em Angola e às vezes aquilo é a sessão e é ela ao telefone e de facto as vezes o apoio é eu a querer chamá-la e a envolver e, às vezes, a querer que ela veja, porque às vezes... E esta família... Porque de facto... A visão, ver as coisas boas que estão a acontecer, ele até está ali e ela não está lá, e às vezes não consegue ver o que ele esta a fazer e eu “está a ver, está a ver, esta a ver”, estou toda contente e ela às vezes...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expetativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Não, penso que não... O que já me aconteceu também em termos de trabalho no domicílio mães que gostam de estar e que devem... pronto têm prazer em estar e observar para fazer e aquelas também que tentam ser aquele bocadinho que ela vai descansar, que é difícil depois temos que por a criança “olha vai chamar a mãe, vai lá...” “Eu agora tenho que fazer um telefonema e acontece então também as duas coisas...”</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expectativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Sim, em casa tento e de facto, no jardim de infância é um bocadinho esta visão também... Às vezes eu entro para a atividade depois... Se está na área da casinha ou se já escolheram a área ou eu integro ou ajusto, tento no final ir dar um bocadinho de feedback, como é que ele tem estado, consoante um ou dois ou três objetivos mais ou menos, que é aquele que está mais identificada, que é o prioritário, mas é um bocadinho isso também, entro e faço, faço... tentar, quanto mais não seja a modelagem, mas tenho a sensação que ninguém olha para mim. (risos) Mas é pouco, é pouco, mas é um bocadinho está...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expectativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>Estarmos a trabalhar com a criança e a mostrar, “olhe já viu o que ele consegue fazer?”, “sente-se aqui no chão que ele consegue brincar.”, “ah meu deus, o que ele consegue fazer”... Portanto, há imensos, imensos desafios que até são engraçados, até são... Para mim são engraçados... Dizer à mãe, “venha lá sente-se lá aqui, sente-se aqui ao pé de mim.”</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expectativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>E, portanto, nós temos que, que fazer um bocadinho como moderadores e falar com a família, no sentido de que quais são os objetivos que podem ajudar no fundo a priorizar, não é? E também mostrar-lhes como às vezes as crianças também são muito diferentes no contexto em casa e no jardim de infância...</p>	Profissional	Necessidade de trabalhar as expectativas com os cuidadores	Dificuldade de implementação de práticas de apoio à participação e Relacionais
<p>(ouvem novamente concordância) (equipa)</p>	Educador	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação
<p>Como também pode ter mais dificuldades mais entraves ou ter o seu trabalho mais facilitado, se em termos de liderança de equipa e em termos de espírito de equipa as coisas dentro da ELI funcionarem que uma determinada maneira ou de outra e isso influencia o desempenho desses profissionais, eu acho que sim...</p>	Educador	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação
<p>Há vários, e depende dos profissionais também, depende de quem está a chefiar as equipas, depende das ordens também que elas têm, se podem ou não podem fazer... Portanto... Ali alguns... Algumas coisas que podiam ser melhoradas</p>	Educador	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação
<p>(Liderança) (ouve-se “sim”/“concordo”/“sem dúvida”)</p>	Educador	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação
<p>Eu concordo com a Carla e acrescentaria mais uma coisa, para além das pessoas a ELI funciona em equipa e as equipas precisam de liderança e as lideranças das equipas fazem... Podem fazer toda a diferença.</p>	Educador	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

A minha experiência é realmente, dependendo do tipo de terapia, do que quer que seja, do que quer que seja, quando é pela educadora é feita em sala, que por norma, exceto numa situação ou outra que a própria sinta necessidade ou que eu própria lhe diga e isto seja combinado e sempre em sistema de colaboração.	Educador	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação
E a partir de Março vai ser pior. As necessidades educativas especiais vão passar a ser necessidades educativas específicas.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Como ali a política é a partir do momento em que entrou para o três a ELI já não tem intervenção...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Eu acho, acabam por acompanhar os miúdos à mesma...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Nós ali é a ELI que nos dá apoio a nível dessas... Mas ali não, ali a ELI até dá apoio, em primeiro lugar, a quem está no três.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Mas também, mas nesta sequência que estávamos a conversar, eu já cheguei a ter crianças acompanhadas por duas ou três vertentes durante um ano inteiro.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Eu posso falar no caso de uma criança que eu tenho este ano que será o último ano que ele está no jardim, portanto ele está lá à três anos com um quadro bastante grave de paralisia cerebral com dependência. Com não ando, portanto em cadeira, pronto... Entrou para lá, para o jardim, com o relatório de transição dele, okey, fez-se o processo o mais rápido possível para a educação especial, ele entrou ainda esse ano para a educação especial. Mas uma grande necessidade daquela criança é realmente a terapia da fala, porque ela vai... Ele começou a dizer palavras e agora temos que... É bom que ele avance e felizmente hoje já diz bastante coisas, mas portanto, durante os três anos que ele lá estava nunca teve terapia da fala, porque? Porque estava no três. A ELI fez a avaliação da terapia da fala, considerou que era necessária terapia da fala. O recurso foi aquele subsídio da segurança social, mas como ele já recebe subsídio pela deficiência, não poderia acumular os dois subsídios. Portanto esta criança está a três anos comigo... A necessitar de terapia da fala e não tem terapia da fala. Porquê? Depois ali os recursos em termos de terapeutas... Em termos do agrupamento são a partir do primeiro ciclo, portanto os chamados, o CRI, é a partir do primeiro ciclo, aí é que têm terapeuta ocupacional, terapeuta da fala, psicólogo, pronto, mas só a partir dos seis anos. Portanto, O pré-escolar está a descoberto...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Também já há uma diferença, a ELI com quem eu trabalho a partir do momento em que a criança entra no três acabou o apoio àquela criança. Não há mais apoio para aquela criança...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Porque depois também depende dos casos que a equipa de educação especial tem...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E cada vez nos vimos nas nossas salas, não é?	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
É uma maneira de descartar os números... Eu percebo que os números têm sido assustadores... Pelo aquilo que se passa nas nossas salas, não é?	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Eu tenho três no três este ano e tenho quatro referências para a ELI.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Mas equipas de educação especial também estão cheias	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Passa o tempo...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Então e os de cinco como eu tenho lá um caso agora. Vai para a escola. Entrou com cinco, estamos em quase Março e ele ainda não tem nada... Rigorosamente nada...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Nós também estamos com essa situação entre nós... Mas eu não concordo, em absoluto, porquê? Porque a equipa da educação especial tem três meses, noventa dias, os sessenta... Os trinta da referência que é feita por mim mais os sessenta para dar a resposta e para dizer, este menino não é da educação especial, é do 281 ou não é...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Tem o apoio normal de educadora. Não é? Eu não concordo com isto porque quando a passagem era feita diretamente da ELI... Porque eu digo, então e se ele não tivesse entrado neste jardim de infância, se fosse a mãe a ir lá ter com a ELI. Ele era atendido, então há aqui qualquer coisa que está mal e que está a funcionar mal, em desfavor das crianças que deviam ser os primeiros, não é?	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Estamos no final do ano letivo, e aquela criança não teve, teve zero...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Exatamente. Mas as ordens da ELI agora é primeiro é avaliado pela educação especial e estamos aqui a perder tempo em idades precoces, precisamente, não é?	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
A referência já não podemos nós ali fazer para... Para elas diretamente, tem que passar para a educação especial, nós agora... Por ordens da ELI. Disseram-nos que agora, portanto, passa a... Imaginando eu... Eu neste momento fiz duas novas referências, entreguei a referência à educação especial e portanto a educação especial agora vai avaliar. A educação especial dentro do agrupamento, e depois é que... Se não houver respostas, então é que vai para a ELI. Penso que isso tem haver com número, volume, que têm recebido e que não têm conseguido dar resposta...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Isto acaba por ser injusto para aqueles que...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Sim, à parte que nós não demos a equipa de educação especial e uma equipa da ELI. Temos as duas em separado. Aliás pela Eli, a reunião é só com a ELI, se são meninos apoiados pela Educação Especial, a reunião é só com a educação especial. É essa a diferença...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Ah, já foram distribuídas?/ Já, já estão a aguardar. Estamos em Fevereiro	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
E depois para a ELI avaliar se tem vaga... E não tem vaga...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Fazer timings de três, quatro, cinco anos...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Porque nós... Estes timings... Fazer timings com meninos de três anos...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Atenção, fazer timings de decreto de lei.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Desde da referenciação até à reunião de equipa, até não sei que... Estamos no final do ano... E no final do ano o que é que acontece? O menino fez seis anos e já não pertence à ELI.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Fazer timings de decreto lei.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Quando são aqueles casos que nós sabemos que já têm relatórios médicos e vão entrar para o três. Pronto, okay, esperou noventa dias, mas vai, a partir dali vai ser apoiado, não é? Agora os outros... Passaram-se os noventa e depois é que a ELI vai avaliar o caso...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Pois, eu tenho dois no três e três a ser acompanhados pela ELI. Fiz neste momento duas... Neste momento, neste timing, né? Os tais trinta dias, fiz duas referenciações, estão em cima da secretária de alguma professora de educação especial, não sei quem é que foi distribuído.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Indireto é uma reunião, faz-se uma reunião formal é que há passagem de informação em relação ao caso.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Sim, sim, mesmo aqueles...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Mesmo apoio direto e indireto? Direto continua a haver...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Porque é este... Esta criança, quando me entrou o ano passado aos quatro já me vinha referenciado pela ELI ...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Não, ali a ELI só... Nos casos em que por exemplo eles chegam com, imaginem, um relatório de transição em que depois há necessidade e inclusivamente para entrar para o três, ai sim, ai a ELI é capaz de disponibilizar a psicóloga, se for um caso que tenho haver com isso, não é? E ela fazer a avaliação para a criança e o relatório da psicóloga acompanhar o processo de entrada na educação especial, mas em relação as crianças que já estão no três não... Não há qualquer acompanhamento direto da ELI.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Eu tinha um no três e fizeram o ano passado a avaliação... Que eu pedi ajuda a uma psicóloga... E aquilo que relatou devido a outro técnico a problemática de criança é outra... Duas vezes...	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Imagina que vocês não têm... Se o menino está na educação especial, vocês não tem uma psicóloga, ela não fazem? É que a psicóloga da educação especial também não consegue.	Educador	Questões sobre articulação de EE e IPI	Dificuldades de organização e articulação
Porque gostavam de ir mais além e não têm meios, não conseguem. É nesse sentido, a falta de formação. Sim...	Pais	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação
Eu sinto que as próprias equipas, por vezes, não conseguem ir mais além por impotência que está acima delas. P	Pais	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Eu acho também que tem muito com a zona geográfica em si. Ou seja, eu conheço pessoas que no Barreiro estão com o acompanhamento precoce e que, os próprios educadores vêm, às vezes o técnico uma vez por ano. Eu, nós tomámos a decisão de ir para a Moita, porque a nível de conhecimento, lá está, com uma mãe que trabalha também na área do Jardim de Infância, tinha conhecimento que na Moita funcionava de forma diferente. Nós quando colocámos o menino na escola, já, ela previa que isto poderia ser uma opção e que poderíamos avançar para o acompanhamento precoce. E realmente, ali na Moita, não sei se é por terem menos miúdos, se ser um espaço com menos população, realmente, por exemplo, a nossa responsável de caso duas vezes por semana esta na escola onde ele está. E se está a acompanhar outro miúdo mas há um problema com o meu filho, automaticamente sai de uma sala e vai a uma outra ver o problema tentar resolver... E faz o mesmo estando de um lado ou de outro. E, portanto, é uma equipa que hoje não posso mas vai a pessoa A, que é a pessoa que tem mais experiência na parte da terapia da fala, etc. E portanto, vai ajudar aquele miúdo naquela situação. E nós, isso reparamos ali. Portanto, tenho conhecimento de casos que não funciona da mesma forma porque muda-se a zona geográfica e são muitos miúdos. O Barreiro em termos de população comparado com a Moita é muito maior. E, portanto, se calhar tem até o mesmo número de técnicos nas duas instituições e, portanto, torna-se mais difícil...

O que é que eu queria dizer mais. Outro constrangimento que eu acho que é muito grande nas ELI's, não serão todas pelo país, mas pronto... Eu falo da minha experiência... Acho que não existe um modelo de intervenção, pelo país fora cada uma terá o seu modelo de intervenção... Já passei essa fase de não ser igual pelo país todo, pronto, já não me interessa. Interessa-me que dentro da minha ELI, nós não temos os mesmos modelos de intervenção. Temos as técnicas a intervir de uma maneira porque nos organizamos, refletimos, pensamos, estudamos, vamos a formações. E temos o corpo docente que tem uma outra tutela a fazer outro tipo de intervenção de outra maneira qualquer... E isso incomoda-me pessoalmente e tecnicamente, incomodam-me bué!

	Pais	ELI funcionam de forma diferente	Dificuldades de organização e articulação
	Profissional	Dificuldade de organização dentro da ELI (e.g., disciplinas, modelo, orientações, liderança)	Dificuldades de organização e articulação
Depende muito da aceitação que os pais têm em relação ao filho...	Profissional	Aceitação	PIP esperam dos cuidadores
Depois o problema, primeiro que aceitem... Não é?	Profissional	Aceitação	PIP esperam dos cuidadores
Também não, mas já ouvi casos... De situações assim, a mim não tem acontecido muito...	Profissional	Aceitação	PIP esperam dos cuidadores
Aceitação...	Profissional	Aceitação	PIP esperam dos cuidadores
Eu não tenho muita dificuldade na aceitação dos pais, dos meus casos, tenho que ser sincera...	Profissional	Aceitação	PIP esperam dos cuidadores

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E se são objetivos identificados até por eles, queremos de facto que se envolvam... Estamos lá para isso, não é? A vantagem de facto deste modelo é que não somos nós, pelo menos numa primeira fase a identificar, portanto é um envolvimento, é pelo menos quando lá vamos que se pare e se esteja ali e que se fale um bocadinho e veja... E faça, e dar um feedback como é que correu, as dificuldades, é parar um bocadinho... é preciso que estejam envolvidos.	Profissional	Envolvimento	PIP esperam dos cuidadores
Que estejam envolvidos...	Profissional	Envolvimento	PIP esperam dos cuidadores
Que se envolvam, exatamente, naquilo que é... Vá, um projeto comum a todos... A pais, educadores, nós, estamos todos envolvidos naquilo, que estejamos todos envolvidos, naquele... Na construção,	Profissional	Envolvimento	PIP esperam dos cuidadores
Eu houve um domicílio que eu ficava e dizia... A mãe ficava sempre comigo e participava na atividade e depois das últimas vezes que fui, que a criança estava em domicílio, o grande objetivo era a integração, mas paralelamente foi fazendo este apoio, e achei muita piada, acho que foi dos últimos dias que fui, o pai sentou-se... E também estive lá connosco e é uma família de etnia cigana e há aquele questão de o pai estar sempre mais afastado, e mais distante e ali, ele naquele dia, acho que foi dois ou três dias... Mas achei piada, e ele interagiu e depois eu quase que não me meti, eles e que estavam a gerir a brincadeira.	Profissional	Envolvimento	PIP esperam dos cuidadores
E que sejam honestos também, de facto fica combinado fazer uma vez por dia, só antes de ir para o banho, pelo menos tentarem... Ou... E o esforço também, de fazerem pelo menos o combinado. Cooperando...	Profissional	Honestidade	PIP esperam dos cuidadores
E assumir, se fizeram fizeram, se não fizeram não fizeram. Assumir isso, com esta família aconteceu isto, nós já estamos a três meses para fazer um calendário semanal e a mãe é sempre sincera, quando nós reunimos, e dizemos “então o calendário semanal está feito?” E ela diz logo a rir-se “não”. Pronto, é sincera, tem está sinceridade, nós não a penalizamos, dizemos logo tem que ser, portanto “olhe deixe estar, mas desta vez vamos fazer assim nós vamos ajudá-la a fazer o calendário... Nós fazemos a parte da cartolina, plastificamos e mãe só põe... Pode ser?” Ta bem... Secalhar estou a dizer mal outra vez, né? É isso que quer? Não estou a responder secalhar bem...	Profissional	Honestidade	PIP esperam dos cuidadores
A família também sabe o que é que eu estou a trabalhar e algumas coisas também está a dar o reforço. Ou seja, há coisas que podem ser possíveis de trabalhar em casa e na família. E este trabalho com a família já é a técnica da ELI que faz e depois juntamo-nos e diz “olha C*a mãe do menino também já está a fazer isto”. Portanto isto é a base... Senão não faz sentido...	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
F. E da segurança ao miúdo, sobretudo.	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
(segurança) E a nós próprias...	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
E a questão da continuidade, porque lá está com...	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Essa imagem é comum na escola e comum casa, por exemplo ao nível de ir à casa de banho, não é? De identificação e... Essas imagens asseguram o suporte dele de um local ou para o outro, para haver ai também alguma... Conhecimento da parte da criança e facilitar, não é? Facilitar no fundo o atingir daquele objetivo.	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Normalmente, quando vem a minha sala ele acaba por dar continuidade ao trabalho que eu estou a fazer. Por exemplo, ainda aconteceu esta semana, eu estava a trabalhar a amizade com os colegas e as outras crianças estavam a desenhar o melhor amigo. E a criança que ia dar apoio ainda não estava, estava a brincar nas áreas e ela perguntou-me “Então G*? E ela já fez esse trabalho?”. E eu disse “Não...”. Ela chamou, foi chama-la veio para a mesa e fez esse trabalho com ela, porque é uma criança que necessita de muito mais apoio, muito mais apoio individualizadoe acabou por... Eu... Deixou-me mais... Eu mais desperta para os outros e com mais disponibilidade para os outros e ela fez esse trabalho com essa criança. No final, acabamos por estar ali as três, porque acabei também por me... Porque ela é uma criança muito teimosa, que é preciso estar ali muito em cima dela para ela entrar em... Em diálogo.(...) então o que é que eu posso fazer, então vamos lá ver que continuidade é que há neste trabalho...	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Há alturas em que não, em que dá para perguntar estás a fazer o que, o que é que se passa e portanto e isto é aquela conversa que há de momento. Acho que o que está a ser feito está a ser feito bem porque há sempre esta tentar enquadrar e tentar perceber o que se está a passar em termos de contexto de sala, primeiro que tudo. Depois procurar que aquilo que é feito com a criança mesmo que seja em termos individualizados ou que seja mesmo retirado seja na continuidade naquilo que está a ser feito em termos de sala.	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Isso com a família é muito importante	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
E depois perguntar também à mãe o que é que ela faz nestas situações, porque ela é muito teimosa, temos que perguntar nestas situações o que é que a mãe faz... Para estarmos todas a trabalhar no mesmo sentido.	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Às vezes é um cadinho elo de ligação, por exemplo, eu tenho lá várias situações, mas há um... então olhe é assim... (risos) Eu, portanto, tenho aqui o Francisco, eu já sei mais ou menos a história dele porque tive a ler, mas... E o que eu observei até ao momento o Francisco é um menino que faz birra por tudo e por nada, como já trabalhou em casa com ele e com a família, eu preciso	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Isso também para as família é muito importante, não é? Porque já é um elo de ligação que a criança tem com eles e as próprias famílias.	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Através do elemento da ELI nós temos algum conhecimento... De como é o contexto familiar também... As dificuldades também que a família sente.	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Fazemos a reunião normal de pais e depois marcamos uma outra sozinhas com a técnicas da ELI, comigo, eu até tenho... Triplo... Tenho a professora de educação especial...	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
Acho que uma coisa muito importante que acontece lá na escola onde estou, no final de cada período as reuniões são sempre feitas comigo, com a responsável de caso que dá apoio na sal, com a professora de	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

educação especial e com os pais. E sempre feito no final de cada... De cada período uma reunião com todos os interveniente.

<p>Eu queria só ressaltar o trabalho extremamente, que eu acho extremamente importante, que elas fazem com as famílias, acho que esse trabalho é um trabalho que... Quando eles já nos chegam referenciados já foi feito, do qual nos não participamos, mas já apanha-mos o terreno um cadinho terraplanado, ou seja, já houve um primeiro... Ali uma primeira abordagem, pronto... Já de certa forma, há uma sensibilização dos pais... Já... Mesmo que não aceitem ainda, mas já há um trabalho feito e isso nota-se e acho que é extremamente importante, porque existe uma criança antes dos três, dos quatro ou dos cinco quando nós chega... E essa parte...</p>	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
<p>E o apoio que dão em casa as famílias muitas vezes é essencial.</p>	Educador	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
<p>E mesmo ao nível do momento em que vão à sala é sempre dito previamente... Imaginemos no meu caso que eu partilho com a colega que tenho dificuldade quando estou ali na reunião de grupo, falta algo para eles sossegarem na parte da manhã, que é onde eu tenho mais dificuldade. Também o horário é feito assim, nós combinamos, “olha tal dia venho de manhã”, que é para ver como é que ela está... Pronto, nesse momento da manhã e para ver como é que podemos... Ajudar.. Se ela fica ao pé de ti, pronto eu costumava dizer que quando tive mais do que uma crianças com necessidades educativas... Também já tive essas realidade, este ano não tanto, portanto... Aquilo funcionava em sistema de galheteiro, que eu estava no meio e as duas crianças com mais dificuldades estavam ao meu lado para estar sempre a captar a atenção e os gesto acabavam por chamar mais a atenção, envolvendo, eu mostrar a imagem da história e contava a história e depois mostrava aquilo... Depois tinha pendurado... Então era o sistema galheteiro como eu dizia. E para tentar resolver aqui a questão do galheteiro muitas vezes dizia “como é que achas que eu deva fazer? Estou demorar muito tempo, pouco tempo? Achas que eu deva...”. Não sei pronto... Ou então se era na parte da tarde. “Ele às vezes costuma quando chega do recreio vem muito agitado, o que é que podemos fazer? Pronto... Que tipo...”. “Então olha Vou um dia à uma e meia e vamos ver como é que funciona e encontrar uma estratégia um cadinho mais eficaz para tentar acalmá-lo, não tanto em termos de atividades individualizadas, mas às vezes é muito importante isto também. Resolver estas questões que às veze parecem muito complicadas, mas às vezes com um pequeno click da tal experiência...</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Que me ajude, porque essa é a minha tarefa, ajudar a desenvolver as potencialidade em todos os que tenham mais dificuldades e menos dificuldades e que ele também trabalhe nesse sentido.</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>E às veze têm um olhar mais... Mais límpido... Mais límpido, porque nós às vezes estamos tão absorvidas e vemos só o menos bom, não é? E secalhar a solução até tem estado mesmo ali à nossa frente. E a pessoa que está de forma vem e diz “olha C*, vê lá, tu repara bem, tens posto o A* ou o F* ali no meio, pronto, em vez de estar num sistema galheteiro à tua frente, mas repara lá. Secalhar isso não está a resultar, porque ele tem tendência a cair mais para o lado ou para o outro... E secalhar se tu o puseres ao pé de um menino mais crescido”. Pronto, são estes pormenores que acabam por nós ajudar muito. Porque às vezes estão ali as coisas simples e nós não conseguimos ver.</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>E até mesmo quando ele... Por exemplo hoje aconteceu uma coisa, a técnica dizia assim hoje “ele já sabe que...” E eu dizia assim, e ela dizia-me “ele já sabe que” e eu dizia “atenção não está consistente ainda, deixe agora fazer”. “Ah, então vou verificar”. Pronto aquela conversa de...”Ele já sabe”. “Não está consistente ainda”. “Acha?”. “Acho...”. “Então vamos fazer...” Ali é conforme... E depois no final disse “então o que é que achaste Fátima?”. Sim, sim, tens razão, aquilo ainda não estava... Vamos ter que trabalhar mais sim...”. Pronto aquelas coisas que às vezes temos....</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>O comer, ele era um menino que não comia... Não tinha um processo mas... Pronto, e depois ela foi, ensinou como é que tinha que fazer, como... Portanto isto é tudo feito conforme o menino, conforme a problemática, e aquilo que nós também... Às vezes é muito... Como é que hei de dizer isto... Às vezes não é o menino, às vezes somos nós, muitas das vezes que precisamos ali de “okey estás a fazer bem”, mas “okey estou a ter ali esta dificuldade, o que é que achas F*? O que é que achas que posso fazer para o agarrar? Estou a senti-lo a fugir” e ela vai e diz...</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>eu preciso que me de estratégias... Para já saber se essas birras também acontecem em casa e por isso saber se me conseguem dar estratégias ou não que me ajudem a portanto... Temos aqui um problema, a criança tem a problemática que já todas sabemos, não é? Mas eu quero estratégias para aquele problema específico, não sei se tenho mais alguma coisa para... Porque... Que possa acrescentar àquilo que venha nos papéis e me possa ajudar a ir de encontro à problemática...</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Até porque por mais que não fosse nós podíamos aperceber pela 44 pela aquilo que era feito algumas pistas para integrar na nossa prática, senão houvesse esta conversa no após, teríamos sempre esta hipótese. Que era por 44 perceber quais eram as estratégias que eram utilizadas, não é? E procurar fazer uma apropriação delas de acordo com o meu estar e a minha forma de ser.</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>E arranjar estratégias em conjunto para ultrapassar determinadas situações.</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>quando tenho crianças efetivamente com problemas e a educação especial pela ELI. E são crianças com alguma dificuldade ao nível da atenção, concentração, a minha sala é reorganizada também em função disso, não é? Tento reorganizar o espaço de forma a colocar uma área mais calma, ou seja, da biblioteca, etc. Ou da escrita, o que seja... Um espaço reservado, mais tranquilo, longe, por exemplo da área das construções e do jogo simbólico. Eu reorganizo também em função disso e muitas vezes em conversa com a própria técnica seja da educação especial seja da ELI.</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Eu acho que é me dar todo o feedback de todo o q eu posso também fazer enquanto educadora para melhorar aquela criança, acho que elas enquanto profissionais fazem tudo o que é do melhor para aquela criança. Logo o objetivo final está aqui inerente</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Pronto, aquilo tornou-se ali... E uma das técnicas foi super querida e disse logo “C*, vamos criar aqui as duas uma estratégia, eu venho aqui fazer uma sessão, tu outra, vê lá as ideias...” e portanto... E criamos ali um ambiente de tal forma. Aquilo acabou por ser o meu braço direito, porque efetivamente o primeiro mês, foi um mês de completamente... Chegavam...(...) E não, e ela foi logo, apesar de estar para aquele menino ela disse logo “eu vou-te ajudar, eu vou-te lançar ideias, vou-te lançar...” Porque eu disse assim “o que é que eu foi fazer?” (...) Mas não fazem o trabalho dentro da sala, andam connosco,</p>	Educador	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

E depois a intervenção. Para me ajudar, por exemplo, eu não conseguia que ele comesse nada e queria saber o porquê, o que é que se estava a passar. Se ele não tinha um processo de mastigação adquirido, se era por causa de termos de cor, por exemplo, se houve coisas verdes no prato pronto. Havia ali uma série de pormenor que eu também não sabia tudo, não é? E ela foi-me ajudar e coisa... E depois pronto trabalhamos em conjunto. Eu depois, depois falamos ainda, por exemplo, a adaptação dos talheres, do espaço e isso não foi feito porque não havia necessidade... Porque a problemática dele não é para isso. Ali falamos pronto.. Quando o problema não é resolvido...

Educador

Estratégias para o adulto

Práticas de apoio à participação

Eu estava qui a pensar, acho que efetivamente é um cadinho ... Fazer uma descrição daquilo que eu observo, o que é que aquela criança tem e gostaria que ele pudesse perceber se a aferição que ele fazia enquanto profissional da sua área, porque poderá ter uma visão diferenciada, se poderia ser igual a minha, e depois em colaboração procurarmos estabelecer as melhores estratégias.

Educador

Estratégias para o adulto

Práticas de apoio à participação

. Portanto, é isto que dá vontade, estas respostas de... de... Estratégias,

Educador

Estratégias para o adulto

Práticas de apoio à participação

Nós também se for sentido alguma... Alguma outra questão vai outro, outro terapeuta ou outro responsável para.. Para aferir o que é... Se há necessidade de mais algum tipo de acompanhamento ou se o que se está a ser feito se chega.

Educador

Trabalho de equipa dentro da ELI

Práticas de apoio à participação

Agora já não, mas na altura para se ver o trabalho para ele... E a terapeuta ocupacional que era a gestora de caso e a terapeuta da fala mais do que duas ou três sessões.Foi até nós sentirmos esta problemática, okey. Agora já está. Depois no... Vai-se deixar passar o tempo... Depois vai regressar.O ano inteiro não, nós normalmente... Nós sentimos ali um problema, não é? Não estamos a conseguir, elas dizem “epah C* essa área também não é minha deixa estar que vou falar na equipa, na reunião e depois okey”. Já pediu, já tive terapeutas da fala, tem sido terapeutas da fala lá, foi estes... Foi a B*, foi o R*, tive vários.

Educador

Trabalho de equipa dentro da ELI

Práticas de apoio à participação

E é uma coisa muito importante também. Por exemplo este menino do ano passado... A gestora de... A técnica responsável do caso era, deixa ver se eu não digo uma mentira, era psicóloga e a problemática dela... Eu precisa... Era em termos do processo de mastigação e etc. Imediatamente ela disse-me “Carla, vou trazer uma colega minha terapeuta da fala”. Portanto, ela foi lá várias veze com a terapeuta... Portanto há isto, isto é que é trabalhar, não é? E eu disse “epah estou a ter muita dificuldade, ele não come rigoro”... Era um menino com autismo, portanto “ele não come nada”, não... Os... Várias problemáticas, eu preciso de ajuda ali. O segurar etc. Perguntei eu “achas que tenho que fazer uns talheres”. Aqueles talheres próprios para eles, e ela disse “vá vamos pedir ajuda” e então levou uma terapeuta da fala, estive lá primeiro comigo sozinha, depois foi lá, observou

Educador

Trabalho de equipa dentro da ELI

Práticas de apoio à participação

Eu tenho dois que é a educadora e outros dois que é a terapia da fala.

Educador

Trabalho de equipa dentro da ELI

Práticas de apoio à participação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Não, não. Por exemplo, o menino prematuro, a problemática dele neste momento... As dificuldades, as áreas menos fortes era a linguagem, portanto a técnica de caso ou a gestora de caso, responsável de caso é terapeuta ocupacional, disse-me... E eu disse “olha ele tem três anos e eu noto em termos articulatórios, mas nós normalmente, o que é que tu achas?” Ela disse “eu vou pedir a uma colega terapeuta da fala para o vir avaliar”, a terapeuta da fala veio avaliar, já o avaliou, foi a casa, avaliou-o no espaço casa e espaço escola. E depois o que é que aconteceu? Criou material, viu as dificuldades, viu as... As palavras, criou jogos, criou trabalho, deixou para mim e para casa, agora sai. No final eu disse quando é que nos voltávamos a avaliar, fizemos os timings e ela volta... Deixou-nos tudo pronto. Não precisa... Agora é assim, eu não sou rico em espaços... (risos) Mas pelos vistos sou rica em pessoas.</p>	Educador	Trabalho de equipa dentro da ELI	Práticas de apoio à participação
<p>. Há ali umam diferença que às veze parece o pai e o filho... E nessa conversa chegamos a conclusão que ele iria ser avaliado e então veio a psicóloga da equipa de intervenção precoce e que está a começar a avalia-lo agora, portanto esse trabalho em feito pela equipa.</p>	Educador	Trabalho de equipa dentro da ELI	Práticas de apoio à participação
<p>Nós também temos apoio da psicóloga, neste momento está a fazer várias avaliações.</p>	Educador	Trabalho de equipa dentro da ELI	Práticas de apoio à participação
<p>Mas há sempre um email, uma mensagem “correu bem”, não é? Mesmo quando é na creche, eu mando mensagem “Como é que foi? Correu bem?” E a técnica responde, e diz o que é que achou e pronto, há... Nesse especto, acho que estamos sempre em sintonia. E vamos comunicando, mesmo que não seja presencialmente, conseguimos fazer essa articulação.</p>	Pais	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
<p>É assim, da minha parte, também. Sempre que vão à escola, depois acabam sempre por, às vezes, assim que saem dão-me o feedback de como é que correu.</p>	Pais	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
<p>Eu, a única coisa que diria, seria que ajudasse o miúdo a ser autónomo. Acho que o principal receio de qualquer pai é o que é que acontece um dia, quando eu desaparecer, não é? Está ele preparado para se conseguir organizar sozinho? Terá, a nível de estrutura familiar, porque isso também é muito importante, às vezes, porque há casos em que existem irmãos e os irmãos não têm as mesmas limitações e, portanto, por vezes, conse... Há sempre aquela garantia de que pelo menos o irmão está aqui e vai... No futuro, se for preciso, apoiar, etc, etc. Agora... Acho que o principal receio é sempre esse. Que é? O que acontece no dia em que a gente saia da vida deles? Porque, não é? É o rit... É o rumo natural da vida, não é? Eles, eventualmente, vão estar sozinhos e portanto, como é que? Que estruturas é que eles têm de apoio? Que formas é que ele aprendeu ao longo da vida para se organizar e para conseguir fazer as coisas do dia a dia dele? E, portanto, acho que a autonomia é das principais coisas que eles... Que um técnico tem de os ensinar, não é? Portanto...</p>	Pais	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Ter uma vida o mais normal possível. Até porque, o facto de, por vezes, terem irmãos, acaba por ser um pouco ingrato porque os irmãos... Eu também vejo isto por mim, não é? Eu tenho uma filha mais velhinha... E ela sente muito este peso. E é muito ingrato. Ela não pode crescer com esta responsabilidade. Ela tem de crescer com as preocupações natas da infância dela. E eu, a minha filha cresceu muito... Obrigada...</p>	Pais	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Dizer que neste momento o meu filho tem dois anos e meio. E precisa de passar pelo maior número de experiências possíveis para adquirir o maior número de conceitos que as outras crianças adquirem de forma natural, não é? Portanto, o que eu esperava do técnico, é que no contexto de... Nos contextos de vivência do meu filho. Casa, a Creche, parque, portanto, à volta do bairro. O técnico pudesse passar-lhe e passar-me a mim também, como mãe, estratégias para a mobilidade, para desenvolver a autonomia dele, não é? Ele ainda não come sozinho, rejeita os alimentos novos, porque não os vê, não é? Portanto, a introdução ao pré-Braile, que é muito importante</p>	Pais	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>mas olhe nesse sentido, que da nossa experiência... A minha experiência também, é que às vezes nós facilitamos um bocadinho... O sucesso das coisas, não é fácil para a família e também muitas vezes não é fácil para as colegas que também têm algumas dificuldades e que sentem...E ajuda, às vezes até filmamos certas coisas que os pais dizem “não é possível que ele já faça isso no jardim de infância” ou, às vezes, o comportamento é diferente e ajuda também a melhorar e a ter a atitude que às vezes é possível, dar o passo para modificar a atitude da família frente, por exemplo, estou a lembrar-me da parte da autonomia... E eu acho que até nisto nós temos aqui um papel muito importante, ajudar as famílias, ajudar as educadoras, e moderar um bocadinho...</p>	Profissional	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
<p>Mediador</p>	Profissional	Articulação entre escola-família	Práticas de apoio à participação
<p>E no jardim de infância é mais ou menos à mesma coisa, há educadoras que mesmo que não estejam o tempo todo envolvidas, fazem questão de falar e às vezes fala-se imagine, a dificuldade é que ele ainda não marca a presença e sugerem-se ali estratégias e na semana seguinte vou e no momento das presenças diz “olha já faz”. Quando são pequeninos, não é? “Olha ela já vai, então aquilo acho que é... Para mim aquilo é o ideal...</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Eu não preciso de ver, para mim o que eu gosto e fico feliz é... A sessão ideal seria em domicílio haver uma conversa com a família inicial, né? Contar as coisas e acontece muitas vezes, e qual é a preocupação, se for alguma coisa que no momento se pode modelar fazer isso, e já me aconteceu muitas vezes na semana a seguir ou nos 15 dias a seguir quando cheguei a criança já consegue fazer aquilo que se falou...Para mim isso é o ideal, porque dou os parabéns à família e não preciso de rever, já consegue e fico muito feliz. Às vezes imagine, contactam-me “já viu ontem três passinhos”, pronto, é isso...</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>Acho que a descrição que se pretende aqui... E acho que já foi até partilhada por algumas de vocês... É um domicílio, está o pai e mãe, chegamos fazemos um ponto de situação de como é que correu a semana anterior, a estratégia em cima na mesa foi trabalhada, não foi, ela queria estar um pouco com a criança, ver se realmente, para além da conversa com os pais, como é que correr, qual é o nova preocupação, mantém-se a mesma. Então vamos praticar aqui uma modelagem e fica já o trabalho de casa para a semana seguinte e depois na semana seguinte. Isto é o ideal, né?</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Eu por exemplo hoje eu cheguei... A semana passada não foi a contexto, fui hoje... E a primeira coisa que a educadora me disse foi “olá seja bem-vinda”, do género, não vieste a semana passada... E ela lá geriu o grande grupo, mas depois veio ter comigo e disse-me “nós tivemos aquela reunião com a família acerca de duas semanas e meia e a mãe está a cumprir com as estratégias que nos demos e eu estou a seguir com aquilo que nos combinamos, a manina deixou a fralda e até está mais envolvida nas atividades de motricidade, de tudo...” E aquilo para mim, foi óti... Foi o ideal, pronto, eu chegar, não fiz nada com a criança, não é? Eu falei com a educadora e conseguimos perceber que aquele objetivos que tínhamos traçado tinham sido atingidos, pronto.</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>E vai-se escolher uma na rotina do jardim de infância para ser trabalhado. Eu vou ao jardim de infância para perceber aquele momento que corre mal. Está a correr mal, porque é que está a correr mal? Que variáveis é que reforçam para aquele momento correr mal? E que variáveis é que podemos mudar para que corra melhor e estipulo com o educador o que é que vamos fazer... E posso lá ir duas, três vezes, quadro vezes, as vezes que forem necessárias para ajudar e para dar estratégias e até para implementar as estratégias para que corra melhor. Mas o meu objetivo, não sei se estou a fazer bem... (risos) Até posso estar a fazer tudo mal, estou aqui a dizer o que faço e posso estar a fazer tudo mal. O que eu vou tentar... Criar estratégias juntamente... De acordo com ela para que aquilo corra melhor, mas o meu objetivo não é que eu continue lá a ir ano letivo todo... Portanto, não vá lá desde outubro até julho eu fazer, porque eu não sou funcionária do jardim de infância, senão tinha que ir aos 16, a todos os jardins de infância, portanto, é que a educadora, a auxiliar, quem está no contexto passe a fazer e a dar autonomia à criança para aquilo passar a correr melhor... Portanto irei um ou duas vezes ou três as necessárias para a educadora aprender, ganhar competências, perceber, sentir que é capaz, começa a fazer, não é? Passo a ir ver, vejo... Até a coisa começar a correr bem, até ela começar se sentir autónoma e ela faz sozinha. E está ultrapassado aquele momento...</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Cada um possa fazer... Ajudar, às vezes, agente dar alguma dica, que a mãe não sabe... Olha agora não sei, olha para nós, olhe sugestão... Portanto que exista ali uma interação, uma partilha que leva a concretização daquilo que se pensou...</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>É poder combinar uma seria de objetivos e depois conseguirmos ver.... Fa - Que há mudança... Noutros contextos, com outras pessoas.</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Mas mesmo assim às vezes, pegando assim pelas pontas, às vezes até surte algum efeito... Não imediato...</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>O ideal era... Por exemplo, eu tenho um caso complicado, era a família mostrar-me também aquilo... Eu faço e vai-se lá modelar e era depois numa outra sessão era... De facto, como naquela, nesta situação, era a família... Fazer ela aquilo que faz durante a semana que é suposta fazer... Eu pergunto, “sim, sim, na bola, sim ela gosta muito da bola”.</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Eu também vejo isto um bocadinho assim... Este menino que eu tenho do... tenho vários meninos do espetro, mas este menino do espetro que temos conseguido muitas coisas com ele e lembro-me de uma situação. Eu sou uma pessoa que confia muito nos pais, tenho grandes desilusões muitas vezes, mas eu gosto de confiar muito e ter a desilusão. Mas a minha perspetiva é confiar sempre, pronto, e é isso que eu passo a eles e acho que eles sentem isto, que é sempre confiar na palavra dos pais... Até ter a desilusão, pronto... E então eu lembro-me de criar um sistema de comunicação por cartões para o menino, porque ele fazia grandes birras e a transição de... Entre as várias atividades era terrível, e fizemos uma série de cartões e criou-se o cartão do “sim” e do “não”, com as cruzes e com a palavra por baixo, o “não” e o “sim” e tinha a palavra. E ele nunca queria tomar banho lá em casa... E deu-se o “não” à mãe com a cruz e dizia “não” e o “sim” ... E um dia a mãe chegou e disse assim “vá vamos lá tomar banho” e ele “não não não” e a mãe lembrou-se daquilo, foi à carteira tirou e pôs-lhe “sim sim sim”, e ele “sim sim sim”, tomba, já está! Despiu-se, entrou dentro da banheira e a mãe disse “ah não acredito, eu não acredito”, depois na reunião esteve comigo “eu não acredito, isto resulta, o miúdo não é normal” (risos) E pronto a partir daí começou a utilizar os cartões. Isto para mim é um sucesso enormíssimo, e acho que para a mãe também, isto foi atingir-se um objetivo e é...</p>	Profissional	Estratégias para o adulto	Práticas de apoio à participação
<p>Dizer que estamos ali para fazer esse levantamento também, no meio de outras informações que vamos dando...</p>	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
<p>E que... Estar com... Ajudar... Não queria dizer esta palavra, não é ajudar... É ultrapassar aqui dificuldades que sintam em relação a educação, ao desenvolvimento do filho, estar com... A pensar me conjunto...</p>	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
<p>E importante, acho é esclarecer o meu papel enquanto técnico... Vai ser ajudar-vos a ter ferramentas, para serem vocês o elemento ativo da mudança na vida do vosso filho. Não vou ser eu que vou ser, são vocês que vão ser, nós ajudamos a eles terem mais ferramentas, seja educadores, seja os pais...</p>	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
<p>Não há terapias de um para um, temos terapeuta da fala, sim, não vamos à terapia da fala, é sempre intervenção precoce. Mesmo quando se dá esta informação logo de início...</p>	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
<p>Somos parceiros de trabalho... Que eles fazem parte da equipa.</p>	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
<p>Geralmente digo “olhe nós somos uma equipa, temos um dia que nós reunimos todos e aí debatemos as nossas dificuldades e aquilo que temos em mão”, os meninos, as necessidades e todos contribuimos para o mesmo. E que os pais e os educadores também serão envolvidos... Nessa participação e que têm que ser um agente ativo e estamos ali para nos ajudar mutuamente a encontrar soluções para o caso.</p>	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Temos uma equipa de retaguarda que também estará disponível para colaborar naquilo que for necessário. A minha disponibilidade perante as situações que vos causam mais stress, perante as quais existam mais preocupações... Que entretanto falaremos sobre isso...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Então nós somos uma equipa, todos nos estamos aqui para trabalhar para o mesmo, o modelo é nesta lógica de partilha, de... Eu normalmente até digo trabalho para casa. Porque é uma forma claro de dizer que também têm que se desenvolver e trabalhar. E que estamos ali para apoiar e ajudar a desbloquear as situações que vão surgindo.	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Independentemente das decisões que sejam tomadas ou que sejam lançadas, estamos aqui a trabalhar todos em conjunto e a decisão final é da família.	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Também dou essa informação, é a última palavra, vai na sequência de... É um processo que trabalhamos em conjunto nesta lógica de dar as ferramentas e de... Que ninguém substitui ninguém, trabalhamos todos para o mesmo e a qualquer momento, também se, se... Esperamos que seja por ter superado as dificuldades, pode retirar o consentimento, se for por outros motivos também pode, nós não podemos trabalhar sem o vosso consentimento.	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Também sinto que aquilo que temos vindo a falar, as famílias, muitas vezes esperam que nós tenhamos respostas para tudo... E receitas para tudo e também é importante dizer que vamos pensar me conjunto, vamos refletir, vamos pedir ajuda, senão acaba por ser mesmo dar receita ou “digam lá vocês é que sabem”, “vocês é que são os técnicos”... Desmontar também um bocadinho essa ideia que tem sido o nosso historial...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
É dizer que fazemos parte de uma equipa... Estas questões vão ser decididas em equipas. Para não partirem do princípio que está tudo centralizado em nós...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Normalmente também fazemos um levantamento das necessidades deles, das preocupações...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
E também sensibilizá-los, não é? Quando acaba o processo que a P* está a falar... Sensibilizar o que é su... O que é esperado para a idade, o que é suposto acontecer, ou ver se os pais não relacionam e imaginam uma dificuldade na alimentação com a linguagem e explicar...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Sim, é informar, esclarecer...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Sim, sim, mas isso também... Mas isso da minha parte também faço... Sem ser... De uma maneira...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Muitas vezes o que nós fazemos é que haja o tentar ver com os pais as vantagens e as desvantagens de...	Profissional	Informação/expetativas	Práticas de apoio à participação
Isto demorou muito tempo, demorou meses, meses... Aliás foi um caso para discutirmos na equipa e que também não foi nada decidido por mim, era com a ajuda dos colegas podíamos... Que me ajudavam a sugerir algumas coisas, a mudar outras e acho que é o interesse como a colega dizia de trabalharmos em equipa e de todos podermos ajudar, não é? Porque não é fácil passamos por situações que...	Profissional	Trabalho de equipa dentro da ELI	Práticas de apoio à participação

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

<p>É o que eu digo às vezes temos que ser chatas, a educadora não tem tempo, vou auxiliar, a mim tem que ouvir. E em casa igual, quantas vezes eu pego na criança e vou atrás da mãe, está a fazer a sopa, agente vai ver o que é que a mãe está a fazer, aproveita-se logo para ver na cozinha, para brincar com o que houver, mas que esteja envolvida.</p>	<p>Profissional</p>	<p>Estratégias para envolver o cuidador</p>	<p>Práticas de apoio à participação</p>
<p>Ele vai um bocadinho dentro do que as colegas já disseram, no con... O que eu sinto, neste momento, é que eu... No contexto educativo, as educadoras já... Como perceberam já para que é que eu vou, que têm... têm um programa para me ouvir, e a primeira coisa nem sequer vou logo ter com a criança ou... há logo uma partilha de informação do que é que aconteceu naquela semana... As evoluções que fez ou o que é que correu mal. Eu consigo já isso com as educadoras, mas pronto, depois estou sempre um bocadinho... Ou porque vão tomar café ou porque há muito trabalho para fazer e acabo por entrar ali na área em que a criança, em que a criança está e tento envolver os outros, se for... Depois de acordo com o objetivo que nos também definimos.</p>	<p>Profissional</p>	<p>Estratégias para envolver o cuidador</p>	<p>Práticas de apoio à participação</p>
<p>Eu digo à criança “e a mãe, onde está a mamã, vamos ver a mãe o que está a fazer, anda, anda”...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Estratégias para envolver o cuidador</p>	<p>Práticas de apoio à participação</p>
<p>Mas fica lá a pensar, eu ponho assim, porque tenho uma mãe que na altura falava de preocupações, falava-me em estratégias e depois não as ponha na prática... Eu ia reforçando com a sensibilização, a informação... Dai a três meses, a falar do objetivo que agente falou. E então nessa altura é que ela começou a estar consciente e por na prática. Há que ter em conta, têm limites e não se pode forçar mais, é respeitar isso... E quando me fala... “Boa, está a jogar à bola”. É reforçar e continuar outra vez...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Família enquanto decisor</p>	<p>Práticas de apoio à participação</p>
<p>Também isto secalhar advém do facto de estar agora nesta área, mas fiz ao meu ritmo e há coisas que eu penso... Olha eu adquiri nesta fase, e posteriormente esta criança, mas o que está escrito diz-me que já devia ter sido antes, então mas eu adquiri depois, e fazer este exercício também para nos ajudar a balançar e às vezes também não o exigirmos, é o tal respeitar também o ou... Também o tempo e também não estarmos a por muita pressão nesta família, que já tem aquele dilema, e aquela situação para...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Família enquanto decisor</p>	<p>Práticas de apoio à participação</p>
<p>Pois, e existe às vezes até que nós coloca... Que nós achamos sempre... Às vezes pensamos será que é melhor... Mas olha eu já tive um caso de uma família que aí foi flagrante. A mãe não queria que eu desse relatório, nem sinalização para o apoio ao domicílio, houve francas evoluções da criança, ela achou sim que tinha que ir para o jardim de infância, que era muito importante e a médica de família também estava muito preocupada com aquele miúdo e pediu-me para eu ir lá reunir... Eu disse a mãe, pronto e tal... E ela disse-me “olhe ela pode dizer o que quiser sobre o meu filho, mas eu não vou”... Eu expliquei-lhes e disse “então o que acha importante eu falar”, tentamos ver também... E depois a médica de família disse “olhe sabe o que é, é que eu estou aqui num dilema, o irmão também era a mesma coisa, e agora está na universidade, é um jovem que ... Portanto, esta família é mesmo particular” e não sei que... E isto as vezes nós questionamos, quer dizer, será que vai ser, tudo depende... Tudo depende, não é? Dos contextos, para que escola vai, quem é a professora investe ou não investe...</p>	<p>Profissional</p>	<p>Família enquanto decisor</p>	<p>Práticas de apoio à participação</p>

Perceção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Mas sinceramente, eu aceito que é assim, que é o que aquela família precisa de nós é isto... E eu não vou impor objetivos de trabalho se eles não tem preocupações, né? Eu posso dizer, claro, é importante mobilizar a criança, e digo e confio que a mãe o faz, mas além disso... Não vou mais além disso...	Profissional	Família enquanto decisor	Práticas de apoio à participação
Sim, este... Eles são sempre livres de se não necessitarem mais no nosso apoio de... Cessar o apoio, porque, às vezes, muitas vezes famílias dizem “nós agira se começamos temos que continuar”... Não.	Profissional	Família enquanto decisor	Práticas de apoio à participação
Pais que não quiseram que eu pusesse essa informação nem tão ponto dizer que eles usufruíram de intervenção precoce, e eu respeitei, pronto... Os pais penso que têm a sua soberania e temos que respeitar as vontades deles, às vezes poderá pôr-se... Em causa se são ou não negligentes. Se estamos a compactuar com alguma situação que não seja tão boa, mas pronto vamos tentar fazer o nosso melhor... E aí respeitar a vontade dos pais também é o que... A minha prática e tenho isso em conta, sempre...	Profissional	Família enquanto decisor	Práticas de apoio à participação
E aliás, por vezes há pais que não querem sequer que nos façamos relatório e que seja entregue e nós respeitamos também...	Profissional	Família enquanto decisor	Práticas de apoio à participação
Mas se os pais disserem que não querem que a criança vá para o 3/2008, não vai...	Profissional	Família enquanto decisor	Práticas de apoio à participação
O problema depois é que dentro do primeiro ciclo isso desaparece! Porque nós, por exemplo, este ano, estamos a quatro meses de... De per... Em termos da ELI, não é? Portanto, provavelmente, haverá uma ou outra situação, por isso é que também vamos à consulta aqui no Hospital do Barreiro... Para ter alguém que se sirva de apoio quando... Quando for necessário, não	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI
É que mesmo o próprio professor de Ensino Especial, com sete miúdos, tendo, cada um deles, o seu tipo de ritmo, o seu tipo de situação... E muito difícil também uma pessoa só, num espaço de... Desse aula, trabalhar com sete miúdos ao mesmo tempo.	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI
Eu falei um pouco por alto, ao nível da limitação ao nível da idade, dos miúdos. Ou seja, ele entrou para o Primeiro Ciclo e as ELI's deixam de poder estar a acompanhar. E, por exemplo, no nosso caso, estamos a falar do mesmo edifício, não é? Em que existe uma separação numa parede, de um lado está o Primeiro Ciclo, do outro lado tá o Pré-escolar e pode-se intervir de um lado mas, do outro lado, possivelmente, só se houver necessidade disso e o técnico não terá qualquer problema em se deslocar ao outro lado e tentar resolver as coisas, não é? Mas a questão é... Os miúdos entram no Primeiro Ciclo e deixam de ter apoios...	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Ou seja, quem os acompanhou, naquela fase mais importante e quem já conhece. Quando realmente o miúdo já conhece a pessoa e quando a pessoa já sabe como é que o miúdo funciona. Não entraste no primeiro ciclo e agora... Ou seja, durante um ano e meio, dois anos, a pessoa teve ali quando, por exemplo, no meu caso, que é o agarrar-se á pessoa, o ter confiança na pessoa... A pessoa quando já faz parte do ciclo dela, é quando tiram aquela pessoa da vida do miúdo?! E até pode vir a aparecer outro tipo de apoio! Nós...

Lá está, tentar ver que tipo de soluções é que aparecem. Mas, aquela pessoa até conseguir fazer alguma coisa com o meu filho, vai precisar de muito tempo que, nos hospitais públicos, será uma consulta hoje e uma consulta daqui a seis ou sete meses, não é? Não têm condições para resposta a isso. E eu acho que é curto! Eu acho que aquilo que existe até ao final do pré-escolar, devia de, pelo menos, existir até ao final do Primeiro Ciclo, não é?! Porque, a partir dos nove, dez anos, provavelmente, já se consegue, com os miúdos ter outro tipo de ação. Agora, um miúdo com cinco anos e um miúdo com seis anos são exatamente o mesmo miúdo! Não é? Não é porque passou um ano para o outro, que o miúdo passa a ter mais competências ou menos competências para... Para resolver situações que... Que tenha limitações, não é? E, portanto, quer dizer, acho que é curto, nesse aspeto. Acho que o prazo devia ser... O prazo em que podem... Acompanhar deveria de ser mais alargado. Eles com quatro, cinco anos são “tão pequenos” não é? E nós olhamos para um miúdo que esteja no Primeiro ciclo e um miúdo que esteja no final do quarto ano do pré-escolar e a diferença não é muita! Não é? E, portanto, não, acho que era das situações que poderia e deveria de ser revista, porque acho que não é... A partir dos cinco anos, como estão na escola, o professor que resolva. Não é? Pela mesma lógica, até aos cinco anos, o pré-escolar é obrigatório, portanto, a partir dos quatro anos já não precisa de estar o educador, não é? E se formos por aí, antes disso há os pais, então já não é preciso apoio nenhum, não é?! E, qualquer dia, retira-se os apoios todos porque, então, estava sempre alguém para resolver o problema! E, eu acho que não por... Uma questão que se chega aos cinco ou seis anos que...

Uma enormidade de gente	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI
Mas essa pessoa não está a trabalhar. A pessoa, quando vier, não irá estar permanente, segundo o que eu tenho... Permanentemente... A pessoa funciona como um apoio, após as aulas, da professora que está afeta à sala! Portanto, lá está, é estas situações que... Que... Que, que, que têm de ser revistas, mas já são...	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI
Para todos... Para as crianças que precisam, para aqueles que não necessitam e têm que gerir e para a própria professora conseguir gerir tudo isto. E estou-lhe a falar que a turma depois está partida em dois anos letivos. Um de terceiro ano e um segundo ano, com estas situações...	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI
Têm a Educação especial mas...	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

A Educação Especial, e lá está... Depois é uma situação que depois tem muitas lacunas. A Educação Especial, porque nem todos os professores estão vocacionados para... Depois as turmas, para além de serem reduzidas, ainda são muito grandes, e os meninos acabam por andar sempre nesses... A forma como está feita a Lei, devia de ser revista, porque na prática, da forma como estava, não resulta, de forma alguma.

Eu vejo pela minha filha mais velha que tem alguns meninos nalgumas situações que vieram a ser referenciadas posteriormente, à escola, porque nem todos os pais conseguem identificar algumas das situações com os filhos. E a turma tem um professor de Educação Especial mas, lá está, estamos a... O professor está solicitado e ainda não veio, este ano letivo, portanto... E são, numa turma de vinte e seis, sete meninos com necessidades educativas especial, que é uma grande carga...

	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI
Aquilo que eu vou interpretando do pouco conhecimento que vou tendo, é que, a partir do Primeiro Ciclo, é acionado outro tipo de situação será a... Agora falta-me a palavra...	Pais	Preocupação com fim do apoio da ELI	Preocupação com fim do apoio IPI
Eu acho que as duas coisas são importantes.	Educador	Importância igual do tempo com adulto e criança	Tempo criança vs adulto
As suas coisas são importantes!	Educador	Importância igual do tempo com adulto e criança	Tempo criança vs adulto
Também é assim, trabalho só com a criança também não resulta. Porque elas não estão lá das nove às três e meia todos os dias, portanto o trabalho tem que ser sempre em parceria, tem que ser sempre comigo, com criança., com a família e com a técnica, não é?	Educador	Importância igual do tempo com adulto e criança	Tempo criança vs adulto
o tempo que ele passa com a criança	Educador	Importância maior do tempo com a criança	Tempo criança vs adulto
Ah... Eu acho mais importante o tempo que passa com a criança, eles vão lá para estar... Não é?	Educador	Importância maior do tempo com a criança	Tempo criança vs adulto
Eles vão lá para trabalhar com a criança.	Educador	Importância maior do tempo com a criança	Tempo criança vs adulto

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

A minha experiência depende, às vezes não, às vezes sim, outras vezes não... É mais usual haver uma troca de informações após, mas muitas das vezes, imagine se eu estou trabalhar com um grupo e entretanto ela chega, ela não interrompe... Ou seja eu não interrompo e ela sabe que eu não gosto de ser interrompida e portanto ela entra pronto... E... Pronto, é o tal respeito por aquilo que está a ser feito. Pronto, integra-se, se for para trabalhar mais individualizado com a criança pergunta se a criança quer ir com ela, mas sempre sem perturbar aquilo que se está a passar em termos do grande grupo. E por isso aí, nesse sentido, não há conversa antes, mas sim depois sempre que possível trocamos ali algumas informações, aliás porque há sempre normalmente coisas em relação a casa, ou reuniões que temos que marcar com os pais ou... Pronto... Ou se já tem o relatório daqui ou se já tem... Há sempre aquelas intervenções...

	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
No início (conversa connosco)	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Há sempre tempo para o famoso cafezinho (risos) Uma conversa informal que a sala muda de gabinete, né? E transforma-se em refeitório, ali o nosso espaço e há sempre espaço para isso, não é?	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Com quem mais tempo durante a sessão é com a criança. Mas neste de estar... No após de estra com a criança por norma há sempre... No início e no final uma conversa connosco	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Ah, connosco. Eu diria para aí um quarto de hora talvez... Dez minutos.	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
É dez minutos, um quarto de hora. É o tempo do cafezinho	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Se assim não acontece, porque não está a correr assim nada oportuno. Ou há necessidade de fazer assim algo específico com aquele menino isto depois é partilhado no final, o que é que foi feito, de que forma, o que é que correu melhor ou que é que não correu tão bem. Portanto para mim isto, eu não sei se há melhor que isto, secalhar existe, mas para mim está muito bom, está quase perfeito. Pronto...	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
E depois comigo também é... Se passa... Mas pronto isso tem haver com a minha maneira de trabalhar. Não é? Eu não gosto de falar da criança à frente da criança como se a criança não estivesse lá... E portanto sempre que há esta troca de informação eu saí da sala...	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
E eles então percebem logo. E estamos satisfeitas com os progressos, as evoluções que deram.	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Eles já sabem, os meus já sabem (...) Já sabem que vou sair da sala com os profissionais	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Essa questão de quando entra a criança é sobretudo em termos comportamentais, ou seja, pronto eu tenho lá uma questão este ano que é mesmo comportamental, tudo o que tem haver...	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Sobretudo em termos comportamentais	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Que estamos todos a trabalhar para o mesmo	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
A criança no fundo acaba por... Mas, a seguir vai... Este ano acaba por ter este privilégio de ter este horário e portanto eles vão para o refeitório e nós podemos ficar ali...	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Comigo esta questão não se coloca porque ela está a ir num horário de final de manhã, portanto eles saem para ir para o refeitório e portanto é muito mais facilitador, mas às vezes é necessário que esta conversa seja feita à três, até porque há algumas questões que são depois partilhadas com a própria criança e quando acabou o momento que tem de ser o três, porque... Ou porque é importante fazer o reforço de alguma aquisição de foi adquirida ou porque é preciso chamar a atenção de alguma coisa que não está tão bem e ele perceber que...	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Não, eu às vezes quando há alguma aquisição e há este reforço de algo que foi conquistado, não é? É importante que ele esteja aqui presente e perceba que estamos todas satisfeitas.	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
É aquela troca de informações, como é que ela passou a semana, como é que está, quais tem sido as dificuldades que sentimos mais. É um bocadinho isso... Que trabalho é que estamos a fazer...	Educador	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Sim, no final de sessão, temos um tempo sempre para nós. Até para discutirmos o resultado daquele dia de trabalho e até agilizar tarefas para a sessão seguinte. Sim, temos sempre algum pouco de tempo só para nós pais.	Pais	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
acho que sim/ "com a criança"	Profissional	Mais tempo com a criança	Tempo criança vs adulto
Eu no contexto educativo acho que é mais sempre com a criança,	Profissional	Mais tempo com a criança	Tempo criança vs adulto
Depende também do momento da intervenção, não é? Porque há momentos para tudo, mas se formos a analisar todo o percurso, secalhar com a criança.	Profissional	Mais tempo com a criança	Tempo criança vs adulto
Criança.	Profissional	Mais tempo com a criança	Tempo criança vs adulto

Percepção sobre a Intervenção Precoce na Infância

Com o adulto	Profissional	Mais tempo com o adulto	Tempo criança vs adulto
e no domicílio mais sempre com o adulto. Em norma geral, não quer dizer que sempre seja, mas há essa tendência, acho que os pais quando estão envolvidos precisam mais da nossa atenção	Profissional	Mais tempo com o adulto	Tempo criança vs adulto
Posso ser chata, mas vou lá... (risos) “Ah fiz, um dia correu bem”, “ah não tive tempo...” Pronto, então não tive tempo importante, olhe importante, agente reforço... Mas é o que digo muitas vezes, nós temos limites, nós temos o nosso papel, mas também não podemos ficar loucos quando não conseguimos, não é? Agente ajuda aquilo que nós deixam e depois a partir daí...	Profissional	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
E uma condição maior nisso que tu dizes... Depois, às vezes, nem no final se fala com a educadora, mas eu faço questão de ir lá... “Então experimentou fazer?”	Profissional	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Exatamente, exatamente	Profissional	Tempo com cuidador antes ou no final da sessão	Tempo criança vs adulto
Não, é só a ELI... Não. (...) Eu cheguei... Eu e o meu marido chegamos a consultar algumas entidades privadas, mas o processo da equipa de Intervenção Precoce a nível estatal, foi tão rápido que foi pa... Conseguimos ter respostas desta primeira entidade que das particulares e portanto, como estamos tão satisfeitos, acabamos por não adquirir outra, porque também...	Pais	Apoio exclusivo da ELI	